

A MODERN FAERIE TALE

VALIANT



#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR
HOLLY BLACK



Roco

Tradução de Alda Porto

HOLLY BLACK

*Para meu marido, Theo,
porque ele gosta de garotas angustiadas, iradas*

Prólogo

*Pois aprenderei com a folha e a flor
Com cada gota que elas contêm, aquela cor
Para mudar o vinho de morta dor
Em ouro vivo.*
— Sara Teasdale, *Alchemy*

A mulher-árvore sufocava em veneno, a lenta seiva, que era seu sangue, queimava. A maioria das folhas já havia caído, mas as restantes enegreciam e secavam ao longo de suas costas. Ela puxava as raízes da terra profunda, longas gavinhas peludas que se retraíam no ar frio de fim do outono.

Uma cerca de ferro circundara-lhe o tronco durante anos, o mau cheiro do metal tão conhecido quanto qualquer pequena dor. O ferro a descascava, enquanto ela arrastava as raízes por sobre a cerca. Tombou sobre a calçada de concreto, as lentas idéias de árvore tomadas de pesar. Um ser humano que passeava com dois cachorrinhos trombou na parede de tijolos de um edifício. Um táxi parou chiando e buzinou.

Longos galhos tropeçaram numa garrafa quando a mulher-árvore se arrastou para se desprender do metal. Ela olhou fixamente o vidro escuro que rolou para a rua, vendo pingar do gargalo um resto do veneno amargo. Observava o rabisco conhecido na pequena tira de papel presa com cera. O conteúdo daquela garrafa devia ter sido um tônico, não o instrumento de sua morte. Ela tentou se erguer mais uma vez.

Um dos cachorros começou a ladrar.

A mulher-árvore sentiu o veneno agindo dentro de si, sufocando-lhe a respiração e fazendo com que sentisse tontura. Andara rastejando em algum lugar, mas não conseguia lembrar onde. Manchas escuras e verdes, como hematomas, brotavam ao longo de seu tronco.

— Ravus — ela sussurrou, a casca dos lábios rachando-se. — Ravus.

Capítulo 1

*Agora, aqui, entende, é necessário correr o quanto for possível,
para permanecer no mesmo lugar. Se quiser chegar a algum
outro canto, precisa correr pelo menos duas vezes mais rápido!*
— Lewis Carroll, *Do outro lado do espelho*

Valerie Russell sentiu uma coisa fria tocar suas costas e, girando o corpo, golpeou-a. Seu tapa tocou em carne. Uma lata de refrigerante atingiu o piso de concreto do vestiário e rolou, um pegajoso líquido marrom formou uma poça, ainda efervescente. Outras meninas ergueram os olhos das malhas de ginástica que vestiam e começaram a dar risadinhas nervosas.

As mãos erguidas simularam uma rendição, Ruth riu.

— Foi só uma brincadeira, Princesa Badás de Badássia.

— Desculpe — Val forçou-se a dizer, mas a súbita onda de raiva não se dissipara inteiramente e ela sentiu-se como uma idiota. — O que você está fazendo aqui embaixo? Achei que ficar perto de pessoas suadas lhe dava alergia.

Ruth sentou-se num banco verde, parecendo exótica num antiquado paletó de smoking e numa longa saia de veludo. As sobrancelhas como finas linhas de lápis, os olhos contornados com delineador preto e sombra vermelha, que a faziam parecer uma dançarina japonesa de kabuki. Os cabelos negros brilhavam, mais claros nas raízes, e entremeados de tranças púrpuras. Ela deu uma profunda tragada no seu cigarro de cravo-da-índia e soprou a fumaça na direção de uma das colegas de time de Val.

— Só o meu próprio suor.

Val revirou os olhos, mas sorriu. Teve de admitir que fora uma resposta fantástica. Val e Ruth eram amigas havia uma eternidade, por tanto tempo que Val se habituara a ser a obscurecida, a “normal”, a que criava as piadas, não a que as contava. Gostava desse papel; sentia-se segura nele. O Robin do Batman de Ruth. O Chewbacca do Han Solo da amiga.

Val abaixou-se para retirar os tênis com um chute e viu-se no pequeno espelho na porta do seu escaninho, mechas de cabelos alaranjados escapando de uma bandana verde.

Ruth tingia o cabelo desde a quinta série, primeiro de cores que se compravam em embalagens no supermercado, depois em belos e loucos

tons, como verde-sereia e fúcsia-poodle, mas Val só tingira os seus uma vez. Fora um castanho-avermelhado comprado em loja, apenas mais escuro e forte que sua própria cor clara, mas, mesmo assim, aquilo acabou gerando a maior confusão. Naquela época, sua mãe punia-a toda vez que ela demonstrava estar crescendo. Não queria que usasse sutiã, nem saias curtas, e não queria que ela namorasse antes de chegar ao ensino médio. Agora que ela já estava no ensino médio, não mais que de repente, a mãe lhe empurrava maquiagem e conselhos sobre namoro. Mas ela se habituara a prender os cabelos para trás, sob bandanas grandes, usar jeans e camisetas, e não estava a fim de mudar.

— Consegui algumas estatísticas para o nosso projeto de controle da natalidade e selecionei alguns nomes em potencial para o boneco que a gente vai ter que fazer. — Ruth tirou do ombro sua gigantesca bolsa de mensageiro. A aba da frente era manchada de tinta e enfeitada com botões e adesivos, um triângulo rosa descascado nas pontas, um outro com letras escritas à mão: “Ainda não sou rei”, um menor onde se lia: “Algumas coisas existem, quer a gente acredite nelas ou não” e mais uma dezena.

— Eu estava pensando se talvez você não quisesse aparecer lá em casa de noite para a gente trabalhar nisso.

— Eu não posso. Tom e eu vamos ver um jogo de hóquei, na cidade, após o treino.

— Você um dia ainda vai transformá-lo num menino — disse Ruth, enrolando uma das tranças roxas em volta do dedo.

Val franziu a testa. Não podia deixar de notar a má vontade na voz de Ruth quando falava sobre Tom.

— Acha que ele não quer ir? — perguntou. — Ele te disse alguma coisa?

Ruth abanou a cabeça e deu outra rápida tragada no cigarro.

— Não. Não. Nada disso.

— Eu estava pensando que podíamos ir ao Village depois do jogo, se der tempo. Passear em volta da catedral de São Marcos.

Apenas dois meses antes, na quermesse da cidade, Tom aplicara uma tatuagem adesiva na parte de baixo das costas dela, ajoelhando-se e umedecendo o local com a língua antes de grudá-la na pele. Agora, ela mal conseguia transar com ele.

— A cidade à noite. Romântico.

O jeito como Ruth disse isso fez Val achar que ela queria dizer o contrário.

— Como? O que você tem?

— Nada. Só estou meio distraída. — Ruth se abanou com uma das mãos. — Tantas meninas quase nuas no mesmo lugar.

Val fez que sim com a cabeça, meio convencida.

— Você olhou aqueles registros de chats da internet que mandei para você? Encontrou aquele, para o projeto? Com as estatísticas sobre mães solteiras?

— Ainda não vi. Procuro amanhã, certo? — Val revirou os olhos. — Minha mãe fica *on-line* vinte e quatro horas, nos sete dias da semana. Ela arranjou algum namorado novo na internet.

Ruth fez um ruído como se estivesse se engasgando.

— Que foi? — perguntou Val. — Eu achava que você apoiava o amor virtual. Não era você quem dizia que é o amor da mente? Verdadeiramente espiritual, sem carne para atrapalhar?

— Espero não ter dito isso. — Ruth apertou as costas de uma das mãos contra a testa, deixando o corpo cambalear para trás num falso desmaio. Sacudiu-se de repente, empertigando-se com um salto. — Ei, você prendeu seu cabelo com um elástico? Vai arrebentar os fios. Vem cá, acho que tenho um prendedor de pano e uma escova.

Val deixou-se cair no banco em frente da amiga e deixou-a tirar o elástico.

— Ai! Você está deixando a coisa ainda pior.

— Vocês do tipo atleta não deviam ser mais machonas?

Ruth escovou os cabelos já soltos de Val e enfiou-os no círculo de pano, prendendo-o apertado o suficiente para fazê-la achar que sentia os finos fios da nuca repuxados.

Jennifer aproximou-se e curvou-se sobre o bastão de lacrosse. Era uma garota sem graça, de ossos largos, que frequentava a escola com Val desde o jardim-de-infância. Sempre parecia artificialmente limpa, dos brilhantes cabelos ao cintilante branco das meias na altura dos joelhos e o short sem um vinco. Também era a capitã do time.

— Ei sapatão, leve isso para outro lugar.

— Tem medo de que seja contagioso? — perguntou Ruth meigamente.

— Vai se foder, Jen — disse Val, menos espirituosa e um segundo tarde demais.

— Você não pode fumar aqui — retrucou Jen, mas sem olhar para Ruth. Fitava a malha de ginástica de Val. Tom decorara um dos lados, desenhando uma gárgula com marcador permanente, que subia por uma das pernas. A outra era quase toda coberta com frases ou simplesmente coisas aleatórias que Val escrevera com um monte de canetas diferentes. Provavelmente não era o que Jen considerava um traje normal para as aulas de educação física.

— Não faz mal. Preciso mesmo ir. — Ruth largou o cigarro no banco, abrindo, com a brasa, uma cratera na madeira. — Até logo, Val. Até logo, sapata não assumida.

— Que é que há com você? — perguntou Jennifer suavemente, como se de fato quisesse que Val fosse sua amiga. — Por que anda com ela? Não vê que ela é uma esquisita?

Val olhou para o chão, ouvindo as palavras que Jen não havia dito: *Você é lésbica também? Sente tesão por mim? Não vamos aturar você por muito tempo neste time, a não ser que tome jeito.*

Se a vida fosse como um jogo de videogame, ela usaria seus poderes para tacar Jen para o alto e a derrubaria contra a parede com dois golpes do bastão de lacrosse. Claro, se a vida fosse realmente um jogo de videogame, Val, na certa, teria feito isso de biquíni e teria seios gigantescos, cada um deles formado por polígonos separadamente animados.

Na vida real, Val mastigou o lábio e deu de ombros, mas com as mãos enroscadas em punhos. Já havia se envolvido em duas brigas desde que entrara na equipe e não podia se dar ao luxo de brigar mais uma vez.

— Que é? Precisa que sua namorada fale por você?

Val deu um soco na cara de Jen.

Com os nós dos dedos ardendo, Valerie largou a mochila e o bastão de lacrosse no chão já entulhado de seu quarto. Remexendo nas roupas, pegou uma calcinha e um sutiã esportivo que a deixava com os seios ainda mais chatos do que já eram. Depois, agarrando uma calça preta, que julgou estar provavelmente limpa, e o moletom verde de capuz, da pilha de roupa lavada, saiu para o corredor, os sapatos com chapas de ferro rachando os livros de contos de fada espalhados pelo chão e soltando-os das capas,

deixando um rastro de terra sobre uma série de caixas de jogos de videogame. Ouviu o plástico estalar sob os saltos e tentou chutar alguns para um lugar seguro.

No banheiro do corredor, tirou o uniforme. Após esfregar uma toalha de banho debaixo dos braços e reaplicar desodorante, começou a vestir as roupas, parando apenas para inspecionar a pele esfolada nas mãos.

— Esta foi sua última chance — dissera o treinador. Ela já estava esperando há quarenta e cinco minutos no escritório dele, enquanto todas as outras garotas treinavam e, quando ele afinal entrou, Val já sabia o que o homem ia dizer antes mesmo que ele abrisse a boca. — Não podemos permitir que você continue no time. Sua presença está afetando o senso de amizade do grupo. Temos de ser uma unidade coesa, com apenas uma meta: vencer. Você entende, não?

Ouviu-se uma única batida antes de a porta abrir. A mãe de Val parou na soleira, as mãos, com unhas feitas à perfeição, ainda na maçaneta.

— O que houve com seu rosto?

Val sugou o lábio partido na boca e examinou-se no espelho. Esquecera isso.

— Nada. Foi só um acidente no treino.

— Você está com uma aparência horrível.

A mãe entrou espremendo-se, sacudiu os cabelos curtos e louros, com luzes, para que as duas pudessem se ver no mesmo espelho. Toda vez que ela ia ao cabeleireiro, parecia carregar cada vez mais nas luzes, de modo que o castanho original dava a impressão de estar afogado numa alta maré de amarelo.

— Muito obrigada, droga. — Val bufou, apenas levemente aborrecida.

— Estou atrasada. Atrasada. Atrasada. Atrasada. Como o coelho branco.

— Espere aí.

A mãe de Val virou-se e saiu do banheiro. O olhar dela seguiu-a pelo corredor até o papel de parede listado e as fotografias de família. A mãe como a segunda colocada no concurso de rainha da beleza. Valerie com aparelho de dentes, sentada junto dela no sofá. Vovó e Vovô diante de seu restaurante. Mais uma vez Valerie, agora com a meia-irmã bebê no colo na casa do pai. Os sorrisos nos rostos imobilizados parecendo caricaturas e os dentes excessivamente brancos expostos.

Alguns minutos depois, a mãe de Val retornou trazendo uma bolsa de tecido de zebra, cheia de maquiagem.

— Não se mexa.

Valerie branqueou, erguendo os olhos das tiras de sua mochila verde preferida.

— Não tenho tempo. Tom vai chegar a qualquer minuto.

Não tinha colocado o relógio e, por isso, ergueu a manga da blusa da mãe e conferiu a hora no dela. Ele já estava mais que atrasado.

— Tom sabe como entrar sozinho.

A mãe pôs no dedo um pouco de base grossa de um tom bronzeado e começou a aplicá-lo, delicadamente, sob os olhos de Val.

— O corte é no lábio — retrucou a menina.

Não gostava de maquiagem. Sempre que ria, os olhos lacrimejavam e a maquiagem escorria como se estivesse chorando.

— Você podia usar um pouco de cor no rosto. As pessoas em Nova York se arrumam.

— É só um jogo de hóquei, mãe, não é a ópera.

A mãe deu aquele suspiro, o que parecia insinuar que algum dia Val ia descobrir como estava errada. Passou pó compacto no rosto da filha e depois tirou o excesso. Aplicou em seguida mais pó nos olhos. Val lembrou-se de seu baile de formatura do ensino fundamental no último verão e desejou que a mãe não fosse tentar recriar aquele visual reluzente e pegajoso. Por fim, passou-lhe um pouco de batom nos lábios. Isso fez o ferimento incomodar novamente.

— Acabou? — ela perguntou quando a mãe começou com o rímel. Olhou de lado para o relógio de pulso que mostrou que o trem iria partir em cerca de quinze minutos. — Droga! Preciso ir. Onde está esse menino?

— Você sabe como Tom é às vezes — disse a mãe.

— O que você quer *dizer*? — Val não sabia por que a mãe sempre tinha de agir como se conhecesse seus amigos melhor do que ela.

— Ele é um garoto. — A mãe balançou a cabeça. — Irresponsável.

Valerie pegou o celular da mochila, sem tirá-la das costas, e deslizou a lista de nomes na tela até chegar ao dele. Entrou direto na mensagem de voz. Desligou. Voltando para o quarto, olhou pela janela e avistou as crianças que andavam de skate numa rampa de compensado, na entrada da

garagem do vizinho. Não viu a lata-velha que era o Caprice Classic de Tom.

Telefonou mais uma vez. Mensagem de voz.

— Aqui é Tom. Bela Lugosi morreu, mas eu não. Deixe uma mensagem.

— Você não devia ficar ligando assim. — A mãe a seguiu até o quarto. — Quando ele tornar a ligar o celular, vai ver quantas chamadas não atendeu e quem ligou.

— Não me importa o que ele veja — disse Val, apertando os botões. — De qualquer modo, esta é a última vez.

A mãe de Val balançou a cabeça e, esticando-se na cama da filha, começou a contornar os próprios lábios com um lápis marrom. Conhecia tão bem a forma de sua boca que não precisava se dar o trabalho de pegar um espelho.

— Tom — disse Valerie ao telefone, assim que a mensagem de voz entrou. — Já estou indo a pé para a estação. Não se preocupe em vir me pegar. Encontre-me na plataforma. Se eu não o vir, vou pegar o trem e encontrar você no Garden.

A mãe fez cara feia.

— Acho que não é seguro você ir à cidade sozinha.

— Se não pegarmos esse trem, vamos nos atrasar para o jogo.

— Bem, pelo menos leve este batom.

A mãe remexeu na bolsa e passou o batom para a filha.

— Como isso vai me manter mais segura? — resmungou Val e pendurou a mochila no ombro.

Continuava com o celular na mão, o plástico aquecendo-lhe o punho fechado.

A mãe sorriu.

— Vou mostrar uma casa esta noite. Está levando suas chaves?

— Claro — disse Val. Beijou a face da mãe, inalando perfume e laquê. Deixou uma marca de lábios cor de vinho tinto. — Se o Tom aparecer, diga a ele que já fui. E que ele é um babaca.

A mãe sorriu, mas com uma expressão um tanto constrangida.

— Espere — pediu. — Você devia esperá-lo.

— Não posso. Já avisei a ele que estava de saída.

Com isso, desceu a escada depressa, saiu pela porta da frente até a rua e atravessou a pequena área de jardim. Era uma caminhada curta até a estação e o ar frio estava agradável. Era melhor fazer qualquer outra coisa que esperar.

O estacionamento de asfalto da estação de trem continuava molhado da chuva da véspera e o céu nublado prometia ainda mais água. Quando Val atravessou o estacionamento, os sinais começaram a piscar e tinir em advertência. Ela chegou à plataforma assim que o trem rangeu ao parar, levantando uma lufada de ar quente, malcheiroso.

Ela hesitou. E se Tom tivesse esquecido o celular e estivesse em casa, esperando-a? Se ela partisse agora e ele tomasse o próximo trem, os dois talvez não se encontrassem. Ela estava com os dois ingressos. Talvez pudesse deixar o de Tom na bilheteria, mas ele poderia não pensar em procurar lá. E mesmo que tudo desse certo, ele ia ficar todo mal-humorado. Quando aparecesse, se aparecesse, não teria disposição de fazer coisa alguma além de brigar. Ela não sabia aonde poderiam ir, mas esperava que encontrassem um lugar para ficar a sós por algum tempo.

Mastigou a pele em volta do polegar, quase arrancando o pedaço de uma unha, e depois puxou uma fina tira de pele. Era estranhamente agradável, apesar do minúsculo volume de sangue que se formou na superfície, mas quando o retirou com uma lambida, a pele tinha um gosto mais amargo. As portas do trem afinal se fecharam, acabando com sua indecisão. Viu-o rolar para fora da estação e então saiu andando devagar para casa. Ficou aliviada e ao mesmo tempo chateada ao ver o carro de Tom estacionado junto ao Miata^{1*} da mãe na entrada da garagem. Onde ele havia se metido? Acelerou o passo e abriu a porta com um empurrão.

E ficou petrificada. A porta de tela escorregou-lhe dos dedos, fechando-se com um estrondo. Pela tela, viu a mãe curvada para a frente no sofá branco, a camisa azul-clara desabotoada até a parte superior do sutiã. Tom estava ajoelhado no chão, a cabeça com corte moicano erguendo-se para beijá-la. As unhas pretas, totalmente roídas, às voltas com os botões restantes na camisa dela. Os dois se assustaram com o barulho da porta batendo e viraram-se para ela, os rostos sem expressão, a boca de Tom toda borrada de batom. De algum modo, Val desviou os olhos para trás deles, para as margaridas murchas que Tom lhe dera pelo

aniversário de quatro meses de namoro. Estavam em cima do armário da televisão, onde as deixara semanas atrás. A mãe quisera que ela as jogasse fora, mas Val se esqueceu. Via os caules através do vaso de cristal, a parte inferior imersa em água salobra e formigando de fungos.

A mãe emitiu um ruído sufocado e atrapalhou-se toda para se levantar, fechando a camisa com um puxão.

— Merda! — Tom quase caiu para trás sobre o tapete bege.

Val sentia vontade de dizer alguma coisa cáustica, que queimasse os dois até as cinzas, ali mesmo onde se encontravam, mas as palavras não lhe vieram. Virou-se e foi embora.

— Valerie! — gritou a mãe, parecendo mais desesperada que dominadora.

Virando-se, ela a viu na porta da entrada. Tom era uma sombra atrás dela. Começou a correr, com a mochila batendo no quadril. Só diminuiu o passo quando chegou novamente à estação de trem. Ali, ajoelhou-se na calçada de concreto, arrancando ervas daninhas murchas e ligando para o número de Ruth.

Ruth atendeu. Parecia estar rindo.

— Alô?

— Sou eu — disse Val.

Esperava que a voz tremesse, mas saiu neutra, sem emoção.

— Ei, onde você está?

Val sentia as lágrimas começarem a arder nos cantos dos olhos, mas as palavras continuavam saindo firmes.

— Eu descobri uma coisa sobre Tom e minha mãe...

— Droga! — interrompeu Ruth.

Valerie calou-se por um momento, o terror deixando-lhe as pernas pesadas.

— Você sabe de alguma coisa? Sabe do que estou falando?

— Que bom que você descobriu — Ruth falava rápido, as palavras quase atropelando umas às outras. — Eu queria lhe contar, mas sua mãe me implorou que não dissesse. Ela me fez jurar que não contaria.

— Ela contou para você? — Val sentia-se uma completa idiota, mas simplesmente não conseguia aceitar muito bem as palavras que ouvia. — Você sabia?

— Ela não contaria para ninguém se não tivesse descoberto que Tom deixou a coisa escapar. — Ruth riu e interrompeu-se, sem graça. — Não que fosse continuar assim por tanto tempo. Francamente. Eu teria dito alguma coisa, mas sua mãe prometeu que faria isso. Cheguei a dizer que ia contar, mas ela disse que negaria tudo. E eu tentei te dar umas indiretas. De verdade.

— Que indiretas?

Val sentiu-se tonta de repente. Fechou os olhos.

— Bem, eu disse que você devia checar as salas de bate-papo na internet, lembra? Escute, não tem importância. Fico muito feliz que ela tenha afinal lhe contado.

— Ela não me contou — disse Valerie.

Fez-se um longo silêncio. Val ouvia Ruth respirando.

— Por favor, não fique puta comigo — Ruth acabou dizendo. — Eu simplesmente não podia lhe contar. Não podia ser logo eu quem ia lhe contar.

Val desligou o telefone. Chutou um pedaço de asfalto solto numa poça e depois a própria poça. Seu reflexo ficou turvo; a única coisa claramente visível era a boca, um rasgão vermelho num rosto claro. Esfregou-o, mas a cor apenas se espalhou.

Quando chegou o trem seguinte, ela entrou, desviando-se para um banco laranja rachado e encostando a testa na fria janela de acrílico. O celular zumbiu e ela o desligou sem olhar a tela. Mas ao virar-se mais uma vez para a janela, foi o reflexo da mãe que viu. Levou um momento para perceber que olhava a si mesma maquiada. Furiosa, dirigiu-se às pressas para o banheiro do trem.

O compartimento era sujo e grande, com um pegajoso piso emborrachado e paredes de plástico rígido. O cheiro de urina misturava-se com o odor de flores químicas. Pequenos e grossos pingos de chiclete descartado decoravam as paredes. Ela sentou-se na tampa do vaso e forçou-se a relaxar, respirar profundamente aquele ar podre. Enterrou as unhas na carne dos braços e, de algum modo, isso a fez sentir-se um pouco melhor, sentir que estava um pouco mais no controle.

Surpreendia-se com a força de sua própria raiva. Aquele ódio a oprimia, fazendo-a temer que pudesse começar a gritar com o condutor,

com cada passageiro do trem. Não conseguia se imaginar existindo a viagem inteira. Já se sentia exausta do esforço de não se desmontar.

Esfregou o rosto e baixou os olhos para a palma da mão, riscada de batom cor de vinho tinto e ligeiramente trêmula. Abriu o zíper da mochila e despejou o conteúdo no chão imundo quando o trem deu uma guinada.

Sua câmera fez barulho ao cair no revestimento de borracha do piso, junto com dois rolos de filme, um livro da escola — *Hamlet* — que já devia ter lido, dois prendedores de cabelo, uma embalagem amassada de chiclete e um estojo de toalete de viagem que a mãe lhe dera no último aniversário. Tateou para abri-lo — pinça, tesourinha de unha e aparelho de barbear, tudo tremeluzindo na luz fraca. Retirou a tesoura, apalpou as pontas pequenas e afiadas. Levantou-se e examinou o espelho. Pegando um tufo de cabelos, começou a cortar.

Quando terminou, mechas isoladas curvavam-se em volta dos tênis como serpentes de cobre. Correu a mão pela cabeça careca. Tinha uma textura escorregadia como sabão e áspera como a língua de um gato. Ela fitou seu próprio reflexo, que se tornara estranho e sem graça, os olhos resolutos e a boca contraída numa linha fina. Os fios de cabelo grudados no rosto, como finas lascas de metal. Por um momento, não teve certeza sobre o que pensava aquele rosto no espelho.

O aparelho de barbear e a tesourinha tiniram na pia quando o trem avançou sacolejando. A água esparramou-se no vaso.

— Oi? — gritou alguém do lado de fora da porta. — O que está acontecendo aí?

— Só um minuto — gritou Val em resposta.

Lavou o aparelho de barbear embaixo da torneira e jogou-o dentro da mochila. Pendurando-a no ombro, pegou um chumaço de papel higiênico, umedeceu-o e agachou-se para retirar os cabelos do piso.

O espelho atraiu-lhe mais uma vez o olhar quando ela se levantou novamente. Desta vez, um rapaz retribuiu-lhe o olhar, as feições tão delicadas que ela achou que ele não podia se defender. Val piscou os olhos, abriu a porta preta e saiu para o corredor do trem. Voltou para seu banco, sentindo os olhares dos outros passageiros retraírem-se ao verem-na passar. Olhando para fora da janela, viu os gramados suburbanos deslizarem por eles até que entraram num túnel e ela viu apenas seu novo e estranho reflexo na janela.

O trem parou numa estação subterrânea e ela saltou, seguindo a pé em meio ao fedor de exaustão. Subiu por uma escada rolante estreita e imóvel, espremida entre pessoas. A estação Penn vivia apinhada de pessoas que viajavam diariamente para o trabalho, cabisbaixas ao passarem umas pelas outras, e de quiosques que vendiam penduricalhos, cachecóis e flores de fibra ótica resplandecentes de cores em constante mutação. Valerie manteve-se junto a uma única parede, passando por um homem imundo que dormia sob um jornal e um grupo de meninas de mochilas nas costas, gritando umas para as outras em alemão.

A raiva que sentira no trem esvaíra-se e ela se deslocava pela estação como uma sonâmbula.

Madison Square Garden ficava acima de outra escada rolante, além de uma fila de táxis e quiosques vendendo amendoins confeitados e salsichas. Um homem estendeu-lhe um panfleto e ela tentou devolvê-lo, mas ele já se afastara, deixando-a com uma folha de papel prometendo “Garotas ao vivo”. Val amassou o panfleto e o enfiou no bolso.

Atravessou um corredor estreito apinhado de pessoas e esperou diante da cabine da bilheteria. O garoto atrás do vidro ergueu os olhos quando ela deslizou para o outro lado o ingresso de Tom. Parecia surpreso. Ela achou que talvez fosse a falta de cabelos.

— Pode me devolver o dinheiro por isto? — perguntou Val.

— Você já tem ingresso? — ele perguntou, franzindo os olhos para ela, como se tentasse compreender exatamente qual era a fraude.

— Tenho — ela respondeu. — O babaca do meu ex-namorado não conseguiu chegar.

A compreensão espalhou-se pelas feições dele, que assentiu com a cabeça.

— Saquei. Escute, não posso devolver o dinheiro a você porque o jogo já começou, mas se me der os dois poderia trocá-los por um lugar melhor.

— Claro. — Val sorriu pela primeira vez em toda aquela viagem.

Tom já lhe dera o dinheiro do ingresso dele e ela ficou contente porque poderia ter a pequena vingança de conseguir um lugar melhor em troca da entrada dele.

Ele passou-lhe o novo ingresso e ela girou a catraca, avançando a custo pela multidão. Pessoas discutiam, os semblantes acalorados. O ar fedia a cerveja.

Ela estivera aguardando ansiosamente por aquele jogo. Os Rangers estavam fazendo uma excelente temporada. Mas, mesmo que não estivessem tão bem, ela adorava a maneira como os homens se moviam pelo gelo, como se a lei da gravidade não agisse sobre eles, o tempo todo equilibrados em lâminas de faca. O hóquei fazia com que o lacrosse parecesse sem graça, apenas um bando de pessoas avançando com dificuldade sobre um campinho gramado. Mas quando olhou à procura do portão de entrada para sua cadeira, sentiu o pavor embrulhar-lhe o estômago. O jogo era importante para todas as pessoas como antes havia sido para ela, mas, agora, Val estava apenas matando o tempo antes de ter de voltar para casa.

Encontrou o vão da porta e entrou. A maioria dos assentos já estava ocupada e ela teve que se desviar de lado para passar por um grupo de rapazes de rostos acalorados. Eles esticaram os pescoços para contorná-la e olhar além da divisória de vidro, onde o jogo já começara. O estádio cheirava a frio, como o ar após uma nevasca. Mas até quando o time dela patinava em direção a um gol, os pensamentos de Val tremeluziram de volta à mãe e Tom. Não devia ter saído daquele jeito. Gostaria de poder refazer tudo. Não teria nem se incomodado com a mãe. Teria dado um soco na cara de Tom. E, então, olhando só para ele, diria:

— Eu esperava mesmo isso dela, mas pensava que você fosse melhor.

Isso teria sido perfeito.

Ou talvez devesse ter despedaçado as janelas do carro dele. Mas o carro era realmente uma lata-velha, portanto, talvez não.

Poderia ter ido à casa de Tom para contar aos pais dele sobre a bolsinha de erva que ele guardava entre o colchão e as molas da cama. Juntando com esse lance da mãe de Val, talvez a família o mandasse para alguma instituição de detenção por aberrações como trepar com mães e dependência de drogas.

Quanto à mãe, a melhor vingança que Val poderia fazer era ligar para o pai, pôr a madrastra, Linda, no viva-voz e contar-lhes a coisa toda. O pai e Linda tinham um casamento perfeito, daqueles que vinham com duas adoráveis crianças babando, carpetes de parede a parede e que quase sempre causava náuseas em Val. Mas, se contasse, a história passaria a ser deles. Iam contá-la sempre que quisessem, gritá-la para a mãe de Val

quando brigassem, relatá-la para chocar os companheiros de golfe. A história era de Val e ela ia controlá-la.

Um bramido ergueu-se do público. Em toda a volta, pessoas pulavam. Um dos Rangers tinha derrubado algum cara do outro time e arrancava as próprias luvas. O juiz agarrou o Ranger, e seu patim deslizou, cortando uma linha na face do outro jogador. Enquanto eram retirados, Val olhou fixamente para o sangue no gelo. Um homem de branco chegou e raspou-o quase todo. O veículo de recuperação de superfície alisou o gelo durante algum tempo, mas uma área de vermelho permaneceu, como se a mancha tivesse penetrado tão fundo que não pudesse ser retirada. Até quando seu time fez o gol da vitória e todo mundo ao redor dela se levantou mais uma vez, Val parecia não conseguir desviar o olhar do sangue.

Depois do jogo, ela acompanhou a multidão na saída para a rua. A estação do trem ficava a apenas alguns passos de distância, mas ela não podia enfrentar o retorno para casa. Queria retardá-lo um pouco mais, até poder entender melhor as coisas, dissecar um pouco mais o que havia acontecido. A própria idéia de voltar ao trem encheu-a de um pânico nauseante que fez sua pulsação disparar e o estômago agitar-se.

Começou a andar e, depois de pouco tempo, notou que os números da rua ficaram menores e os prédios mais antigos, as ruelas estreitavam-se e o tráfego reduzia-se. Virando à esquerda, para o que julgou ser a periferia do West Village, passou por lojas de roupas fechadas e fileiras de carros estacionados. Não tinha muita certeza da hora, mas devia ser quase meia-noite.

A mente de Val não parava de tentar desvendar os olhares entre Tom e a mãe, olhares que agora faziam sentido, insinuações que ela devia ter entendido. Via o rosto da mãe, uma estranha combinação de culpa e honestidade, quando lhe pedira que esperasse Tom. A lembrança a fez vacilar, como se o corpo tentasse livrar-se de um peso físico.

Parou e comprou uma fatia de pizza numa loja sem muito movimento, onde uma mulher com um carrinho de supermercado cheio de garrafas, estava sentada bem no fundo bebendo Sprite de canudinho e cantando para si mesma. O queijo derretido queimou o céu da boca de Val e, quando ela olhou para o relógio no alto da parede, deu-se conta de que perdera o último trem para casa.

Capítulo 2

*Tentando mais uma vez as asas em desesperado vôo:
Mariposas cegas contra os arames das telas de janela.
Qualquer coisa. Qualquer coisa por uma prise de luz.*
— X. J. Kennedy, “Street Moths”,
The Lords of Misrule

Val cochilou mais uma vez, a cabeça apoiada numa mochila quase vazia, o resto estendido no piso de azulejos frio, sob o mapa do metrô. Escolhera um lugar perto da bilheteria, imaginando que ninguém tentaria roubá-la nem esfaqueá-la diante das pessoas. Passara quase toda a noite no estado nebuloso entre o sono e a vigília, cabeceando por um momento e depois despertando sobressaltada. Às vezes, acordava de um sonho sem saber onde estava. A estação fedia a lixo rançoso e bolor, mesmo sem o calor necessário para fazer os cheiros aflorarem. Acima da pintura e do mofo rachados, uma borda escultural de tulipas enroscadas, que era um vestígio de outra estação de Spring Street, talvez antiga e grandiosa. Ela tentava imaginar aquela estação, quando caiu de novo no sono.

O mais estranho era que não estava com medo. Sentia-se distanciada de tudo, uma sonâmbula que se desviara do caminho da vida normal e penetrava numa floresta onde tudo podia acontecer. A raiva e a dor haviam esfriado, transformando-se numa letargia que deixava seus membros pesados como chumbo.

Na vez seguinte em que abriu os olhos, viu pessoas paradas à sua volta. Sentou-se, escavando a mochila com os dedos de uma das mãos e erguendo a outra como para se esquivar de um golpe. Dois policiais encaravam-na de cima.

— Já é manhã — disse um deles. Tinha cabelos curtos e grisalhos e rosto corado, como se houvesse ficado parado por muito tempo ao vento.

— É.

Val esfregou os cantos dos olhos com a parte de trás das mãos para espantar os fiapos de sono. A cabeça doía.

— Você escolheu um lugar péssimo — o homem comentou.

Pessoas que viajavam de trem para o trabalho passaram por eles, mas só algumas se davam ao trabalho de olhá-la.

Val estreitou os olhos.

— E daí?

— Quantos anos você tem? — perguntou o outro policial, que era mais jovem, magro, de olhos sombrios e hálito que cheirava a cigarro.

— Dezenove — ela mentiu.

— Tem alguma identidade?

— Não — ela respondeu, esperando que não revistassem sua mochila. Tinha uma autorização provisória para dirigir, já que ainda não tirara carteira de motorista, pois foi reprovada no exame de direção, mas esse documento bastava para provar que acabara de fazer dezessete anos.

Ele deu um suspiro.

— Não pode dormir aqui. Quer que a levemos a algum lugar onde possa descansar um pouco?

Ela se levantou, pendurando a mochila num dos ombros.

— Estou ótima. Só estava esperando amanhecer.

— Para onde vai? — perguntou o policial mais velho, bloqueando-lhe o caminho com o corpo.

— Pra casa — disse Val, porque achou que soaria bem.

Ela abaixou-se sob o braço dele e precipitou-se escada acima. O coração martelava quando percorreu desabalada a rua Crosby, por entre multidões de pessoas, passou pelos zonzos trabalhadores madrugadores que arrastavam mochilas e pastas, pelos mensageiros de bicicleta e os táxis, atravessando as rajadas de vapor que subiam em ondas das tampas dos bueiros. Diminuiu a velocidade e olhou para trás, mas ninguém parecia estar seguindo-a. Ao atravessar para a Bleecker, viu um casal de punks desenhando na calçada com giz. Um tinha um corte moicano, levemente dentado no alto. Val contornou cuidadosamente a arte deles e seguiu em frente.

Para ela, Nova York sempre fora o lugar que fazia sua mãe segurá-la a mão apertada, a cintilante grade dos arranha-céus revestidos de painéis de vidro, os Cup O’Noodles fumegantes, ameaçando derramar caldo fervente nos garotos que esperavam na fila para participar de algum programa da MTV, a poucas quadras de distância de onde Les Misérables era representado em matines para estudantes de francês do ensino fundamental, trazidos de ônibus dos subúrbios. Mas, agora, atravessando para Macdougall, Nova York era muito mais e muito menos do que Val lembrava. Passou por restaurantes ainda vazios, que despertavam para as atividades, as portas ainda fechadas; uma corrente enfeitada com mais de

uma dúzia de fechaduras, cada uma com um recorte do rosto de um bebê, e uma loja que só vendia robôs de brinquedo. Lugares pequenos, interessantes, que sugeriam a imensidão da cidade e a estranheza dos habitantes.

Dirigiu-se com cautela a um bar fracamente iluminado chamado Café Diabolo. O interior era revestido de papel de parede aveludado vermelho. Um diabo de madeira, junto ao balcão, estendia uma bandeja de prata pregada à mão. Val comprou um café grande e quase o entupiu com canela, açúcar e creme. O calor da caneca proporcionou-lhe uma sensação gostosa nos dedos frios, mas a deixou ciente da dureza de seus membros, os nós nas costas. Esticou-se, arqueando a coluna para trás e girando o pescoço, até ouvir alguma coisa estalar.

Encaminhou-se para um lugar nos fundos, escolhendo uma poltrona puída perto de uma mesa onde um rapaz com tranças finas e uma garota com emaranhados de cabelo azul desbotado e botas brancas na altura dos joelhos sussurravam. Ele rasgava e despejava um saquinho de açúcar atrás do outro em sua caneca.

A garota deslocou-se um pouco e Val viu que tinha um gatinho cor de mel no colo. O animal esticou uma pata para bater no zíper do casaco de retalhos de pêlo de coelho dela.

Val sorriu, pensativa. A garota viu-a olhando, retribuiu o sorriso e pôs o gato na mesa. Ele miou lamentosamente, farejou o ar, tropeçou.

— Espere — disse Val.

Desprendendo a tampa de seu café, foi até a frente, encheu-a de creme, depositou-a diante do gatinho.

— Brilhante — elogiou a menina de cabelos azuis.

Val viu que o *piercing* no nariz dela estava infeccionado, a pele em volta da pedra brilhante com um inchaço duro e vermelho.

— Como se chama o gatinho? — perguntou.

— Ainda não tem nome. Estávamos discutindo isso. Se tiver alguma idéia me diga. Dave acha que não devíamos ficar com ela.

Val tomou um gole do café. Não conseguiu pensar em nada. Seu cérebro parecia inchado, pressionando o crânio, e ela sentia-se tão cansada que não conseguia focar muito bem as imagens quando piscava.

— De onde ela veio? É uma gata perdida?

A garota abriu a boca, mas o garoto pôs a mão em seu braço.

— Lolli. — Ele apertou-o como um aviso e os dois partilharam um olhar intenso.

— Eu a roubei — respondeu Lolli.

— Por que diz às pessoas coisas assim? — retrucou Dave.

— Eu digo tudo às pessoas. As pessoas só acreditam naquilo com que podem lidar. É assim que sei em quem confiar.

— Roubou de uma loja sem que nenhum vendedor percebesse? — perguntou Val, olhando o corpo minúsculo do gatinho, a língua rósea enrolada.

Lolli fez que não com a cabeça, visivelmente maravilhada consigo mesma.

— Eu atirei uma pedra na vitrine. À noite.

— Por quê?

Val deslizou facilmente para o papel de platéia apreciadora, emitindo os ruídos certos, como fazia com Ruth, Tom ou sua mãe, e fazendo as perguntas que quem contava a história queria ouvir, mas sob aquele hábito conhecido havia verdadeira fascinação. Lolli era exatamente o que Ruth queria ser com todas aquelas poses.

— A dona da loja de animais de estimação fumava. Bem na loja. Dá pra acreditar nisso? Ela não merecia cuidar de animais.

— Você fuma. — Dave abanou a cabeça, consternado.

— Mas não tenho uma loja de animais de estimação. — Lolli virou-se para Val. — Sua cabeça parece bem legal. Posso tocar?

Val deu de ombros e curvou a cabeça para a frente. Era uma sensação estranha ser tocada ali — não desconfortável, apenas estranha, como se alguém lhe acariciasse as solas dos pés.

— Eu sou Lollipop — disse a garota. Virou-se para o rapaz com as tranças. Era magro e bonito, com olhos asiáticos. — Este é Dave Mal Acabado.

— Só Dave — ele corrigiu.

— Eu sou só Val.

Val sentou-se direito. Era um alívio conversar com pessoas após tantas horas de silêncio. Era mais que um alívio conversar com pessoas que não sabiam nada sobre ela, Tom, a mãe, nem nada de seu passado.

— Não é diminutivo de Valentine? — perguntou Lollipop, ainda sorrindo.

Val não tinha certeza de que a menina estava caçoando dela ou não, mas como seu nome era Lollipop, pirulito, que poderia haver de engraçado com o nome de Val? Apenas fez que não com a cabeça.

Dave bufou e rasgou outro saquinho de açúcar, despejando os grãos na mesa e dividindo-os em longas linhas, que comia com um dedo molhado de café.

— Você vai à escola por aqui? — perguntou Val.

— Nós não vamos mais à escola, mas moramos aqui. Moramos em qualquer lugar que queremos.

Val tomou outro gole de café.

— Que quer dizer?

— Ela não quer dizer nada — interrompeu Dave. — E você?

— Jersey. — Val olhou para o líquido lácteo cinza em sua xícara. O açúcar trincou entre os dentes. — Acho. Se eu voltar. — Ela levantou-se, sentindo-se idiota, perguntando-se se eles estavam gozando dela. — Com licença.

Ela foi ao banheiro e lavou-se, o que a fez sentir-se menos repugnante. Gargarejou com água da torneira, mas quando cuspiu, viu-se no espelho com demasiada nitidez: manchas de sardas pelas faces e pela boca, incluindo uma logo abaixo do olho esquerdo, todas parecendo sujeira solidificada contra o bronzeado remendado que adquirira graças aos esportes ao ar livre. A cabeça recém-raspada parecia estranhamente branca e a pele ao redor dos olhos azuis estava sanguinolenta e inchada. Esfregou a mão no rosto, mas não ajudou. Quando retornou, Lolli e Dave tinham ido embora.

Ela terminou o café. Pensou em cochilar na poltrona, mas o Café ficara cheio e barulhento, fazendo sua dor de cabeça piorar. Saiu para a rua.

Uma *drag queen*, com uma peruca que mais parecia uma colméia, parada, em pé, num ângulo torto, correu atrás de um táxi, com uma sandália de plataforma de acrílico numa das mãos. Quando o taxista se afastou acelerado, ela atirou-a com força suficiente para bater na janela traseira.

— Seu fodido de merda! — ela gritou, mancando em direção ao sapato.

Val precipitou-se para a rua, pegou-o e devolveu-o para a dona.

— Obrigada, fofuchinha.

De perto, Val viu que os cílios falsos eram entremeados com prata e a purpurina cintilava nas maçãs do rosto.

— Você dá um príncipe adorável. Lindo penteado. Por que não fazemos de conta que eu sou a Cinderela e você põe este sapato bem no meu pé?

— Tudo bem — disse Val, agachando-se e afivelando a tira de plástico, enquanto a *drag queen* tentava não pular ao oscilar para manter o equilíbrio.

— Perfeito, boneca.

Endireitou a peruca.

Quando Val se levantou, viu Dave Mal Acabado rindo ao sentar-se na grade no outro lado da rua estreita. Lolli estendia-se de lado sobre uma canga de batique azul com livros, castiçais e roupas. A luz do sol, o azul de seus cabelos brilhava mais intenso que o céu. O gatinho deitava-se a seu lado, uma pata batendo num cigarro no chão.

— Ei, Príncipe Valente — chamou Dave, dando um sorriso radiante como se fossem velhos amigos.

Lolli acenou. Val enfiou as mãos nos bolsos e encaminhou-se para eles.

— Senta aí — disse Lolli. — Achei que tínhamos assustado você.

— Ia para algum lugar? — perguntou Dave.

— Na verdade, não. — Val sentou-se no concreto frio. O café começara afinal a disparar por suas veias e ela sentia-se quase desperta. — E vocês?

— Vamos vender algumas coisas que Dave garimpou. Fique aqui conosco. Ganhamos algum dinheiro e depois damos uma festa.

— Tudo bem. — Val não tinha certeza de que queria uma festa, mas não se importava em ficar sentada na calçada por algum tempo. Ergueu a manga de uma jaqueta de veludo vermelho. — De onde vieram todas essas coisas?

— A maioria de mergulhos em caçambas de lixo — disse Dave, sério. Val se perguntou se parecia surpresa. Queria mostrar-se desinteressada e descontraída. — Você ficaria pasma com o que as pessoas pagam pelo que já jogaram fora.

— Eu acredito — Val assentiu. — Pensava em como é simpática essa jaqueta.

Deve ter sido a resposta certa, porque Dave deu um largo sorriso, mostrando um dente da frente lascado.

— Você é legal. Então, como foi mesmo que disse, “se você voltar”?
Que quer dizer? Está na rua?

Val deu um tapinha no concreto.

— Estou bem aqui.

Os dois riram. Quando Val se sentou ao lado deles, pessoas passavam por ela, mas viam apenas uma garota de jeans sujos e cabeça raspada. Qualquer um da escola poderia ter passado por ela, Tom talvez pudesse ter parado para comprar uma gravata, a mãe, tropeçado numa fenda na calçada, e nenhum deles a teria reconhecido.

Refletindo melhor, Val sabia que tinha um hábito de confiar demais, ser muito passiva, disposta a acreditar no melhor dos outros e no pior de si mesma. E, no entanto, ali estava ela, fazendo amizade com outras pessoas, dando-se bem com elas.

Mas havia alguma coisa diferente no que fazia agora, que a enchia de um estranho prazer. Era como olhar para baixo de um edifício alto, do modo como a adrenalina nos atinge quando balançamos para a frente. Poderoso, terrível e totalmente novo.

Val passou o dia ali com Lolli e Dave, sentada na calçada, falando sobre nada. Dave contou-lhes uma história sobre um sujeito que ele conhecia que se embriagou tanto que comeu uma barata num desafio.

— Uma daquelas baratas de Nova York, do tamanho de um peixe-dourado. A coisa estava a meio caminho da boca e continuava se retorcendo quando ele mordeu. No fim, depois de mastigar várias vezes, ele engoliu. De verdade. E meu irmão estava lá, viu tudo. O Luis é um desses loucos inteligentes, imagine que leu a enciclopédia quando estava em casa com catapora e disse ao cara: “Você sabe que as baratas põem ovos mesmo depois de mortas?” Bem, o cara no início não acreditou, mas depois começou a berrar que estavam tentando matá-lo e segurou o estômago, dizendo que já sentia as baratas o devorando por dentro.

— Ai, que nojo — disse Val, mas ria com tanta força que tinha lágrimas nos olhos. — Totalmente nojento.

— Não, mas fica ainda melhor — disse Lolli.

— É — confirmou Dave Mal Acabado. — Porque ele vomitou nos próprios sapatos. E a barata estava bem ali, toda picada, mas dava para ver muito bem os pedaços de um bicho preto bem grande. E, agora, o melhor de tudo: uma das pernas se mexeu.

Val gritou de nojo e contou que ela e Ruth fumaram *catnip* achando que ia dar um barato.

Depois de venderem uma luva de crocodilo falsa, duas camisetas e uma jaqueta de lantejoulas da canga, Dave comprou cachorros-quentes para todos numa caminhonete de rua, pescados da água suja e entulhados de chucrute, molho condimentado e mostarda.

— Venha. Precisamos celebrar o nosso encontro — disse Lolli, pulando. — Você e o gato.

Ainda comendo, saíram correndo pela rua. Atravessaram várias quadras, com Lolli abrindo caminho, até chegarem a um velho que enrolava seus próprios cigarros nos degraus de um prédio de apartamentos. Tinha ao lado uma sacola imunda cheia de outros sacos. Os braços eram magros como palitos e o rosto enrugado como uva passa. Mas beijou Lolli na face e cumprimentou Val muito educadamente. Lolli deu-lhe dois cigarros e um chumaço de contas amassadas e ele levantou-se e atravessou a rua.

— Que é que há com ele? — sussurrou Val para Dave. — Por que é tão esquelético?

— Detonado pelo *crack* — respondeu Dave.

Alguns minutos depois, ele voltou com uma garrafa de conhaque de cereja num saco de papel pardo.

Dave retirou uma garrafa de Coca-Cola quase vazia de sua sacola de mensageiro e encheu-a da bebida.

— Assim os tiras não param a gente. Eu detesto policiais.

Val tomou um gole do gargalo e sentiu o álcool arder pela garganta abaixo. Os três passaram-na um para o outro ao seguir andando pelo trecho oeste da Terceira Avenida. Lolli parou diante de uma mesa cheia de bijuterias pendendo de árvores de plásticos, que retiniam sempre que um carro passava. Retirou com o dedo um bracelete feito de minúsculos sinos prateados. Val foi até a mesa seguinte, onde se empilhavam incensos em fardos e amostras queimavam numa bandeja de abalone.

— Que vamos querer aqui? — perguntou o homem atrás da mesa.

Ele tinha a pele da cor de mogno envernizado e cheirava a sândalo.

Val sorriu ligeiramente e voltou-se para Lolli.

— Diga a seus amigos para tomar mais cuidado com quem servem. — Os olhos do homem dos incensos eram sombrios e reluziam como os de

um camaleão. — São sempre os mensageiros os primeiros a conhecer a insatisfação do cliente.

— Certo — Val assentiu, afastando-se da mesa.

Lolli saltitava, os sinos retinindo em volta do pulso. Dave tentava fazer o gato lambar o conhaque da tampa do refrigerante.

— Aquele sujeito é realmente estranho — comentou Val.

Quando olhou para trás, pelo canto do olho, só por um momento, o homem do incenso parecia ter longos espinhos aflorando das costas como um ouriço.

Val pegou a garrafa.

Foram andando sem rumo até chegar a um mediano de asfalto em forma de triângulo, margeado nos dois lados por bancos de parque, na certa para namorados comerem seu almoço quando a temperatura estava mais quente e aspirar o ar úmido e a fumaça dos canos de descarga. Sentaram-se, largando o gato no chão para investigar os restos esmagados de um pombo. Ali, passaram o conhaque um para o outro até Val sentir a língua dormente, os dentes formigando e a cabeça flutuando.

— Você acredita em fantasmas? — perguntou Lolli.

Val pensou um momento.

— Acho que gostaria de acreditar.

— E nas outras coisas? — Lolli miou e esfregou os dedos uns nos outros, chamando o gato para perto.

Ele não deu a menor atenção.

Val riu.

— Que coisas? Quer dizer, eu não acredito em vampiros nem em lobisomens, nem em zumbis, nem em coisas assim.

— E em seres fantásticos?

— Seres fantásticos como...?

Dave deu uma risadinha.

— Como monstros.

— Não — disse Val, abanando a cabeça. — Acho que não.

— Quer saber de um segredo? — perguntou Lolli.

Val curvou-se mais para perto e assentiu com a cabeça.

Claro que queria.

— Sabemos onde tem um túnel com um monstro — sussurrou Lolli. — Uma fada. Sabemos onde moram as fadas.

— Como?

Val não tinha certeza de que ouvira direito.

— Lolli — advertiu Dave, mas a voz soou meio enrolada —, feche a matraca. Luis ficaria furioso se ouvisse você.

— Você não pode mandar no que eu falo. — Lolli envolveu os braços em volta de si, enterrando as unhas na pele. Jogou os cabelos para trás. — Quem acreditaria nela, de qualquer modo? Aposto que a Val nem acredita em mim.

— Caras, vocês estão falando sério? — perguntou Val.

Bêbada como estava, quase parecia possível. Tentou pensar nos antigos contos de fada que gostava de ler, os que colecionara desde pequena. Não tinham muitas fadas. Pelo menos, não o que ela julgava como tal. Tinham fadas madrinhas, ogros, gigantes, gnomos travessos e homenzinhos que barganhavam seus serviços com as crianças e depois se irritavam ao saber que seus nomes verdadeiros haviam sido descobertos. Ela pensava nas fadas do videogame, mas aqueles eram elfos e ela não tinha certeza se elfos eram sequer fadas.

— Conte a ela — disse Lolli a Dave.

— Quem você pensa que é para ficar me dando ordens? — perguntou Dave, mas Lolli apenas lhe deu um soco no braço e riu. — Está bem. Está bem. — Dave fez que sim com a cabeça. — Meu irmão e eu fazíamos algumas explorações urbanas. Sabe o que é isso?

— Invadir lugares onde você não deveria estar — disse Val. — Eu tinha um primo que saía para lugares misteriosos de Nova Jersey e punha fotos deles no fotolog dele. Quase todos são lugares antigos, não é? Como prédios abandonados?

— É. Tem todo tipo de coisas nesta cidade que a maioria das pessoas não pode ver — assentiu Dave.

— Certo — disse Val. — Jacarés brancos. Toupeiras humanas. Anacondas.

Lolli levantou-se e tirou o gato de onde arranhava o pássaro morto. Segurou-o no colo e acariciou-o com força.

— Eu achei que você podia lidar com isso.

— Como ficou sabendo dessas coisas que ninguém mais sabe?

Val tentava ser educada.

— Porque Luis tem a segunda visão — respondeu Lolli. — Ele as vê.

— Você também vê? — perguntou Val a Dave.

— Só quando me deixam. — Ele olhou para Lolli por um longo momento. — Estou congelando.

— Volte com a gente. — Lolli virou-se para Val.

— Luis não vai gostar.

Dave girou a bota, como se esmagasse uma barata.

— Nós gostamos dela. É tudo que importa.

— Para onde vamos voltar? — perguntou Val.

Ela tremia de frio. Embora estivesse aquecida pelo álcool que corria em suas veias e a deixava sonolenta, a respiração soltava rajadas de fumaça no ar e as mãos alternavam-se entre geladas e quentes quando as apertava embaixo da camisa e na pele.

— Você verá — respondeu Lolli.

Caminharam por algum tempo e depois desceram para uma estação de metrô. Lollipop passou pela catraca com uma batida de seu cartão e depois o passou de volta pela grade para Dave. Olhou para Val.

— Vem?

Val fez que sim com a cabeça.

— Fique na minha frente — disse Dave, esperando.

Ela dirigiu-se para a catraca. Ele bateu e depois colocou nela, atravessando os dois de uma só vez. Seu corpo era puro músculo nas costas dela e ela sentiu cheiro de fumaça e de roupas que precisavam de uma boa lavada. Val riu e cambaleou um pouco.

— Vou dizer mais uma coisa que você não sabe. — Lolli ergueu vários cartões. — Estes são cartões do metrô de palito de dente. Você quebra os palitos de dente bem pequeninhos e depois os entala na máquina. As pessoas pagam, mas não conseguem pegar seus cartões. É como uma armadilha de lagosta. Você volta depois e vê o que apanhou.

— Oh — disse Val, a cabeça nadando em conhaque e confusão.

Não tinha certeza do que era e do que não era verdade.

Lollipop e Dave Mal Acabado dirigiram-se para a ponta extrema da plataforma do metrô, mas, em vez de parar e esperar o trem, Dave pulou no poço onde corriam os trilhos. Algumas pessoas que aguardavam pela locomotiva deram uma olhada e depois desviaram rápido o olhar, mas a maioria nem pareceu notar. Lolli seguiu-o atabalhoadamente, avançando para sentar-se na beirada e então deixar que ele a pegasse para descer. Ela segurava o gatinho que agora se contorcia.

— Aonde vão? — perguntou Val, mas eles já desapareciam na escuridão.

Quando saltou no concreto cheio de lixo depois deles, pensou como era louco seguir duas pessoas que nem sequer conhecia para os intestinos do metrô, mas, em vez de ter medo, sentia-se feliz. Tomaria todas as suas próprias decisões agora, ainda que a conduzissem ao mais completo fracasso. Era a mesma sensação prazerosa de rasgar uma folha de papel em pedaços minúsculos.

— Cuidado para não tocar no terceiro trilho senão vai ser frita — gritou a voz de Dave de algum lugar adiante.

Terceiro trilho? Ela olhou em volta, nervosa. O do meio. Tinha de ser o do meio.

— E se vier um trem? — perguntou Val.

— Está vendo aqueles buracos? — chamou Lolli. — Basta se deitar colada num deles.

Val olhou de novo a plataforma de concreto do metrô atrás dela, alta demais para subir. À frente, a escuridão, salpicada apenas com minúsculas lâmpadas que pareciam emanar pouca luz real. Ruídos sussurrados pareciam perto demais e ela achou ter sentido pequenas patas passarem correndo sobre um dos tênis. Sentiu o pânico que vinha esperando durante todo esse tempo e que a engoliu. Parou, tão dominada pelo medo, que não conseguia mover-se.

— Vamos. — A voz de Lolli veio da escuridão. — Continue.

Val ouviu o longínquo chocalhar de um trem, mas não soube dizer a que distância nem em que trilho estava. Correu para alcançar Lolli e Dave. Nunca sentira medo do escuro, mas ali era diferente. A escuridão era devoradora, espessa. Parecia uma coisa viva, respirando pelos seus próprios pulmões, soltando rajadas de mau cheiro, no túnel ao redor dela.

O cheiro de sujeira e umidade era opressivo. Ela apurava os ouvidos, em busca dos passos dos outros dois. Mantinha os olhos nas luzes, embora mais se assemelhassem a uma trilha de migalhas de pão, que a levavam para longe do perigo.

Um trem passou a toda no outro lado dos trilhos, a repentina claridade e o ruído furioso deixaram-na atordoada. Sentiu o deslocamento de ar, como se tudo nos túneis estivesse sendo arrastado para o trem. Se a

locomotiva houvesse passado no lado por onde ela caminhava, Val jamais teria tido tempo de saltar para o nicho.

— Aqui.

A voz estava perto, surpreendentemente perto. Não conseguiu ter certeza se era de Lolli ou de Dave.

Val percebeu que estava parada junto a uma plataforma. Parecia a estação que haviam deixado, exceto que as paredes ladrilhadas eram cobertas de pichações. Colchões empilhavam-se no patamar de concreto, amontoados de mantas, travesseiros jogados e almofadas de sofá — a maioria em alguma variação de amarelo-mostarda. Tocos de vela tremeluziam fracamente, algumas entaladas nas bocas rasgadas de latas de cervejas, outras em altos jarros de vidro decorados com o rosto da Virgem Maria no rótulo. Um garoto, com os cabelos puxados para trás numa trança, sentava-se perto da grelha de um fogareiro japonês hibachi no canto dos fundos da estação. Tinha um dos olhos embaçado, esbranquiçado e estranho e *piercings* de aço franziam a pele escura. As orelhas brilhavam com argolas, algumas grossas como vermes, e uma barra projetava-se para fora de cada uma das faces, destacando as maçãs do rosto. O nariz era perfurado por um *piercing* e um aro passava de um lado ao outro do lábio inferior. Quando ele se levantou, Val viu que usava uma jaqueta preta bufante e jeans largos e rasgados. Dave Mal Acabado começou a improvisar uma escada de ripas de madeira.

Val virou-se para o lado oposto. Uma das paredes era decorada com tinta spray que dizia: “para sempre e sempre.”

— Ela está impressionada — observou Lolli.

A voz ecoou no túnel.

Dave bufou e foi para junto do fogareiro. Tirou guimbas de cigarro achatadas da sacola de mensageiro e jogou-as dentro de uma das canecas lascadas, e depois em latas de pêssego e café empilhadas. O garoto dos *piercings* acendeu uma das guimbas e deu uma profunda tragada.

— Quem é essa, porra?

— Val — ela mesma respondeu antes de que Lolli pudesse responder.

Deslocou o peso do corpo de um lado para o outro, com a desconfortável consciência de que não sabia o caminho de volta.

— É minha nova amiga — disse Lollipop, instalando-se num ninho de mantas.

O garoto dos *piercings* bronqueou:

— O que aconteceu com o cabelo dela? É algum tipo de cancerosa?

— Eu cortei — respondeu Val.

Por algum motivo, isso fez tanto o garoto dos *piercings* quanto Dave Mal Acabado rirem. Lolli parecia satisfeita com ela.

— Se você ainda não adivinhou, este é Luis — apresentou Lolli.

— Vocês não acham que já tem pessoas demais que encontram o caminho até aqui embaixo sem precisar de guia turístico? — perguntou Luis, mas ninguém lhe respondeu, de forma que sua pergunta não passou de um comentário.

A exaustão começava a rastejar sobre Val. Ela acomodou-se num colchão e puxou uma manta para cobrir a cabeça. Lolli dizia alguma coisa, mas a combinação de conhaque, medo avassalador e cansaço era esmagadora. Sempre poderia ir para casa mais tarde, no dia seguinte, em alguns dias. Qualquer hora. Desde que não fosse naquele momento.

Quando apagou, o gato de Lolli subiu em seu colo, saltando nas sombras. Val estendeu a mão até o animalzinho, afundando os dedos no pêlo curto e macio. Era realmente uma coisinha minúscula, mas já era doido.

Capítulo 3

*Encontrei na floresta as quentes grutas,
enchi-as de panelas, esculturas, estantes,
armários, sedas e inúmeras obras;
preparei refeições para os vermes e os duendes.*
— Anne Sexton, *Her Kind*

Com os músculos tensos, Val saltou do sono para a total vigília, o coração martelando forte no peito. Quase gritou, antes de lembrar-se de onde estava. Imaginou que ainda fosse de tarde, embora continuasse escuro nos túneis; a única luz vinha das lâmpadas nos canos de esgoto furados. No outro colchão, Lollipop deitava-se enroscada com as costas coladas em Luis. Ele passava um braço em volta dela. Dave Mal Acabado, do outro lado, embrulhava-se num cobertor sujo, a cabeça curvada para Lolli como o galho de uma árvore que cresce rumo ao sol.

Val enterrou a cabeça mais fundo na colcha, embora sentisse um vago cheiro de xixi de gato. Sentia-se zozza, porém mais descansada.

Ali deitada, lembrou que duas semanas antes olhou alguns catálogos de faculdade com Tom. Ele vinha falando sobre a de Kansas, que tinha um bom programa de escrita criativa e não era um absurdo de cara.

— E veja — ele dissera —, lá tem uma equipe feminina de lacrosse.

Como se talvez os dois fossem juntos depois do ensino médio. Ela sorria e beijava-o ainda sorrindo. Gostava de beijá-lo; ele sempre parecia saber exatamente como retribuir o beijo. Pensar nisso foi doloroso e fez com que se sentisse idiota, traída. Queria cair de novo no sono, mas não conseguia e ficou ali imóvel até que a desesperada necessidade de urinar a levou a sair e agachar-se, as pernas escancaradas, sobre o balde malcheiroso que encontrou num canto. Baixou os jeans e a calça, tentando equilibrar-se nas pontas dos pés, enquanto afastava o aperto das roupas o máximo possível do corpo. Tentou dizer a si mesma que era como quando se dirigia numa auto-estrada sem nenhuma parada à vista e tinha de ir ao mato. Não havia papel higiênico nem folhas e ela começou a dar saltinhos na esperança de secar-se.

Ao voltar, viu Dave Mal Acabado se mexendo e desejou não tê-lo acordado. Enfiou as pernas de volta na manta, notando agora que os fortes odores da plataforma se misturavam com um cheiro que não soube

identificar. A luz fluía de uma grade na rua acima, iluminando barras de ferro pretas e riscadas de sujeira.

— Ei, você dormiu durante quase catorze horas — ele disse, virando-se de frente para a luz e espreguiçando-se.

Estava sem camisa e, mesmo na obscuridade, ela viu o que parecia um ferimento a bala no centro do tórax. A cicatriz repuxava o resto da pele ao redor, um charco fundo que arrastava tudo para o coração.

Dave dirigiu-se para o hibachi e acendeu-o com fósforos e bolas de jornal. Depois, colocou uma panela em cima, despejou grãos de uma lata e água de um galão plástico que originalmente continha leite.

Ela deve tê-lo olhado fixamente por muito tempo, porque ele se virou e olhou-a com um largo sorriso.

— Quer um pouco? É café caubói. Não tem leite, mas você pode pôr muito açúcar se quiser.

Assentindo com a cabeça, ela se enrolou nas mantas. Dave estendeu-lhe uma caneca fumegante, que ela segurou, agradecida, usando-a primeiro para aquecer as mãos e depois as faces. Correu, meio ausente, os dedos pelo couro cabeludo. Parecia barba por fazer, uma lixa fina.

— Você bem que poderia garimpar comigo — sugeriu Dave Mal Acabado, olhando para o colchão com alguma coisa de ansiedade. — Luis e Lolli vão dormir para sempre se a gente deixar.

— Por que você está de pé? — ela perguntou e tomou um gole da caneca.

O café era amargo, mas ela o achou satisfatório para beber, aromatizado com fumaça e nada mais. Grãos flutuavam na superfície, formando uma película preta.

Ele deu de ombros.

— Sou o cara da sucata. Tenho de ver o que os riquinhos jogam fora.

Ela fez que sim com a cabeça.

— É um talento, como aqueles porcos que percebem o cheiro de trufas. Ou a gente tem ou não. Uma vez, encontrei um relógio Rolex misturado com correspondência rasgada e uma torrada queimada. Era como se alguém tivesse jogado tudo na mesa da cozinha direto no lixo, sem sequer olhar.

Apesar do que ele dissera sobre eles dormirem muito, Lolli gemeu e saiu deslizando por baixo do braço de Luis. Ainda tinha os olhos quase

fechados e um vestido tipo quimono jogado sobre as roupas da véspera. Era linda de uma forma que Val jamais seria, exuberante e rude, tudo ao mesmo tempo.

Lolli deu um empurrão em Luis. Ele grunhiu e rolou de barriga para cima, escorando-se nos cotovelos. Houve um movimento oscilante ao longo da parede e a gata chegou passeando e deu uma cabeçada na mão de Luis.

— Ela gosta de você, viu? — disse Lolli.

— Vocês não têm medo de que os ratos a peguem? — perguntou Val. — É meio pequena.

— Na verdade, não — disse Luis, com um ar sombrio.

— Vamos lá, você acabou de batizá-la ontem à noite.

Lolli ergueu o gato e jogou-o no colo.

— É — Dave assentiu. — Polly e Lolli.

— Polímnia — disse Luis.

Val curvou-se para a frente.

— Que quer dizer Poli... sei lá o quê?

Dave serviu outra caneca para Luis.

— Polímnia é uma musa grega. Não sei qual. Pergunte a ele.

— Não importa. — Luis acendeu uma guimba de cigarro.

Dave Mal Acabado deu de ombros, como se pedisse desculpas por saber tanto quanto ele:

— Nossa mãe era bibliotecária.

Val, na verdade, não sabia o que era uma musa, a não ser por uma vaga recordação de que estudara a Odisséia na oitava série.

— Onde está sua mãe agora?

— Morta — respondeu Luis. — Nosso pai atirou nela.

Val prendeu o ar e, ia gaguejar uma desculpa, mas Dave Mal Acabado falou primeiro.

— Eu pensei em talvez me tornar bibliotecário, também. — Dave olhou para Luis. — A biblioteca é um bom lugar para pensar. Meio parecido com este. — Virou-se para Val. — Sabia que fui o primeiro a descobrir este lugar?

Ela fez que não com a cabeça.

— Garimpei aqui. Sou o príncipe da sucata, o senhor do lixo.

Lolli riu e o sorriso dele alargou-se. Pareceu mais satisfeito com sua piada agora, ao ver que Lolli gostara.

— Você não queria ser bibliotecário. — Luis balançou a cabeça.

— Luis sabe tudo sobre mitologia. — Lolli tomou um gole de café. — Como Hermes. Fale a ela sobre Hermes.

— Ele é um píssico. — Luis lançou um olhar sinistro a Val, como a desafiá-la a perguntar o que isso queria dizer. — Ele viaja entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Meio como um mensageiro. É isso que Lolli quer que eu diga. Mas esqueça esse assunto por um minuto. Você perguntou sobre a possibilidade de os ratos pegarem Polly. O que você sabe sobre ratos?

Val abanou a cabeça.

— Não muito. Acho que um passou por cima do meu pé quando eu vinha para cá.

Lolli pigarreou e até Dave sorriu, mas Luis manteve o semblante intenso. Sua voz tinha um tom ritual, como se ele houvesse dito isso várias vezes antes.

— Os ratos são envenenados, baleados, presos em armadilhas, espancados, como as pessoas de rua, como as pessoas, como nós. Todo mundo os odeia. As pessoas odeiam o jeito como eles andam, saltam, odeiam o ruído de suas patas quando se deslocam roçando o chão. Eles são sempre os vilões.

Val olhou as sombras. Luis parecia à espera de que ela reagisse, mas ela não sabia qual era a resposta certa. Não tinha nem certeza de que sabia do que ele realmente falava.

Luis continuou:

— Mas os ratos são fortes. Eles têm dentes que são mais duros que ferro. Podem engolir tudo que roem, vigas de madeira, paredes de gesso, canos de cobre... tudo, menos aço.

— Ou diamante — disse Lolli com um sorriso falso. Ela não parecia nada irritada com o discurso dele.

Luis mal parou para reconhecer que ela falara. Continuava com os olhos em Val.

— As pessoas lutavam contra eles em fossas aqui na cidade. Punham eles contra furões, cachorros, pessoas. Isso mostra como eles são duros.

Dave sorriu, como se tudo isso fizesse sentido para ele.

— Eles também são inteligentes. Você já viu um rato no metrô? Às vezes embarcam num carro, numa plataforma, e saltam na parada seguinte. Estão dando um passeio.

— Eu nunca vi isso — ridicularizou Lolli.

— Não me interessa se você já viu ou não. — Luis olhou para Dave, que parara de balançar a cabeça. Depois, virou-se para Val. — Eu posso cantar hinos de louvor aos ratos de manhã, ao meio-dia e à noite, que isso não vai mudar o modo como vocês se sentem em relação a eles, vai? Mas e se eu dissesse que há coisas aí fora que pensam de vocês o mesmo que vocês pensam dos ratos?

— Que coisas? — perguntou Val, lembrando o que Lolli dissera na noite anterior. — Quer dizer, seres sobrenaturais...

Lolli afundou as unhas no braço de Val.

Luis olhou-a por um longo tempo.

— Mais uma coisa sobre os ratos. São neofóbicos. Sabe o que isso significa?

Val fez que não com a cabeça.

— Não confiam em coisas novas — explicou Luis, sério. — E nem nós devíamos confiar.

Então se levantou, atirou a guimba de um cigarro nos trilhos, subiu a escada e saiu da estação.

Que babaca. Val pegou um fio solto na calça e puxou-o, desfazendo o tecido. *Eu devia ir para casa,* pensou. Mas não foi a lugar algum.

— Não se preocupe com ele — disse Lolli. — Só porque ele vê coisas que nós não enxergamos, acha que é melhor do que nós.

Ela vigiou até Luis sair do campo de visão e então pegou uma pequena merendeira com um gato rosa. Abriu o fecho e tirou lá de dentro uma camiseta, que desenrolou para espalhar sobre ela o conteúdo da merendeira: uma seringa, uma antiga colher folheada em prata, com parte do prateado descascado, uma meia-calça cor de carne e vários saquinhos minúsculos, comprimidos e selados contendo um pó âmbar que reluzia um fraco tom de azul na luz fraca. Tirou pelo ombro uma manga do roupão e Val viu marcas pretas na parte interna do cotovelo, como se a pele ali estivesse carbonizada.

— Segure a onda, Lolli — disse Dave Mal Acabado. — Na frente dela, não. Isso, não.

Lolli reclinou-se numa pilha de travesseiros e sacos.

— Eu gosto de agulhas. Gosto da sensação de aço sob a pele. — Olhou para Val. — A gente tem barato mesmo quando injeta água e até um pouco de vodca. Vai direto para a corrente sanguínea. Deixa a gente bêbada por um preço mais barato.

Val esfregou o braço.

— Não pode ser muito pior do que me arranhar.

Devia ter ficado horrorizada, mas o ritual daquilo a fascinava, o modo de estender todas as ferramentas na camiseta suja, à espera de serem usadas uma de cada vez. Fazia-a pensar em alguma coisa, mas ela não tinha muita certeza do quê.

— Desculpe as unhas no seu braço! — ela disse. — Mas Luis estava tão de mau humor que eu não quis que você começasse a falar das fadas.

Lolli fez uma careta quando cozinhou o pó com um pouco de água sobre o fogareiro hibachi, que borbulhou na colher. O cheiro de açúcar queimado impregnou o nariz de Val. Lolli puxou o conteúdo da colher para dentro da seringa e expulsou as bolhas com um esguicho de líquido. Amarrando o antebraço com a meia-calça, inseriu a ponta devagar numa das marcas pretas.

— Agora eu sou mágica!

Ocorreu a Val então que aquilo a fez lembrar da mãe se maquiando — primeiro, organizava as ferramentas e depois as utilizava uma por uma. Antes de tudo, a base, depois o pó compacto, a sombra, o delineador, o blush, sempre com a mesma formalidade tranquila. A fusão das imagens enervou a garota.

— Você não devia fazer isso na frente dela — repetiu Dave, indicando Val com o queixo.

— Ela não se importa. Importa-se, Val?

Val não sabia o que pensar. Nunca vira alguém aplicando uma injeção em si mesmo desse jeito, profissional como um médico.

— Ela não devia ver — insistiu Dave.

Val viu-o levantar-se e percorrer a plataforma. Ele parou sob um mosaico de azulejos, onde se lia o nome da rua “DIGNA”. Atrás, achou que viu a escuridão mudar de forma, espalhando-se como tinta despejada na água. Dave também pareceu ver. Arregalou os olhos.

— Não faça isso, Lolli.

A escuridão parecia coagular em formas confusas, que arrepiavam os pêlos nos braços de Val. Chifres indistintos, bocas entulhadas de dentes e garras compridas como galhos formavam-se e depois se dissipavam.

— Qual é? Está com medo? — zombou Lolli, antes de virar-se de novo para Val. — Ele tem medo da própria sombra. Por isso é que a gente o chama de Mal Acabado.

Val não disse nada, ainda fitando a escuridão em movimento.

— Venha — disse Dave a Val, encaminhando-se, vacilante, para a escada. — Vamos garimpar.

Lolli fez um beicinho exagerado.

— De jeito nenhum. Eu que a encontrei. Ela é minha nova amiga e quero que fique aqui para brincar comigo.

Brincar com ela? Val não sabia o que Lolli queria dizer, mas não gostou do tom. Naquele exato momento, não queria nada além de sair daqueles túneis claustrofóbicos e afastar-se da sombra que não parava de se mexer. O coração batia tão rápido que ela temeu que fosse saltar-lhe do peito como o cuco de um relógio de parede.

— Preciso tomar um pouco de ar. — Val se levantou.

— Fique — pediu Lolli preguiçosamente. Os cabelos estavam mais azuis que um momento antes, varados por luzes cor de água-marinha, e o ar tremulava ao redor dela como sobre uma rua no sol quente. — Você não vai acreditar em como vai se divertir.

— Vamos — insistiu Dave.

— Por que você sempre tem de ser tão chato?

Lolli revirou os olhos e acendeu o cigarro no fogo. Uma boa metade ateou-se em chamas e ela tragou mesmo assim. Tinha a voz lenta, desarticulada, mas o olhar, mesmo que os olhos estivessem sonolentos, era severo.

Dave começou a subir os degraus amarelos de manutenção e Val logo o seguiu, tomada por um medo incerto. Já no alto, ele levantou o gradil e os dois saíram para a calçada. Quando ela emergiu na claridade da luz do sol ao entardecer, percebeu que deixara a mochila na plataforma com o tiquete de volta dentro. Deu quase meia-volta para a grade e, então, hesitou. Queria a bolsa, mas Lolli andara agindo tão estranhamente, tudo ficara tão esquisito. Será que talvez apenas o cheiro da droga não fizesse as sombras se alterarem em sua mente? Examinou a lista da aula de

ciências sobre substâncias a serem evitadas — heroína, *ecstasy*, pó-de-anjo, cocaína, metanfetamina, *special k*. Não sabia muita coisa sobre nenhuma delas. Ninguém que conhecia fazia mais que fumar maconha ou beber.

— Vamos? — chamou Dave.

Ela notou as solas gastas das botas dele, as manchas que cobriam a calça jeans, os músculos firmes dos braços finos.

— Eu deixei minha... — começou a dizer, mas depois pensou melhor. — Deixa para lá.

— Lolli simplesmente é assim mesmo. — Ele deu um sorriso triste, olhando para a calçada e não nos olhos de Val. — Nada vai mudá-la.

Val olhou ao redor, observando o grande edifício do outro lado da rua e o parque de concreto onde eles estiveram no dia anterior, com o lago seco e rachado, e um carrinho de compras abandonado.

— Se é tão fácil entrar por aqui, por que atravessamos os túneis?

Ele pareceu sem graça e ficou calado por um momento.

— Bem, o centro financeiro é muito cheio por volta das cinco horas numa sexta-feira, mas fica quase vazio aos sábados. Não é muito legal brotar assim do nada no meio da calçada com um milhão de pessoas em volta.

— É só isso? — ela perguntou.

— E eu não confiava em você.

Ela tentou sorrir, porque imaginou que Dave tinha um pouco de confiança nela agora, mas só conseguia pensar no que teria acontecido se, em algum lugar, seguindo pelos túneis, ele decidisse que não podia confiar nela.

* * *

Val remexia numa caçamba de lixo. Os cheiros de comida ainda a faziam sufocar, mas, após as duas pilhas de lixo anteriores, começava a ficar mais acostumada. Afastou montes de papel rasgado, mas só encontrou pedaços de madeira com pregos, caixas de CD vazias e uma moldura de quadro quebrada.

— Ei, olha isso! — gritou Dave Mal Acabado da caçamba seguinte. Ele surgiu usando um casaco militar cor de ervilha, um braço ligeiramente rasgado, e segurando uma embalagem de isopor para entrega de comida,

que estava quase cheia de *lingüini* ao molho Alfredo. — Quer um pouco? — perguntou, levantando um punhado de talharim e jogando-o na boca.

Ela fez que não com a cabeça, enojada, mas rindo.

Pedestres serpeavam pela rua indo do trabalho para casa, com bolsas de mensageiro e pastas a tiracolo. Nenhum deles parecia ver Val ou Dave. Era como se os dois tivessem se tornado invisíveis, apenas parte do lixo que catavam. Aquelas coisas que ela já sabia pela televisão e pelos livros. Isso devia fazê-la sentir-se pequena, mas ela se sentia liberta. Ninguém a olhava nem julgava se sua roupa combinava ou quem eram seus amigos. Nem sequer a viam.

— Não é tarde demais para encontrar alguma coisa boa? — perguntou, pulando fora.

— É, de manhã é a melhor hora. Neste horário, no fim de semana, as lojas jogam fora material de escritório. Vamos ver o que tem por aí, depois voltamos quando estiver perto da meia-noite, quando os restaurantes despejam o pão e os legumes velhos do dia. E depois, ao amanhecer, se formos mais uma vez à área residencial, teremos de chegar lá antes dos caminhões de lixo.

— Mas você não pode fazer isso todo dia, certo? — Val olhou para ele, incrédula.

— É sempre dia de lixo em algum lugar.

Ela viu uma pilha de revistas amarradas com uma corda. Até então, não encontrara nada que julgasse merecer ser pego.

— O que estamos procurando exatamente?

Dave comeu o resto do *lingüini* e jogou a caixa de volta na caçamba de lixo.

— Pegue qualquer tipo de pornografia. Sempre conseguimos vender. E qualquer coisa bonita, eu imagino. Se achar que é bonita, alguém mais, na certa, também vai achar.

— Que tal isso?

Ela apontou uma cabeceira de cama de ferro enferrujado, encostada na parede de uma ruela.

— Bem — ele parecia tentar ser gentil —, poderíamos levar de caminhão para uma daquelas lojinhas extravagantes, eles pintam coisas velhas como essa e revendem por um dinheirão, mas não vão valer todo o trabalho que vai dar. — Dave olhou para a luz que sumia do céu. — Droga.

Tenho de pegar uma coisa antes que escureça. Talvez tenha de fazer uma entrega.

Val pegou a cabeceira. A ferrugem arranhou-lhe as mãos, mas ela conseguiu equilibrar o ferro fundido no ombro. Dave tinha razão. Era pesada. Tornou a colocá-la no mesmo lugar.

— Que tipo de entrega?

— Ei, veja isso. — Ele se agachou e arrancou uma caixa cheia de romances água com açúcar. — Talvez valham alguma coisa.

— Para quem?

— Na certa poderíamos vender.

— É?

A mãe de Val sempre lia esses romances e ela se habituara à visão das capas: uma mulher nos braços de um homem, os cabelos compridos e ondulantes, uma bela casa ao longe. Todas as letras dos títulos eram rebuscadas e algumas ornadas com relevos dourados. Ela apostava que nenhum daqueles livros falava em trepadas com o namorado da filha. Teve vontade de ver se uma das capas mostrava isso: um garoto e uma senhora maquiada demais e com rugas em volta da boca.

— Por que alguém ia querer ler essa merda?

Ele deu de ombros, carregou a caixa embaixo de um dos braços e abriu um livro. Não leu em voz alta, mas moveu a boca enquanto passava os olhos pela página.

Ficaram calados por algum tempo da caminhada e, então, Val apontou para o livro na mão dele.

— É sobre o quê?

— Ainda não sei — respondeu Dave Mal Acabado.

Parecia chateado. Seguiram em silêncio por mais algum tempo, ele com o rosto enterrado no livro.

— Olhe aquilo! — Val apontou uma cadeira de madeira sem assento.

Ele analisou-a criticamente.

— Não. Não podemos vender. A não ser que queira para você.

— E o que eu ia fazer com isso? — perguntou Val.

Dave encolheu os ombros e virou-se para cruzar um portão preto numa praça quase vazia, jogando o romance de volta à caixa. Val parou para ler a placa: parque Seward. Árvores altas sombreavam quase todos os brinquedos do parquinho, espalhados pelo espaço. O concreto era

atapetado por folhas amarelas e marrons. Passaram por uma fonte seca com focas de pedra que talvez esguichassem água sobre as crianças no verão. A estátua de um lobo espreitava de um canteiro de grama marrom.

Dave Mal Acabado passou por tudo isso sem parar e dirigiu-se a uma área, separada por um portão, que circundava uma das filiais da biblioteca pública de Nova York. Dave atravessou por uma abertura na cerca. Val seguiu-o, subindo num jardim japonês em miniatura, cheio de pequenas pilhas de pedras pretas e lisas, dispostas em alturas variadas.

— Espere aqui — ele disse.

Ele afastou uma das pilhas de pedra e ergueu um pequeno bilhete dobrado. Momentos depois, voltava pela cerca e desdobrava-o.

— O que diz aí? — perguntou Val.

Com um largo sorriso, Dave estendeu-lhe o papel. Estava vazio.

— Veja isso — ele disse.

Amassando-o numa bola, atirou-o no ar. O papel voou pelo atalho e caiu, quando de repente mudou de direção, como se tivesse sido soprado por um vento rebelde. Enquanto Val olhava maravilhada, a bola de papel rolou até parar sob a base de um escorrega.

— Como você fez isso? — ela perguntou.

Dave estendeu a mão embaixo do escorrega e retirou um objeto coberto de fita adesiva.

— Só não conte a Luis, está bem?

— Você fica repetindo isso o tempo todo? — Ela olhou para o objeto na mão dele. Era uma garrafa de cerveja, lacrada com cera derretida. Em volta do gargalo, uma tira de papel pendia de um pedaço de corda desfiada. Dentro, uma areia cor de caramelo se espalhava a cada inclinação do recipiente, mostrando um brilho arroxeadado. — Que grande coisa é essa?

— Escute, se não acredita em Lolli, não vou discutir com você. Ela já lhe contou demais. Mas digamos que tenha acreditado nela por um minuto e que Luis realmente vê todo um mundo que o resto de nós não consegue enxergar e digamos que ele faça alguns trabalhos para eles.

— Eles?

Val não soube decidir se achava que isso era uma conspiração para assustá-la ou não.

Ele se agachou e, com um rápido olhar para a posição do sol no céu, retirou a rolha da garrafa, desfazendo em migalhas a cera em volta do gargalo. Despejou um pouco do conteúdo num saquinho igual àquele do qual ela vira Lolli despejar a droga. Ele enfiou o saquinho no bolso da frente da calça jeans.

— Por favor, o que é isso? — ela perguntou, mas a voz saiu sussurrada.

— Posso dizer francamente que não tenho a mínima idéia — respondeu Dave Mal Acabado. — Escute, eu tenho de ir ao bairro residencial na parte alta da cidade para deixar isso. Você pode vir comigo, mas vai ter de esperar do lado de fora quando chegarmos lá.

— É aquela coisa que Lolli injetou no braço? — ela perguntou.

Dave hesitou.

— Escute — ela insistiu —, eu posso simplesmente perguntar a Lolli.

— Não pode acreditar em tudo que ela diz.

— Que quer dizer exatamente com isso? — Val quis saber.

— Nada.

Ele balançou a cabeça e saiu andando.

Ela não teve outra opção senão segui-lo. Não tinha nem certeza de que saberia encontrar o caminho de volta para a plataforma abandonada, sem ele para guiá-la, e precisava da bolsa para ir a qualquer outro lugar.

Tomaram o F para a rua Trinta e Quatro e depois baldearam para o B, seguindo direto para a Noventa e Seis. Dave Mal Acabado pendurou-se numa barra de metal e fez levantamentos enquanto o trem atravessava os túneis com estrondo.

Val olhava para fora da janela, vendo as luzinhas que marcavam a distância formar linhas, mas após algum tempo seus olhos foram atraídos para os outros passageiros. O negro magro e rijo, cabelos cortados bem rentes, gingava inconscientemente segundo a música em seu iPod, com uma pilha de manuscritos balançando num dos braços. Uma menina sentada a seu lado desenhava cuidadosamente na própria mão uma luva de caracóis. Encostado nas portas, um homem alto, de terno cinzento listado, agarrava-se à pasta e olhava horrorizado para Dave. Cada pessoa parecia ter um destino, mas Val era um pedaço de madeira flutuante, girando rio abaixo, sem nem saber ao certo em que direção se movia. Mas sabia como girar mais rápido.

Da estação, percorreram algumas quadras até a margem do parque Riverside, uma imensa área verde que se inclinava até a rodovia lá em baixo, terminando mais adiante na imensidão do oceano. Do outro lado da rua, as casas com vistas para o parque tinham desenhos ornamentais de ferro que formavam arabescos nas janelas e portas. Blocos de concreto intrinsecamente esculpidos emolduravam as entradas e balaustradas das escadas, formando fantásticos dragões, leões e grifos que a olhavam de soslaio refletindo o brilho das lâmpadas de rua. Os dois passaram por uma fonte onde uma águia de pedra, com o bico rachado, armava uma carranca para um lago verde-escuro entupido de folhas.

— Espere aqui — ordenou Dave Mal Acabado.

— Por quê? — ela perguntou. — Qual é o grande mistério? Você já me disse todo tipo de merda que não devia.

— Eu disse que você não devia vir junto comigo.

— Ótimo — ela cedeu e sentou-se na borda da fonte. — Vou ficar bem aqui.

— Bom — ele assentiu, antes de atravessar a rua numa corridinha até uma das únicas portas que não possuía uma grade de ferro trabalhado.

Subiu os degraus brancos, largou a caixa de romances e apertou uma campainha junto a um lugar onde alguém imprimira em estêncil um cogumelo com tinta spray. Val ergueu os olhos para as gárgulas esculpidas que flanqueavam o telhado do edifício. Enquanto olhava, uma pareceu tremer, como uma ave num poleiro, farfalhando as penas de pedra, para fechá-las logo em seguida. Ela sentiu-se congelar, os olhos fixos na estátua e, após um momento, a gárgula se imobilizou.

Ela se levantou em um salto e atravessou a rua, chamando o nome de Dave. Mas, quando chegou aos degraus, a porta preta se abriu e uma mulher apareceu no vão. Usava uma longa camisola branca. Os cabelos, castanhos e verdes emaranhados, pareciam sujos e a pele sob os olhos era escura como um hematoma. Cascos projetavam-se para fora, por debaixo da bainha da camisola, onde deviam estar os pés.

Val ficou petrificada e a saia da mulher se acomodou, tampando os cascos e deixando Val com dúvidas sobre o que vira.

Dave Mal Acabado virou a cabeça e lançou-lhe um olhar feroz, antes de tirar a garrafa de cerveja da sacola.

— Vai entrar? — perguntou a mulher de cascos, a voz rouca, como se houvesse gritado.

Ela não pareceu notar que o lacre fora violado.

— Vou — ele disse.

— Quem é sua amiga?

— Val — ela respondeu, tentando não ficar boquiaberta. — Sou nova. Dave está me pondo a par das coisas.

— Ela pode esperar aqui fora — disse Dave.

— Acha que sou indelicada? O ar frio vai cortá-la até o osso.

A mulher manteve a porta aberta e Val entrou atrás de Dave, com um sorriso amarelo. Havia um vestibulo revestido de mármore e uma escada com corrimão antigo de madeira envernizada. A mulher de cascos conduziu-os por aposentos escassamente mobiliados, passando por uma fonte onde nadavam carpas prateadas — os corpos tão translúcidos que o rosa das vísceras se revelava através das escamas —, por uma sala de música com apenas uma harpa de colo de cordas duplas numa mesa de mármore e chegaram a uma sala de estar. A dona da casa sentou-se num canapé cor de creme, os relevos do tecido brocado desbastados, e fez um gesto para que os dois se juntassem a ela. Numa mesa baixa ao seu lado, havia uma xícara, um bule e uma colher manchada. A mulher de cascos usou a colher para medir um pouco de areia âmbar e despejá-la no copo, depois o encheu de água quente e deu um longo gole. Retraiu-se uma vez e quando ergueu a cabeça os olhos resplandeciam com um brilho arrepiante e reluzente.

Val não pôde impedir que seu olhar se desviasse para os pés de cabra da mulher. Sentia alguma coisa obscena nos vislumbres do pêlo curto e grosso, que cobria os tornozelos finos, o brilho do chifre preto, os dois dedões alargados do pé.

— Às vezes um remédio pode parecer outro tipo de doença — disse a mulher de pés de cabra. — David, não deixe de dizer a Ravus que houve outro assassinato.

Dave Mal Acabado sentou-se no piso de madeira manchado de preto.

— Assassinato?

— Dunnie Berry morreu ontem à noite. Coitadinha, mal tinha acabado de sair de sua árvore. É horrível como aquele portão de ferro cercou suas raízes. Deve tê-la chamuscado toda vez que o cruzava. Você fazia entregas para ela, não?

Dave Mal Acabado mudou desconfortavelmente de posição.

— Semana passada. Quarta-feira.

— É bem possível que você tenha sido a última pessoa que a viu viva. Tome cuidado. — A mulher ergueu a xícara de chá, despejou um pouco mais da solução. — As pessoas andam dizendo que seu mestre está misturando veneno ao produto.

— Ele não é meu mestre. — Dave Mal Acabado se levantou. — Precisamos ir.

A mulher de pés de cabra também se levantou.

— Claro. Venha aqui nos fundos que lhe darei o que devo.

— Não coma nem beba nada, senão vai ficar mais fodida do que já está — sussurrou Dave a Val quando seguiu a mulher até outro quarto, deixando a caixa de romances no chão.

Val fez uma cara feia e foi até uma pequena vitrine. Dentro da porta de vidro, havia um grande e sólido pedaço de algo semelhante à uma obsidiana. A seu lado, viam-se algumas outras coisas, igualmente estranhas. Um pedaço de casca de árvore, uma vareta quebrada, um carrapicho pontiagudo, em forma de cone de pinheiro e cada uma das pontas afiadas como uma navalha.

Alguns momentos depois, Dave Mal Acabado e a mulher de pés de cabra retornaram. Ela sorria. Val tentou encará-la sem se fixar nos olhos. Se alguém lhe perguntasse o que faria vendo uma criatura sobrenatural, não teria imaginado que não faria absolutamente nada. Sentia-se incapaz de ter certeza do que via, sem condições para decidir se tinha realmente um monstro bem à sua frente. Quando saíram do apartamento, ouvia o sangue latejando na cabeça no ritmo das batidas aceleradas do coração.

— Eu disse a você, porra, para ficar ali — grunhiu Dave Mal Acabado, indicando com um gesto o outro lado da rua, em direção à fonte.

Val estava agitada demais para se zangar.

— Eu vi uma coisa! Uma estátua se mexendo. — Val apontou para cima, para o topo do prédio e o céu quase noturno, mas estava confusa. — E então eu vim atrás de você e... que diabo é aquilo?

— Porra! — Dave deu um soco na parede de pedra, os nós dos dedos voltando avermelhados e arranhados. — Porra! Porra!

Afastou-se, a cabeça curvada como se houvesse sido deslocada por um vento forte.

Ela alcançou Dave e o agarrou pelo braço.

— Me diga — ela exigiu, apertando-o com força.

Ele tentou se soltar, empurrando-a, mas não conseguiu. Val era mais forte. Dave lhe lançou um olhar estranho, como se reavaliasse os dois.

— Você não viu nada. Não havia nada para ver.

Ela o encarou.

— E o que diria Lolli? Uma fada, não é mesmo? Só que as fadas não existem, porra!

Ele desatou a rir. Ela largou o braço dele e empurrou-o com força. A caixa de romances caiu, espalhando os livros pela rua.

Dave olhou os volumes caídos no chão e lançou mais uma vez um olhar a ela.

— Sua puta de merda. — Dave cuspiu no chão.

Toda a raiva e a confusão da véspera ferveram dentro dela. Cerrou as mãos em punhos. Queria bater em alguma coisa.

Dave curvou-se para pegar a caixa de papelão e recolocou os livros caídos no lugar.

— Você tem sorte de ser menina — resmungou.

Capítulo 4

*Não devemos para duendes olhar,
Nem seus frutos comprar:
Quem sabe em que terra eles alimentam
Suas raízes famintas e sedentas?*
— Christina Rossetti, *Goblin Market*

No trem, na viagem de volta, Val sentou-se num banco de plástico bem longe de Dave, encostou a cabeça num mapa do metrô sob um revestimento de acrílico e perguntou-se como alguém podia ter cascos. Vira sombras movendo-se sozinhas e garrafas de areia marrom que tinham alguma coisa a ver com os mexericos fantásticos de misteriosas senhoras da Alta Zona Oeste sobre pessoas em corpo de árvore assassinadas. O que de fato sabia era que não queria ser cega nem idiota, o tipo de menina que só percebeu que a mãe e o namorado vinham fazendo sexo quando viu tudo com os próprios olhos. Queria saber a verdade.

Quando chegou perto do parque de concreto na rua Leonard, viu Luis sentado num rebordo, bebendo alguma coisa numa garrafa de vidro azul. Uma menina esmirrada, com tênis descasados e barriga inchada sentava-se a seu lado, os dedos trêmulos segurando um cigarro. Ao se aproximar, Val viu feridas que vazavam pus nos tornozelos da menina. As ruas estavam quase desertas, a única pessoa por perto era um segurança particular do outro lado da rua, que se encaminhava de vez em quando para o meio-fio e desaparecia dentro do prédio.

— Por que ainda está aqui? — perguntou Luis, erguendo os olhos para ela.

Val continuou impassível diante dos olhos nebulosos e repletos de ferocidade do rapaz.

— Só me diga onde está Lolli e não estarei mais — ela respondeu.

Ele indicou com o queixo a grade no terreno quando Dave se aproximou dos dois.

A menina deixou o cigarro cair e tornou a pegá-lo, roçando os dedos na ponta acesa enquanto o tateava para colocá-lo de volta na boca.

— O que foi que você fez? — perguntou Luis a Dave, endurecendo o queixo. — O que aconteceu?

Dave olhou os carros estacionados que ladeavam a rua.

— Não foi culpa minha.

Luis fechou os olhos.

— Você é uma porra de um idiota.

Dave disse mais alguma coisa, porém Val já se encaminhava para a entrada de serviço, cuja grade ela e Dave haviam aberto naquela tarde. Agachou-se com as mãos e os joelhos, levantou a ponta sem dobradiça das barras de metal e deslizou para os degraus abaixo.

— Lolli? — gritou para a escuridão.

— Aqui — veio a resposta sonolenta.

Val avançou a custo por entre os colchões e cobertores até o lugar no qual dormira na noite anterior. A mochila não estava onde a deixara. Ela chutou para o lado algumas das roupas sujas na plataforma. Nada.

— Onde está minha bolsa?

— Acho que é nisso que dá você confiar suas coisas a um bando de vagabundos. — Lolli riu e levantou a mochila. — Está aqui. Relaxe.

Val abriu o zíper da bolsa. Tinha todas as suas coisas dentro, a lâmina ainda entupida de cabelos, os treze dólares ainda dobrados na carteira, bem ao lado da passagem de trem. Até o chiclete continuava ali.

— Desculpe — disse e sentou-se.

— Não confia em nós? — perguntou Lolli, com um grande sorriso.

— Escute, eu vi uma coisa e não sei o que era e acabei ficando confusa.

Lolli sentou-se, abraçando as pernas junto ao peito, os olhos arregalados e alargando ainda mais o sorriso.

— Você viu um deles!

A imagem da mulher de pés de cabra moveu-se aflitivamente na memória de Val.

— Eu sei o que você vai dizer, mas acho que não era uma fada.

— Então que acha que era?

— Eu não sei. Talvez meus olhos tenham me enganado. — Val sentou-se num caixote de laranjas virado para baixo, que rangeu mas aguentou seu peso. — Isso não faz o menor sentido.

— Acredite no que pode dar conta de acreditar.

— Mas, quer dizer... fadas? Até parece que você acredita mesmo em fadas.

Lolli bufou.

— Você viu uma, você é quem deve me dizer.

— E eu te disse. Eu te contei que eu não sei o que vi. Uma mulher com pés de cabra? Você injetando uma coisa misteriosa no braço? Papéis que dançam? Essas coisas deveriam fazer sentido?

Lolli fez uma cara feia.

— Como a gente *sabe* que é real? — Val quis saber.

— O túnel do troll — respondeu Lolli. — Nunca vai conseguir uma explicação plausível para aquilo.

— Troll?

— Luis fez um trato com ele. Quando Dave e a mãe deles foram baleados. A mãe já estava morta quando a ambulância chegou, mas Dave ficou no hospital por algum tempo. Luis prometeu ao troll que iria servi-lo por um ano se ele salvasse a vida de Dave.

— E era para essa coisa que Dave fazia a entrega? — perguntou Val.

— Ele levou você a um deles? — Lolli emitiu um som que poderia ter sido uma risada. — Uau, ele é realmente o pior espião do mundo.

— Que é que tem de tão importante em ele me contar? Por que Luis se preocupa com o que eu sei? Como você disse a Dave, ninguém vai acreditar em mim.

— Luis diz que nenhum de nós deveria saber, nem mesmo Dave. Eles ficariam furiosos, segundo ele. Mas, desde que começou a fazer entregas para Ravus, alguns dos outros seres encantados o têm mandado fazer o mesmo para eles. Dave faz alguns dos trabalhos do troll.

— Minha amiga Ruth inventava coisas. Dizia que tinha um namorado chamado Zachary, que morava na Inglaterra. Ela me mostrava cartas cheias de poesia angustiada. Basicamente, a verdade era que a própria Ruth escrevia as cartas para si mesma, imprimia e mentia a respeito. Sei tudo sobre mentirosos — disse Val. — Não é que eu não acredite no que você diz, mas e se Luis estiver mentindo para você?

— E daí? — perguntou Lolli.

Val sentiu uma onda de raiva, que era piorada pelo fato de não ser direcionada a ninguém específico.

— Dane-se. Onde é o túnel do troll? Vamos descobrir sozinhas.

— Eu conheço o caminho — disse Lolli. — Segui Luis até a entrada.

— Mas não entrou? — Val levantou-se.

— Não. — Lolli também ficou de pé, tirando a poeira da saia. — Eu não quis ir sozinha e Dave não iria comigo.

— O que seria um troll? — perguntou Val, enquanto Lolli remexia nos panos e sacolas na plataforma.

Pensou na história dos três ursos, no jogo *WarCraft* e nos pequenos trolls verdes que tinham machados e diziam: “Quer comprar um charuto?” e “Cumprimente meu amiguinho”, quando se clicava neles várias vezes. Nenhum parecia real, mas o mundo sem dúvida seria mais divertido com alguma coisa tão irreal assim.

— Achei — disse Lolli, erguendo uma lanterna que emitia uma luz fraca e inconstante. — Isso não vai durar.

Val saltou para o nível do trilho.

— Vamos ser rápidas.

Com um suspiro, Lolli desceu depois dela.

Quando atravessavam o túnel do metrô, a lanterna quase se extinguindo inundava de âmbar as paredes pretas, destacando a fuligem e os quilômetros de fiação elétrica que cobria o túnel de fios coloridos. Era como andar pelas veias da cidade. Passaram por uma plataforma movimentada, onde pessoas esperavam um trem. Lolli acenou para elas quando a olharam, mas Val abaixou-se e pegou as pilhas descartadas de uma dezena de aparelhos de CD. Enquanto avançavam, experimentou cada uma das pilhas, até encontrar duas que intensificaram o fecho de luz da lanterna.

Agora iluminava pilhas de lixo, captando o reflexo verde de olhos de ratos e das paredes movediças de baratas que prosperavam no calor e na escuridão. Val ouviu um fraco assobio.

— Trem! — berrou, empurrando Lolli para a abertura na parede, uma fenda rasa, coberta de sujeira.

Uma rajada de pó atravessou o ar um momento antes de o trem passar como uma bala em outro trilho. Lolli resmungou e colocou o rosto no de Val.

— Um belo dia no meio das trevas — ela entoou. — Dois meninos mortos levantaram-se para brigar.

— Pare com isso. — Val se afastou.

— Costas com costas viraram-se para um ao outro enfrentar, sacaram as espadas e lançaram-nas para um ao outro eliminar. O policial surdo na ronda ouviu e veio para com balas os dois meninos mortos matar. — Lolli riu. — Qual é? É uma rima que minha mãe me contava. Você nunca ouviu antes?

— É uma merda de assustadora.

Val tinha os joelhos trêmulos quando retomaram a caminhada pelos infindáveis e serpeantes túneis. Por fim, Lolli apontou uma abertura que parecia haver sido feita a pancadas nos blocos de cimento.

— Por ali.

Val deu um passo, mas Lolli fez um barulho.

— Val...

— Se está com medo, pode ficar aqui. Eu entro e volto logo.

— Eu não estou *apavorada* — disse Lolli.

— Tudo bem.

Val atravessou o áspero vão de concreto da entrada.

Saiu num corredor escuro cheio de água, com depósitos de cálcio pendendo em estalactites quebradiças. Deu mais alguns passos, a água fria encharcava os tênis e a batinha da calça jeans. A luz da lanterna iluminou tiras rasgadas e denteadas de tecido plástico bem em frente. Deslocavam-se com o vento fraco, como cortinados de gaze ou fantasmas. O movimento era enervante. Espirrando água ao avançar, ela se abaixou sob o plástico e saiu numa grande câmara entupida de raízes, que balançavam por toda parte, longas gavinhas peludas arrastavam-se na água mais profunda, troncos de raízes espessas rachavam o teto de concreto e afinavam-se ao se espalhar. O mais estranho, porém, era o fruto que pendia delas como galhos. Globos brancos nasciam dos arabescos peludos, sem ser aquecidos por nenhum raio de sol nem nutridos por nenhum nutriente do solo. Val aproximou-se mais. A casca de cada um era leitosa e translúcida, mostrando um rubor rosado embaixo, como se tivessem os centros vermelhos.

Lolli tocou em um.

— São quentes — disse.

Foi então que Val notou a escada enferrujada, o corrimão envolto em tecido encharcado.

Ela hesitou. Olhando mais uma vez para a árvore invertida, tentou dizer-se que era apenas algo misterioso, mas não sobrenatural. Não importava. Era tarde demais para voltar.

Val começou a subir os degraus que rangiam e ela viu uma luz difusa. Quando os trens passavam com estrondo lá em cima, a luz caía como uma chuva de pó fino, que riscava e se agarrava às paredes gotejantes. As

meninas subiram a escada espiral, cada vez mais alto, até chegar a uma grande janela emoldurada por uma esquadria, coberta de velhas mantas presas com pregos. Val curvou-se sobre o corrimão e afastou o pano. Surpreendeu-se ao ver uma quadra de basquete, edifícios de apartamento, a rodovia e o rio mais adiante, cintilando como um colar de luzes. Estava dentro da ponte de Manhattan.

Continuou andando e finalmente chegou a um aposento grande e aberto com canos e cordas grossas que corriam pelo teto e tinha pesadas prateleiras de madeira ao longo dos dois lados da parede. Parecia destinar-se a trabalhadores de manutenção. Livros empilhavam-se em estantes improvisadas e em empoeiradas pilhas no chão. Velhos volumes, surrados e gastos. Uma placa de compensado, apoiada em dezenas de blocos de concreto perto da entrada, formava uma escrivaninha improvisada. Vidros de geléia ladeavam uma borda e, apoiada neles, via-se uma espada que parecia feita de vidro.

Val deu mais um passo para a frente, estendeu a mão e uma coisa caiu sobre ela. Uma pesada manta molhada, fria e amorfa cobriu-a. Tapava-lhe a visão e a sufocava. Ela atirou as mãos para cima, agarrando a coisa levemente molhada, sentindo-a ceder sob suas unhas afiadas e curtas. Ouviu Lolli gritando como se estivesse muito longe. Manchas começaram a formar-se diante de seus olhos e ela estendeu as mãos, às cegas, para pegar a espada. A mão deslizou pela lâmina, cortando-lhe de leve os dedos, mas deixando-a empunhá-la.

Ela apoiou-a e equilibrou-a no próprio ombro. A coisa escorregou e, por um atordoante momento, ela conseguiu mais uma vez respirar, empunhando a espada de vidro da melhor forma possível, como se fosse um bastão de lacrosse, com a qual golpeou a coisa branca e desprovida de ossos que ondulava em sua direção, a cara esticada e as feições achatadas fazendo-a parecer uma boneca de papel pálida e corpulenta. A coisa contorceu-se no chão e capengou.

As mãos de Val tremiam. Ela tentou controlá-las, mas não paravam de tremer, mesmo quando as cerrou em punhos, enterrando as unhas na própria carne.

— Que coisa era aquela? — perguntou Lolli.

Val balançou a cabeça.

— Como vou saber?

— Precisamos ser rápidas.

Lolli foi até a escrivaninha e despejou várias geléias na sua bolsa.

— O que você está fazendo? — perguntou Val. — Vamos sair logo daqui.

— Certo, certo. — Lolli revirou algumas garrafas. — Já vou.

Ervas haviam sido atadas em feixes num dos potes. Outro fora enchido de mariposas mortas, mas um terceiro tinha o que parecia ser nós de cordões de sapato de alcaçuz avermelhado. Alguns exibiam rótulos nas tampas: cereja silvestre, hissopo, absinto, papoula. No centro do compensado, havia uma placa de mármore com bolas verdes espinhentas à espera de serem picadas pela pequena meia-lua de uma faca, que estava ao lado da placa.

Na parede, via-se uma série de objetos pregados com alfinetes — um invólucro de bala, um chumaço cinza de goma de mascar, a guimba queimada de um cigarro. Pendurada em frente a cada objeto, uma lente de aumento ampliava não apenas os artigos, mas também as notas manuscritas que os circundavam. “Respire”, dizia uma. “Ame”, dizia outra.

Lolli arquejou forte. Val deu meia-volta sem pensar e ergueu automaticamente a espada. Surgiu um vulto ameaçador no vão da porta, alto e magro como um jogador de basquete, curvando-se para atravessar o portal. Quando tornou a erguer-se, cabelos ralos, pretos como tinta, emolduravam a pele verde-cinza do rosto. Dois caninos proeminentes sobressaíam da mandíbula, as pontas afundavam na carne mole do lábio superior. Ele arregalou os olhos com alguma coisa que poderia ser medo ou até fúria, mas Val se viu paralisada pela forma como as íris pretas eram polvilhadas de ouro ao redor, como os olhos de uma rã.

— Ora. — A voz do troll era um grunhido profundo. — Que temos aqui? Um par de meninas de rua imundas.

Deu dois passos em direção a Val e ela tropeçou para trás sobre os próprios pés, a mente repleta unicamente pelo pânico.

Com um pé calçado numa bota, o ogro cutucou a coisa sem ossos.

— Vejo que passou pelo meu guardião. Que coisa mais improvável. — Ele usava um sobretudo preto abotoado, que lhe cobria do pescoço à batata da perna, com uma calça preta por baixo que parecia realçar a faixa verde que cobria os punhos desfiados e a nuca, onde o tecido se misturava com a

pele, que tinha a mesma cor horrível que às vezes pode ser encontrada sob um aro de cobre muito usado. — E você também se serviu de mais alguma coisa minha.

O medo cerrou a garganta de Val e a deixou paralisada. Ela viu o sangue leitoso escorrer pela espada e sentiu as mãos começarem a tremer mais uma vez.

— Só um ser humano conhece esse lugar. Portanto, o que foi que Luis disse a você? — O troll deu outro passo em direção às duas, a voz baixa e furiosa. — Ele as desafiou a entrarem? Disse que aqui havia um *monstro*?

Val olhou para Lolli, mas ela estava aturdida e calada.

O troll correu a ponta da língua sobre o dente incisivo.

— Mas o que pretendia Luis, esta é a verdadeira questão. Dar a vocês um belo susto? Dar a mim um belo susto? Uma boa refeição? É inteiramente possível que ele achasse que eu ia querer comer vocês. — Ele fez uma pausa, como se esperasse que uma delas negasse. — Acham mesmo que quero comer vocês?

Val ergueu a lâmina da espada.

— Não vai mesmo responder? — A voz dele se aprofundou num berro. — Claro, talvez vocês sejam apenas uma dupla de ladras azaradas.

Os instintos de Val apoderaram-se dela, que correu para a saída, em direção ao troll. Quando ele tentou pegá-la, Val se abaixou, passou por baixo de seu braço e bateu nas tiras de plástico. Achava-se na metade da escada, quando ouviu Lolli gritar.

Ali, em pé, com os trens chocalhando na ponte lá em cima, ainda empunhando a espada de vidro, Val hesitou. Era *ela* o motivo de Lolli estar dentro daquele lugar. Fora sua a idéia idiota de tentar provar a si mesma que seres encantados não existem. Devia ter voltado quando viram a árvore. Não deveria sequer ter ido ali. Respirando fundo, subiu correndo a escada.

Lolli estava estendida com as pernas e os braços abertos no chão. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e o corpo, estranhamente frouxo. O troll a segurava pelo pulso e parecia estar prestes a exigir-lhe alguma coisa.

— Solte-a — disse Val.

A voz saiu de sua boca como se fosse de outra pessoa. Alguém corajoso.

— Acho que não. — Curvando-se, o troll arrancou a sacola de mensageiro do ombro de Lolli e virou-a de cabeça para baixo. Várias moedas ricochetearam no piso de madeira, rolando para junto de garrafas cheias de areia preta, agulhas, uma faca enferrujada, pedaços de goma de mascar, guimbas de cigarro e um pó compacto, que quebrou quando bateu no chão, derramando pó por todo o piso. Ele se abaixou para pegar uma das garrafas, os dedos compridos quase tocando o gargalo. — Por que você ia querer...

— Não temos mais nada seu. — Val adiantou-se e ergueu a lâmina. — Por favor.

— É mesmo? — ele bufou. — Então o que é isso que você tem nas mãos?

Ela olhou para a espada, que cintilava como um pingente de gelo sob as lâmpadas fluorescentes, e surpreendeu-se. Esquecera que era dele. Virando a ponta para o chão, pensou em largá-la, mas temeu ficar inteiramente desarmada.

— Pegue-a. Pegue-a e vamos embora.

— Você não está em posição de me dar ordens — disse o troll. — Largue a espada. Com cuidado. É uma coisa mais preciosa que você.

Val hesitou, curvando-se como se fosse pôr a lâmina de vidro no chão. Não colocou e continuou a vigiá-lo.

Ele torceu bruscamente o dedo de Lolli e ela gritou.

— Para doer toda vez em que sentir coceira para pegar uma coisa que não é dela. — Ele agarrou um segundo dedo. — E que você sofra por achar que é a causa dessa dor.

— Pare! — gritou Val, largando a espada sobre as ripas de madeira do piso. — Eu fico se você a soltar.

— Como? — Ele estreitou os olhos e, então, ergueu uma sobrancelha. — Mas não é mesmo muito galante da sua parte?

— Ela é minha amiga — disse Val.

O troll parou e ficou com o semblante curiosamente sem expressão.

— Sua amiga? — ele repetiu, monocórdio. — Muito bem. Você vai pagar pela tolice dela assim como pela sua. É o fardo da amizade.

Val deve ter parecido aliviada, porque um pequeno e cruel sorriso se insinuou no rosto dele.

— Quanto tempo ela vale? Um mês de serviço? Um ano?

Os olhos de Lolli faiscaram com lágrimas.

Val assentiu com a cabeça. Claro. Qualquer coisa. Seja o que for. Era só deixá-las ir embora e depois não importaria o que ela prometera. Ele soltou um suspiro.

— Você vai me servir por um mês, uma semana para cada artigo roubado. — Fazendo uma pausa momentânea, acrescentou: — De todas as maneiras que eu precisar.

Ela retraiu-se e ele sorriu.

— Você irá ao parque Seward todos os dias, no crepúsculo. Lá, vai encontrar um bilhete debaixo da pata do lobo. Se não fizer o que está escrito, as coisas vão ficar pretas para você. Está entendendo?

Val fez que sim com a cabeça. Ele soltou a mão de Lolli. Ela correu para jogar suas coisas de volta na sacola. O troll apontou um dedo comprido.

— Vá até aquela mesa. Nela, há uma tintura assinalada “palha”. Traga para mim.

Val apalpou os potes, lendo a caligrafia encaracolada: valverde, sanguinária, ruta, sanguinária do Canadá, artemísia. Ela ergueu uma solução, o conteúdo era espesso e turvo.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim, essa. Traga-a aqui.

Ela assim fez, aproximando-se dele, perto o bastante para notar que o tecido de seu sobretudo era de lã esfarrapada e cheia de buracos de traça. Chifres pequenos e curvos projetavam-se do alto de cada orelha, fazendo parecer que as pontas haviam endurecido até se tornarem osso.

Ele pegou o pote, abriu-o e tirou um pouco do conteúdo. Ela retraiu-se e afastou-se dele. A solução cheirava a folhas podres.

— Fique aqui — ele disse, como se ela fosse um cachorro e ele, seu dono.

Furiosa com o próprio terror, mas, ainda assim, impotente, Val permaneceu imóvel. Ele correu a base dos dedos sobre a boca da menina, besuntando-a com a solução. Ela se preparou para sentir algo horrível, mas sentiu apenas que a pele dos lábios esquentava.

Então, quando ele a encarou, o olhar foi tão intenso que Val estremeceu.

— Repita as condições de sua promessa.

Ela obedeceu.

Dizem que os jogos de videogame são ruins porque deixam as pessoas paralisadas como zumbi e fazem com que se registrem entranhas respingando pela tela como um sinal de sucesso. Naquele momento, Val achou que o verdadeiro problema dos jogos era que o jogador deveria tentar de tudo. Se fosse uma gruta, deveria entrar nela. Se fosse um estranho misterioso, deveria conversar com ele. Se fosse um mapa, deveria segui-lo. No videogame, eram necessários um bilhão de vidas e ela só tinha uma.

Capítulo 5

*Mas o Corvo, sobre o busto, nada mais dissera...
nem mais voz nem movimento fez...
E eu..., perdido, murmurei lento: “Amigos, sonhos — mortais
Todos — todos já se foram... Amanhã também te vais.”
Disse o Corvo: “Nunca mais.”
— O corvo, Edgar Allan Poe (tradução de Fernando Pessoa)*

As luzes da cidade brilhavam intensamente e as ruas entupiam-se de fumantes parados diante de bares e restaurantes, quando Val e Lolli saíram cambaleando da ponte para a rua.

Um homem dormindo numa caixa de papelão desfeita rolou de bruços e se cobriu com um sobretudo. Val assustou-se violentamente com o movimento, os músculos contraindo-se tão rápido que os ombros doeram. Lolli embalava a bolsa de mensageiro como se fosse um animal de pelúcia, abraçando-a e a si mesma também.

Era estranha a loucura no momento em que as coisas aconteceram, difícil acompanhar o conjunto de razões, impulsos e pensamentos que a levou àquele lugar louco. Embora Val tivesse desejado encontrar provas da existência de seres fantásticos, a prova concreta a devastava. Quantas fadas e que outras coisas poderiam existir ali? Num mundo onde esses seres sobrenaturais eram reais, haveria demônios, vampiros ou monstros do mar? Como podiam existir essas coisas e não estar na primeira página dos jornais em toda parte?

Val lembrou-se do pai lendo *Os três ursos* quando ela era criança. *Trip trap, trip trap, seguia em frente o menor deles, o Ursinho Billy*. Aquele troll do túnel não era nada parecido com a ilustração no livro — poderia ser algum deles? *Quem foi que passou saltitando na minha ponte?*

— Veja meu dedo — disse Lolli, segurando-o na outra mão aberta. Estava inchado e torto, num ângulo estranho em relação à junta. — Ele quebrou a porra do meu dedo.

— Talvez só tenha deslocado. Já fiz isso antes. — Val lembrou-se do tombo que levava sobre as próprias mãos no campo de lacrosse, escorregando ao tentar desviar de uma árvore, as idas ao médico com seu cheiro de iodo e charuto. — Você precisa endireitar o dedo e pôr uma tala.

— Escute — disse Lolli, áspera. — Eu não pedi que fosse meu cavaleiro de armadura brilhante. Sei cuidar de mim mesma. Você não

tinha de prometer nada àquele monstro e não tem de fazer papel de médica agora.

— Tem razão. — Val chutou uma lata de alumínio esmagada, vendo-a saltar pela rua como uma pedra deslizaria sobre a água. — Você não precisa de nenhuma ajuda. Tem tudo sob controle.

Lolli olhou atentamente a vitrine de uma loja de aparelhos eletrônicos, onde televisões mostravam os rostos delas.

— Eu não disse isso.

Val mordeu o lábio, provando o resto da solução do ogro. Lembrou-se dos olhos dourados dele e da raiva abundante e quente que tinha na voz.

— Sinto muito. Eu devia ter simplesmente acreditado em você.

— É, devia mesmo — disse Lolli, mas sorriu.

— Escute, podemos arranjar um pau ou alguma coisa para a tala. E amarrar com um cadarço de sapato.

Val se agachou e começou a desamarrar o tênis.

— Tenho uma idéia melhor. — Lolli virou-se para a entrada de um beco. — Que tal eu esquecer a dor? — Ela sentou-se encostada nos tijolos imundos e retirou da bolsa a colher de sopa, a agulha, o isqueiro e um saquinho transparente seja lá do que ele fosse. — Mesmo assim, me passe o cadarço.

Val pensou nas sombras se modificando, lembrou-se da areia âmbar e não teve a mínima idéia do que poderia acontecer em seguida.

— Que é isso?

— Nunca Mais — disse Lolli. — É assim que Luis chama isso, porque há três regras: nunca mais que uma vez por dia, nunca mais que uma picada de cada vez e nunca mais que dois dias seguidos.

— Quem criou essas regras?

— Dave e Luis, eu acho. Depois de que passaram a morar na rua, Luis começou a fazer entregas para mais seres encantados. Imagino que eles tenham incumbências que precisam que alguém faça e Dave assumiu algumas das entregas. Uma vez, ele pegou um pouquinho do Nunca Mais, misturou com um pouco de água, como os seres encantados fazem, e tomou. Isso dá às fadas mais encanto ou alguma coisa do tipo, para impedir que o ferro os afete demais, mas nos deixa doidões. Beber foi legal por algum tempo, mas é muito melhor injetado no braço ou cheirado, como Dave faz.

Lolli cuspiu na colher e acendeu o isqueiro. A solução faiscou como se acabasse de ganhar vida.

— Encanto?

— A forma como os faz parecerem diferentes ou outras coisas parecerem diferentes. Magia, eu acho.

— Como é isso?

— O Nunca? É como o mar se quebrando na sua cabeça e levando você para dentro dele — Lolli tentou explicar. — Nada mais pode tocá-la. Nada mais tem importância.

Lolli aspirou a coisa com a agulha. Val perguntava-se se conseguiria sentir-se assim. Parecia esquecimento. Parecia paz.

— Não — disse e Lolli parou.

Val sorriu.

— Faça em mim primeiro.

— Verdade? — sorriu Lolli. — Você quer?

Val fez que sim com a cabeça, enrijecendo o braço e estendendo-o.

Lolli fez um torniquete no braço dela, deu uns petelecos na seringa para tirar as bolhas e introduziu a agulha tão maciamente como se a pele tivesse sido feita para absorvê-la. A dor foi tão de leve que era menor que o corte de uma gilete.

— Você sabe — disse Lolli —, o negócio com as drogas é que fazem as coisas meio se deslocarem, vão para a esquerda, para os lados e ficam de cabeça para baixo, mas com o Nunca você pode fazer com que todo mundo fique de cabeça para baixo com você. Que outra coisa faz isso?

Val nunca pensara muito na parte interna do próprio cotovelo, mas, agora, ela parecia tão vulnerável quanto o pulso, a garganta. Ela esfregou o hematoma quando a agulha foi retirada. Quase não saiu sangue.

— Eu não sei. Nada, imagino.

Lolli assentiu com a cabeça, manifestando satisfação com a resposta. Enquanto preparava outra dose de Nunca, Val viu-se distraída pelo ruído do fogo, a sensação de suas próprias veias contorcendo-se como um ninho de serpentes sob a pele.

— Eu... — Ela começou, mas a euforia derreteu-lhe os ossos.

O mundo tornou-se mel, espesso, lento e doce. Ela não conseguiu pensar no que queria dizer e, por um momento, imaginou-se perdendo as

palavras para sempre. E se ela jamais pudesse voltar a pensar no que queria dizer?

— Suas veias estão absorvendo a magia. — A voz de Lolli parecia vir de uma grande distância. — Agora você pode fazer qualquer coisa acontecer.

O fogo inundou Val, levando embora o frio, banindo todas as pequenas agonias — a bolha no dedão do pé, a dor no estômago, os músculos demasiadamente tensos na região dos ombros. Seu medo dissolveu-se, substituído por força. Força que pulsava dentro dela, vertiginosa e ávida, abrindo-a como uma caixa de quebra-cabeça para revelar toda a sua mágoa, raiva e confusão secretas. Força que lhe sussurrava em línguas de fúria, com promessas de triunfo.

— Viu? Não está mais doendo — disse Lolli.

Pegou o dedo e torceu. Fez um ruído como se estalasse e tornou a encaixá-lo no lugar.

Tudo parecia muito claro e brilhante. Val imaginou que se perdia nos desenhos formados pela sujeira na calçada, a promessa de placas de néon cor de balas, o cheiro de uma distante fumaça de cachimbo, de canos de descarga, de óleo de fritura. Tudo era estranho, belo e cheio de possibilidades.

Lolli ria como um chacal.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

O fogo consumia a parte interna dos braços de Val, causando dor, mas de forma igualmente deliciosa, como se estivesse inundada de luz. Ela se sentia volátil e invencível.

— É sempre assim a sensação? — perguntou, embora uma distante parte da mente lhe dissesse que era impossível Lolli saber o que ela sentia.

— Sim — respondeu Lolli. — Oh, é, sim.

Lolli conduziu Val pela rua, abordando um asiático de cabelos grisalhos, cortados quase rentes à cabeça, que vinha na direção oposta. A princípio, ele recuou quando chegaram mais perto, mas, depois, alguma coisa pareceu relaxá-lo.

— O senhor poderia me dar algum dinheiro? — pediu Lolli.

Ele sorriu e enfiou a mão no bolso do paletó, retirando uma carteira. Pegou várias notas de vinte.

— Isso basta? — A voz do homem soou estranha, baixa e deslumbrada.

Ela curvou-se para beijá-lo no rosto.

— Obrigada.

Val sentia o vento açoitá-la, vindo do rio Hudson, mas o frio avassalador já não a tocava. A mais violenta rajada parecia uma carícia.

— Como conseguiu que ele fizesse isso? — perguntou, mas era tudo maravilhoso e não sentia preocupação com nada.

— Ele quis — respondeu Lolli. — Todos querem que a gente tenha o que quiser.

Enquanto caminhavam, cada pessoa por quem passavam dava-lhes o que pediam. Uma mulher de saia de lantejoula deu-lhes seu último cigarro, um rapaz de boné de basquete entregou-lhes o casaco sem uma palavra, uma mulher de capa de chuva dourada tirou um par de brilhantes argolas de ouro diretamente das orelhas.

Lolli enfiou a mão numa lata de lixo e ergueu cascas de banana, papel molhado, pão mofado e xícaras cheias de água viscosa.

— Veja isso.

Em suas mãos, os detritos transformaram-se em bolinhos tão brancos e lindos que Val estendeu a mão para pegar um.

— Não — disse Lolli. — Para eles.

Deu um bolinho a um velho quando passou e ele o engoliu como um animal, pegando mais como se fosse a melhor comida do mundo.

Val riu, em parte pelo prazer do velho, em parte pelo poder delas sobre ele. Pegou uma pedra e transformou-a num biscoito. Ele comeu também, lambendo nas mãos dela o último restinho. O cara estalou a língua e isso apenas a fez rir com mais vontade.

Percorreram mais algumas quadras, Val não sabia ao certo quantas. Continuava vendo coisas fascinantes que não vira antes: o brilho nas asas de uma barata quando atravessou deslizando uma grade, o sorriso numa cara esculpida acima de uma vitrine, os talos quebrados das flores diante de uma taberna.

— Chegamos. — Lolli apontou para uma loja escura. Na vitrine, manequins posavam em saias justas estampadas com cenas de histórias em quadrinhos ou se refestelavam em modernos canapés vermelhos, erguendo taças de martini com bolinhas. — Eu quero entrar.

Val foi até a vitrine e chutou o vidro. Trincou-o, mas não o quebrou. O alarme disparou duas vezes e silenciou.

— Tente isto — instruiu Lolli, pegando um canudinho de plástico, que em sua mão se transformou numa alavanca pesada e fria.

Val sorriu, maravilhada, e bateu na vitrine com toda a raiva intensificada pelo ódio que sentia por Tom, pela mãe e por si mesma, toda a raiva do troll na torre e a fúria contra o universo inteiro. Bateu até o vidro vergar como metal curvado.

— Legal.

Lolli deu um largo sorriso e rastejou vitrine adentro. Assim que Val entrou, o vidro refez-se, sem um arranhão, melhor do que se fosse novo.

Dentro da loja, luzes se acenderam e música começou a tocar.

Cada novo encanto parecia alimentar a força dentro de Val, em vez de esvaziá-la. A cada encantamento, sentia-se mais vertiginosa, selvagem. Nem mais tinha certeza de qual das duas fazia o quê.

Lolli tirou os sapatos no meio da loja e experimentou um vestido de cetim verde. Val viu que os pés descalços estavam vermelhos de bolhas.

— Acha bonito?

— Claro. — Val pegou duas calcinhas e uma calça jeans, lançando suas roupas velhas no braço estendido de um manequim. — Veja essa porcaria, Lolli. É uma calça jeans de cento e oitenta dólares e não parece nada. É apenas uma calça jeans.

— É grátis — corrigiu Lolli.

Val encontrou as roupas que queria e depois se sentou numa poltrona coberta por um tecido que imitava uma história em quadrinhos para ver Lolli experimentar mais coisas. Enquanto ela dançava pela loja, com um xale bordado com contas na cabeça, Val notou o mostruário ao lado da poltrona.

— Está vendo isso? — perguntou, erguendo um cálice de vinho cor abacate. — Vê como esse troço é feio? Quer dizer, quem pagaria por uma coisa tão horrenda?

Lolli riu e pegou um chapéu com franja feita de plumas num tom bem forte de cor-de-rosa.

— As pessoas comprem o que lhes mandam comprar. Não sabem que é feio ou talvez saibam e achem que tem alguma coisa errada em pensar assim.

— Então precisam ser protegidas de si mesmas. — Val lançou o copo no piso de linóleo. O vidro se espatifou. Os cacos se espalharam por todos

os lados. — Qualquer um vê que essas coisas são feias. Feias, feias, feias.

Lolli desatou a rir e continuou rindo até Val quebrar o último copo. Voltando a pé para a estação da Worth Street com Lolli, Val sentiu-se desorientada, sem saber o que realmente acontecera. À medida que o Nunca vazava dela, foi se sentindo cada vez mais apagada, como se o fogo do encantamento houvesse consumido alguma parte tangível sua, como se a houvesse dilacerado.

Lembrava-se de uma loja e de pessoas que haviam comido de suas mãos e de que andara, mas não tinha muita certeza de onde conseguira as roupas que usava. Lembrava-se de um borrão de rostos, presentes e sorrisos, tão nebuloso quanto a lembrança de um monstro numa torre antes de tudo aquilo.

Quando baixou os olhos para si mesma, viu roupas que não se lembrava de haver escolhido — grandes botas pretas de chutar bundas, decididamente mais quentes que seus tênis, uma camiseta estampada com um leão desses que fazem parte de brasões de famílias antigas, calças pretas com toneladas de bolsos fechados com zíperes, e um casaco preto grande demais para ela. Afligia-a pensar que suas próprias roupas haviam simplesmente desaparecido, deixadas para trás em algum lugar. As botas beliscavam-lhe os pés quando ela andava, mas sentia-se satisfeita com o casaco. Parecia que tinham andado até o SoHo e, sem a magia no corpo, sentia mais frio que nunca.

Quando tomaram a entrada de serviço e desceram a escada, Val viu várias pessoas no túnel. A luz oscilante das velas iluminava uma das maçãs do rosto deles, a curva de uma mandíbula, a garrafa coberta por um saco de papel que alguém levava à boca. A menina de barriga inchada estava lá, enrolada num cobertor com outro corpo.

— Aí estão vocês — disse Dave Mal Acabado. A voz soou pastosa e, quando a luz de vela o captou, ela viu que a boca tinha a aparência frouxa dos muito embriagados. — Venha se sentar aqui comigo, Lolli. Venha se sentar aqui.

— Não — ela respondeu, dirigindo-se em vez disso para Luis. — Você não pode me dizer o que fazer.

— Não estou tentando lhe dizer coisa alguma. — A voz dele agora soava infeliz. — Não sabe que eu a amo, meu bem? Eu faria qualquer coisa

por você. Olha só. — Ele ergueu o braço. Tinha “Lolli” esculpido na pele em letras que sangravam lentamente. — Veja o que fiz.

Val se encolheu. Lolli apenas riu.

Luis acendeu um cigarro e, por um momento, ao riscar o fósforo, ficou com o rosto todo iluminado. Parecia furioso.

— Por que não acredita em mim? — insistiu Dave.

— Eu acredito em você. — A voz de Lolli tornou-se estridente. — Eu não dou a mínima. Você é chato. Talvez eu o amasse se não fosse tão chato!

Luis levantou-se em um salto, apontando o cigarro primeiro para Lolli e depois para Dave.

— Só fechem a porra dessa matraca, os dois.

Virou-se e lançou um olhar furioso a Val, como se tudo aquilo fosse de algum modo culpa dela.

— Quem são eles? — perguntou Val, indicando com a mão o casal enrolado em mantas. — Achei que ninguém devia descer aqui.

— Ninguém deve descer aqui — ele disse, sentando-se junto ao irmão. — Nem você, nem eu ou eles.

Val revirou os olhos, mas achou que ele não percebeu esse movimento à luz de vela. Fugindo para perto de Lolli, sussurrou:

— Ele é tão pentelho assim quando eu não estou aqui?

— É complicado — sussurrou Lolli. — Eles ficavam aqui antes, mas Derek foi enviado ao interior para alguma merda e Tanya se mudou para um prédio abandonado no Queens.

Luis deslocou-se mais para perto do irmão e falou baixinho com ele. Dave Mal Acabado levantou-se com as mãos fechadas em punhos.

— Você tem tudo — ele gritou com Luis, lágrimas nas faces, muco escorrendo do nariz.

— O que você quer de mim? — cobrou Luis. — Eu nunca toquei nessa menina. Não é minha culpa que você seja maltratado.

— Eu não sou uma coisa — berrou Lolli com os dois trazendo uma expressão terrível no rosto. — Não podem falar de mim como se eu fosse uma coisa.

— Foda-se — gritou Dave. — Eu sou chato? Sou covarde? Um dia, você vai desejar não ter falado assim comigo.

A menina sentou-se no cobertor, piscando rápido.

— Que...

— Por favor. — Luis pegou Dave pelo braço. — Vamos sair daqui, Dave. Você só está bêbado. Precisa andar para eliminar isso.

Dave desprendeu-se do irmão com um empurrão.

— Vai se foder.

Val levantou-se, os últimos fios remanescentes do Nunca fazendo a escuridão calcária dos túneis nadar. As pernas pareciam emborrachadas e as solas dos pés ardiam de toda a caminhada que o corpo apenas começava a perceber que fizera, mas a última coisa que queria era ficar presa naquele lixo claustrofóbico.

— Não faz mal. Vamos sair daqui.

Lolli seguiu-a escada acima.

— Por que você gosta tanto dele? — perguntou Val.

— Eu não gosto dele. — Lolli não se deu ao trabalho de perguntar o que Val queria dizer. — O olho dele é apagado. Ele é magro demais e age como um velho.

Val encolheu os ombros e enfiou o polegar no ilhós da cinta da calça nova, vendo as botas pisarem nas fendas da calçada e deixando o silêncio falar por ela.

Lolli soltou um suspiro.

— Ele devia me implorar por isso.

— Devia — concordou Val.

Desceram a Bayard Street, passando por armazéns que vendiam sacos de arroz, pilhas de maçãs dourado-claro, brotos de bambu boiando em tigelas com água e enormes frutas pontiagudas penduradas no teto. Passaram por lojinhas que vendiam óculos escuros, luminárias de papel, tufo de bambu amarrados com fitas douradas e dragões de plástico verde-claros, moldados para parecerem jade esculpido.

— Vamos parar — pediu Lolli. — Estou com fome.

A simples menção de comida fez o estômago de Val grunhir. O medo a deixara com o estômago ácido e ela se deu conta de que não comera nada desde a noite anterior.

— Tudo bem.

— Vou mostrar como se faz garimpo em mesa.

Lolli escolheu um lugar onde haviam vários patos pendurados com os pescoços curvados em volta de um arame, pingando um caldo vermelho. Covas vazias ficavam onde antes havia olhos. Dentro da loja, as pessoas se

enfileiravam para se servir de comida a partir de um sortimento de pratos fumegantes. Lolli pediu chá quente e pãozinho de ovo para as duas. O homem atrás do balcão parecia não falar inglês, mas pôs os artigos nas bandejas delas junto com uma dúzia de pacotinhos de plástico.

Elas entraram num compartimento reservado. Lolli olhou em volta, depois rasgou um pacote de molho de pato e espremeu-o no pãozinho, rematando-o com mostarda quente. Meneou a cabeça casualmente na direção de um compartimento vazio ainda com alguns pratos.

— Está vendo aquelas sobras?

— Estou. — Val mordeu seu pãozinho de ovo, a gordura besuntou-lhe o lábio. Era delicioso.

— Aguenta aí. — Lolli levantou-se, foi até um prato com a refeição comida pela metade, pegou-o e voltou para a mesa delas. Eram almôndegas chinesas. — Garimpo em mesa. Viu?

Val bufou, ligeiramente escandalizada.

— Eu não acredito no que você acabou de fazer.

Lolli sorriu, mas o sorriso se desfez numa expressão estranha.

— Às vezes acabamos fazendo um monte de loucuras que nem a gente mesmo acredita.

— Imagino que sim — disse Val, devagar.

Afinal, ela não conseguia acreditar que passara a noite numa estação de metrô abandonada com um bando de meninos sem-teto. Nem que, em vez de gritar e chorar quando descobrira sobre Tom e a mãe, raspava a cabeça e fora a um jogo de hóquei. Nem que estava sentada ali calmamente, jantando a comida de outra pessoa, depois de ter visto um monstro.

— Eu fui morar com meu namorado quando tinha treze anos contou Lolli.

— É mesmo? — perguntou Val.

A comida entrando na boca acalmava Val, fazendo com que acreditasse que o mundo seguiria em frente, mesmo existindo seres encantados e estranhas drogas de fadas. Continuaría existindo comida chinesa, que seria sempre picante, gordurosa e boa.

Lolli fez uma careta.

— O nome do meu namorado era Alex. Tinha vinte e dois anos. Minha mãe achava que ele era um pervertido e mandou que eu não o visse mais.

Acabei ficando cheia de sair escondida e simplesmente me mandei.

— Merda — disse Val porque não sabia mais o que dizer. Quando ela tinha treze anos, os meninos eram tão misteriosos e inacessíveis como as estrelas no céu. — E o que aconteceu?

Lolli deu duas rápidas mordidas nas almôndegas e empurrou-as goela abaixo com um bom gole de chá.

— Alex e eu discutíamos o tempo todo. Ele traficava no apartamento e não queria que eu fizesse nada, mesmo quando gritava bem na minha cara. Era pior que os meus pais. Por fim, encontrou uma outra menina e simplesmente me pôs para fora.

— Você voltou para casa? — perguntou Val.

Lolli fez que não com a cabeça.

— Não dá para voltar — respondeu. — Você muda e não pode mais voltar.

— Eu posso voltar — disse Val automaticamente, mas a lembrança do troll e do acordo não lhe saíam da cabeça. Tudo aquilo parecia irreal agora, diante da claridade e da temperatura amena do restaurante, mas, no fundo, aqueles pensamentos a atormentavam.

Lolli parou por um momento, como se analisasse as palavras de Val.

— Sabe o que fiz com Alex? — perguntou, com o sorriso perverso retornando ao rosto. — Ainda tenho as chaves. Voltei quando não tinha ninguém lá e destruí a casa. Atirei tudo pela janela, as roupas dele, as dela, a televisão, as drogas dele, todas as merdas em que pude pôr as mãos viraram poeira na rua.

Val riu, deliciada. Podia bem imaginar a cara de Tom se houvesse feito isso com ele. Imaginava seu novo computador quebrado na calçada, o iPod esmagado em pedacinhos brancos, roupas pretas espalhadas por todo o gramado.

— Entããã — disse Lolli com um falso olhar inocente —, você gostou demais dessa história porque não tem uma história de namorado babaca.

Val abriu a boca, insegura sobre o que ia dizer. As palavras presas na língua.

— Meu namorado estava dormindo com minha mãe — acabou forçando-as a saírem.

Lolli riu até se engasgar, depois encarou Val por um momento, os olhos arregalados e incrédulos.

— Verdade? — perguntou.

— Verdade — respondeu Val, estranhamente satisfeita por ter conseguido chocar até mesmo Lolli. — Eles acharam que eu tinha tomado o trem e estavam transando no sofá. Tinha batom dela manchado em todo o rosto dele.

— Ai, que asqueroso! Totalmente nojento!

Lolli contorceu a boca, dando uma risadinha com um nojo sincero. Val também riu, porque, de repente, era engraçado. Riu tanto que a barriga doía, ficou sem ar e lágrimas vazaram, molhando-lhe o rosto. Era cansativo rir assim, mas ela sentia que acordava de um sonho estranho.

— Você vai mesmo voltar para casa, para isso? — perguntou Lolli.

Val continuava quase bêbada de tanto rir.

— Eu tenho de voltar, não? Quer dizer, mesmo que fique aqui por algum tempo, não posso passar o resto da minha vida num túnel.

Percebendo o que dissera, ergueu os olhos para Lolli, esperando que ela não tivesse se sentido insultada, mas apenas apoiara a cabeça nas mãos e parecia pensativa.

— Devia ligar para sua mãe, então — acabou dizendo.

Apontou na direção do vestibulo. — Tem uma cabine ali.

Val ficou chocada. Era o último conselho que esperava receber de Lolli.

— Eu tenho meu celular.

— Então ligue agora mesmo para sua mãe.

Val pegou o celular com uma sensação de pavor e ligou o aparelho. A tela reluziu, a contagem das chamadas perdidas deslizava. Parava às seis e meia da tarde. Só recebera um texto. Era de Ruth e dizia: “kd vc? sua mãe pirando.”

Val apertou para responder.

— Ainda na cidade. — Digitou, mas depois parou, sem saber o que escrever em seguida.

Que iria fazer agora? Poderia mesmo ir para casa?

Concentrando as energias, passou para as mensagens de voz. A primeira era da mãe, a voz baixa e estrangulada dizendo:

— Valerie, onde você está? Só quero saber se está em segurança. É muito tarde e eu liguei para Ruth. Ela me contou o que disse a você. Eu... Eu... Eu não sei como explicar o que aconteceu, nem dizer o quanto estou arrependida. — Houve uma longa pausa. — Sei que está muito furiosa

comigo. Tem todo o direito de estar furiosa comigo. Por favor, só avise a alguém que está tudo bem com você.

Era estranho ouvir a voz dela depois de todo aquele tempo. Fez-lhe a barriga contrair-se de dor, fúria e um constrangimento profundo. Dividir o namorado com a mãe despia-a mais fundo que ficar nua.

Apagou e clicou na mensagem seguinte. Era do pai:

— Valerie? Sua mãe está muito preocupada. Disse que tiveram uma briga e você fugiu. Sei como sua mãe é às vezes, mas passar a noite toda fora não ajuda em nada. Eu a julgava mais inteligente.

Ao fundo, ouviam-se as meio-irmãs gritando acima do barulho de desenhos animados.

A voz de um desconhecido falou em seguida. Parecia entediado.

— Valerie Russell? Aqui é o policial Montgomery. Sua mãe comunicou seu desaparecimento após um desentendimento que as duas tiveram. Ninguém vai mandar você fazer nada que não queira fazer, mas eu realmente preciso que me dê um telefonema e diga que não se meteu em nenhuma encrenca.

Deixou um número.

A mensagem seguinte era um silêncio pontuado por vários soluços parecendo molhados. Após alguns momentos, a voz sufocada da mãe choramingou:

— Onde está você?

Ela desligou. Era horrível saber como a mãe ficara transtornada. Devia ir para casa. Talvez ficasse tudo bem... se nunca levasse um namorado para casa, se a mãe se afastasse dela por algum tempo. Faltava menos de um ano para concluir o ensino médio. Depois disso, nunca mais iria precisar morar lá de novo.

Rolou até “casa” e apertou o botão de ligar. O telefone na outra ponta tocou e os dedos de Val gelaram. Lolli arrumou as almôndegas restantes na forma de alguma coisa que poderia ser o sol, uma flor ou um leão realmente muito mal desenhado.

— Alô. — A mãe atendeu. — Querida?

Val interrompeu a chamada. O celular tocou quase imediatamente após ter desligado.

— Você sabia que eu não podia fazer isso — ela acusou Lolli. — Não sabia?

Lolli encolheu os ombros.

— Melhor descobrir isso logo agora. É um longo caminho para ir embora. Não dá para simplesmente esquecer tudo e voltar para casa.

Val assentiu com a cabeça, receosa de uma maneira bem diferente, aguda. Pela primeira vez, percebeu que talvez nunca mais estivesse pronta para ir para casa.

Capítulo 6

*Realidade é aquilo que, quando você deixa de acreditar,
não vai embora.*
— Philip K. Dick

Val acordou com o grito agudo de um trem passando como uma bala. O suor fazia com que o casaco de lã grudasse na pele fria e úmida, apesar do frio. A cabeça latejava, a boca queimava e, mesmo com toda a comida que ingerira à noite, sentia-se esfomeada. Tremendo, apertou mais a coberta em volta do corpo e enroscou as pernas mais para junto do corpo.

Tentava remontar o que acontecera antes da comida garimpada da mesa e do telefonema para casa. Houvera um monstro e uma espada feita de vidro, depois uma agulha em seu braço e a onda de poder que ainda a enchia de ansiedade. Sentou-se, examinando as novas roupas, provas concretas de que suas lembranças não se formavam apenas de fragmentos de sonhos. O braço de Dave sangrara e estranhos fizeram tudo que ela lhes tinha ordenado e a magia foi real. Ela pegou a mochila, aliviada por não a ter deixado em algum lugar, junto com o resto de suas roupas.

Só Lolli continuava dormindo, enroscada em posição fetal, um novo vestido por cima de uma saia e uma nova calça jeans. Dave e Luis não estavam ali.

— Lolli? — Val rastejou até ela e sacudiu-lhe o ombro.

Lolli virou-se, retirou os cabelos azuis do rosto e emitiu um ruídozinho de irritação. Tinha o hálito azedo.

— Vá embora — repreendeu, puxando o cobertor manchado sobre o rosto.

Val levantou-se cambaleando. A visão estava embaçada. Pegou a mochila e forçou-se a atravessar a escuridão até as ruas escuras de Manhattan. O céu do anoitecer brilhava cheio de nuvens, o ar, espesso de ozônio, como se uma tempestade se aproximasse rapidamente.

Sentia-se de ressaca, quebradiça e frágil como uma das poucas folhas sopradas do parque pelo vento. Parecia que, se excluíssem todos os esportes, a escola e a vida normal, o que restaria dentro dela não seria grande coisa. Tinha o corpo dolorido, como se alguma coisa lhe houvesse cavalcado toda a pele na noite anterior, tão terrível e enorme que lhe

carbonizara as entranhas. Mas também uma sensação de satisfação, apesar do medo. *Eu fiz isso*, pensou, *eu o fiz a mim mesma*.

Respirou profundamente o ar frio e isso lhe acalmou o estômago, mas a boca apenas ficou ainda mais quente.

As palavras da criatura voltaram à sua cabeça sem serem convidadas: “Você vai me servir por um mês, uma semana por cada artigo roubado. Você irá ao parque Seward todos os dias, no crepúsculo. Lá, vai encontrar um bilhete debaixo da pata do lobo. Se não fizer o que está escrito, as coisas vão ficar pretas para você.” Já estava atrasada.

Pensou na solução pegajosa que o troll espalhara por sua pele e sentiu que uma carga elétrica atravessou seu corpo, impelindo-a a levar uma das mãos aos lábios. Estavam secos e inchados ao toque, mas não encontrou nenhum corte ou ferimento que explicasse o ardor.

Entrou numa delicatessen e comprou um copo d’água com cubos de gelo, com algumas moedas do fundo da mochila, esperando que a boca esfriasse. Diante da loja, sentou-se no concreto e chupou um cubo de gelo, a mão tremendo tanto que temeu engolir a pedra.

Uma mulher que saía da loja de bebidas alcoólicas ao lado olhou para ela e largou uns trocados no copo. Val ergueu os olhos, surpreendida e pronta para protestar, mas a mulher já tinha se afastado.

* * *

Quando ela retirou o papel dobrado debaixo da pata do lobo, tinha toda a boca dolorida como se fosse um ferimento. Agachou-se perto da fonte seca e apoiou a cabeça na barra lascada de uma cerca de metal, enquanto abria o papel com os dedos dormentes.

Esperava ver um papel vazio, que teria de amassar e jogar fora, como o que Dave pegara, mas havia palavras, escritas na mesma caligrafia encaracolada de quem havia emitido aquela garrafa de areia de âmbar: “Venha para debaixo do suporte da ponte de Manhattan e bata três vezes na árvore agachada onde nenhuma deveria estar.”

Ela enfiou o bilhete no bolso, mas, ao fazê-lo, a mão esbarrou em outra coisa. Retirou um clipe prateado com uma enorme e áspera peça turquesa no centro, o prendedor recheado com uma nota de vinte, duas de cinco e pelo menos uma dúzia de um dólar.

Ela teria pegado o dinheiro? Ou Lolli? Não conseguia se lembrar. Jamais roubara qualquer coisa antes. Uma vez, saiu de uma loja no shopping com um pôster dos Rangers na mão, sem se dar conta de que não o tinha pago até chegar com as amigas às escadas rolantes. As amigas ficaram impressionadas e, por isso, ela fingiu que fizera de propósito, mas depois se sentiu tão mal que nunca teve coragem de pendurá-lo na parede.

Tentava relembrar a noite anterior, as coisas terríveis que devia ter feito, mas era como se lembrar de uma história antiga contada por outra pessoa. Apenas um borrão que, apesar de tudo, fez a pele formigar graças ainda aos efeitos do Nunca Mais.

Pôs-se a andar, dolorida demais para fazer mais alguma coisa. O pavor revirava seu estômago. Seguiu pelo mercado, passando por lojas asiáticas e uma casa de chá super movimentada, com um grupo de adolescentes em pé, todos falando uns com os outros e rindo. Val sentiu-se desligada de todos eles, como se fosse centenas de anos mais velha. Pegou a mochila, querendo ligar para Ruth mais que qualquer coisa, querendo ouvir alguém que a conhecia, alguém que pudesse fazê-la se lembrar daquele antigo eu. Mas a boca doía muito.

Cortando caminho pela Cherry, percorreu uma distância maior, até se aproximar o suficiente do rio Leste para que nenhum edifício lhe tampasse a visão. A água brilhava com o esplendor refletido da ponte e a praia ao longe. Uma barçaça próxima tornou-se uma massa de espaço negativo, a não ser por algumas lâmpadas reluzindo na proa.

A ponte surgia diretamente diante de Val, cada um dos suportes lembrava a torre de um castelo, um trabalho de pedra bruta elevando-se da rua, altivo, avermelhado graças à ferrugem que escorria das vigas de metal mais altas. A extensão de pedra era interrompida por janelas emolduradas por esquadrias muito acima das ruas.

Um vidro quebrado esmagou-se sob as botas de Val quando ela passou embaixo de um gracioso arco da passagem inferior da ponte. A calçada fedia a urina velha e alguma coisa podre. De um lado, ficava uma cerca de ferro improvisada, bloqueando o acesso a uma área de construção, onde uma montanha de areia esperava para ser espalhada. No outro, perto de onde ela andava, via-se o que parecia um portal feito de tijolos. Abaixo, localizou o toco de uma árvore, com as raízes perfurando fundo o concreto.

— A árvore.

Val chutou o toco de leve. A madeira era molhada e escura de sujeira, mas as raízes afundavam na calçada, de forma que pareciam se estender além dos túneis e canos, introduzindo-se em algum solo secreto e rico. Ela se perguntou se aquela era a mesma árvore que florescia com frutas translúcidas.

Era misterioso ver um toco ali, aninhado junto a um prédio, como se fossem membros da mesma família. Mas talvez a idéia mais misteriosa era de que ela tinha caído num conto de fadas. Num jogo de videogame, haveria alguma tempestade de pixels coloridos e talvez até uma mensagem na tela avisando-a de que deixava o mundo real para trás. *Portal para o Reino das Fadas. Você quer atravessá-lo? S/N.*

Val ajoelhou-se e bateu três vezes no toco. A madeira molhada mal fez um ruído sob os nós dos dedos. Uma aranha saiu deslizando para a rua.

Um barulho estridente a fez erguer os olhos. Uma fratura surgiu na pedra acima do toco, como se alguma coisa a houvesse atingido. Ela levantou-se e estendeu a mão para correr os dedos pela fissura, mas, quando tocou a superfície, pedaços de pedra racharam-se e desfizeram-se, até transformarem-se numa entrada tosca.

Ela cruzou-a e entrou num vestíbulo com uma escada, com degraus acima e abaixo do patamar. Quando olhou para trás, a parede havia se solidificado novamente. Uma repentina onda de terror quase a fez desistir e apenas a dor a manteve no lugar.

Trip trap.

— Olá? — ela gritou para o alto da escada.

Sentia dor quando mexia a boca.

Trip trap.

O troll apareceu no patamar.

Quem é que está saltitando na minha ponte?

— A maioria das pessoas teria chegado mais cedo. — A voz rouca, cavernosa, encheu o poço da escada. — Como sua boca deve ter doído para trazê-la aqui, afinal.

— Não foi tão ruim assim — ela disse, tentando não recuar.

— Suba, sua mentirosinha.

Ravus virou-se e voltou para seus aposentos. Ela saiu correndo pelos degraus empoeirados.

O grande espaço semelhante a uma cobertura tremeluzia com as chamas de velas gordas postas no chão, o brilho fazendo sua sombra saltar nas paredes, imensa e terrível. Trens passavam com estrondo lá em cima e o ar frio varava todas as janelas cobertas.

— Tome. — Na palma de uma mão de seis dedos, ele trazia uma pedrinha branca. — Chupe.

Ela pegou a pedra e jogou-a na boca, sentindo muita dor para fazer perguntas. A textura era fria e tinha um gosto de sal que logo desapareceu. A dor diminuiu devagar e, com isso, o resto da náusea se foi, mas Val constatou que a exaustão ocupava o lugar do enjôo.

— O que você quer que eu faça? — perguntou, empurrando a pedra até a bochecha com a língua para poder falar.

— Por ora, pode pôr alguns livros nas prateleiras. — Virando-se, ele foi até a mesa e começou a filtrar o líquido de uma pequena panela de cobre espessa com gravetos e folhas. — Talvez haja alguma ordem para eles, mas como perdi a compreensão do que há neles, não espero que a encontre. Ponha onde couberem.

Val ergueu um dos volumes de uma pilha empoeirada.

O livro era pesado, o couro da encadernação rachado e gasto ao longo da lombada. Ela abriu-o. As páginas eram escritas à mão e a maioria tinha desenhos de plantas em aquarela e tinta.

“Amaranto”, leu em silêncio. “Entremeie-o numa coroa para acelerar a cura da deterioração. Se tecido como uma guirlanda, confere invisibilidade.” Ela fechou o livro e empurrou-o para dentro das prateleiras de compensado e tijolo.

Val rolava a pedra ao redor da boca como uma bala enquanto guardava os tomos espalhados do troll. Recolhia o emaranhado de cobertores do exército comidos por traça, tapetes manchados e sacos de lixo cortados em tiras, que serviam de cortinas tão espessas que nem a luz das lâmpadas de rua conseguiam penetrar. Havia uma encardida chávena florida, cheia até a metade de um líquido turvo, ao lado de uma poltrona de couro rasgada. A idéia do troll segurando a delicada xícara nas garras a fez explodir em risadas.

— Conhecer as fraquezas de seu alvo, este é o gênio intuitivo de grandes mentirosos — disse o troll sem erguer os olhos, a voz seca. — Embora as pessoas sejam muitíssimo diferentes umas das outras, somos

semelhantes nisso: não podemos dizer abertamente o que é inverdade. Mas eu me vejo fascinado por mentiras, até mesmo a ponto de querer acreditar nelas.

Val não rebateu.

— Você se considera com talento para mentir? — ele perguntou.

— Na verdade, não. Sou uma completa otária.

Ele nada disse.

Erguendo outro livro, Val notou a espada de vidro pendurada na parede. A lâmina fora limpa recentemente e, através dela, via a pedra, cada cova na rocha ampliada e distorcida como se estivesse debaixo d'água.

— É feita de marzipã? — Ele falou baixo e Val percebeu o longo tempo em que havia ficado contemplando a espada. — Gelo? Cristal? Vidro? — Era isso que se perguntava, não? Como uma coisa que parece tão frágil é tão difícil de quebrar.

— Eu estava só pensando em como é linda.

— É uma coisa amaldiçoada.

— Amaldiçoada? — repetiu Val.

— Falhou com um querido amigo meu e custou-lhe a vida. — Ele correu uma das garras em forma de gancho pelo comprimento da arma. — Uma lâmina melhor teria detido o oponente.

— Que... quem era o oponente?

— Eu — respondeu o troll.

— Oh. — Val não soube pensar numa resposta.

Embora ele parecesse calmo agora, e até gentil, ela ouviu a advertência em suas palavras. Pensou em alguma coisa que a mãe dissera quando ela acabara rompendo com um dos mais desajustados dos namorados que já tivera. *Quando um homem disser que vai machucar você, acredite. Eles sempre avisam e estão sempre certos.* Val repeliu essas palavras de sua mente. Não queria nenhum dos conselhos da mãe.

O troll voltou para a mesa e pegou garrafas de cerveja lacradas com cera. Através do vidro âmbar, ela não via a cor do conteúdo, mas a idéia de que fosse a mesma areia âmbar que lhe percorrera as veias na noite anterior fez sua pele excitar-se com as possibilidades.

— A primeira entrega será no Washington Square Park, para um trio de fadas. — A unha em forma de gancho apontou um mapa dos cinco municípios e de quase toda Nova York e Nova Jersey colado com fita

adesiva na parede. Ela aproximou-se dele, notando pela primeira vez que havia finos alfinetes pretos enfiados em vários pontos ao longo da superfície. — A segunda pode ser deixada diante de um edifício abandonado, aqui. Esse recebedor talvez não deseje se expor. Eu quero que você leve o terceiro a um parque abandonado, aqui. — O troll parecia indicar uma rua em Williamsburg. — Há umas pequenas colinas cobertas de relva, perto das pedras e da água. A criatura que terá de procurar vai lhe esperar na margem do rio.

— Para que são esses alfinetes? — perguntou Val.

Ele lançou ao mapa um rápido olhar de soslaio e pareceu hesitar quando tornou a falar.

— Mortes. Não é raro a nossa gente morrer em cidades... a maioria está aqui exilada ou escondida de outros seres encantados. Viver tão perto de tanto ferro é perigoso. Só fazemos isso pela proteção que oferece. Mas essas mortes são diferentes. Venho tentando desvendá-las.

— Que é que vou entregar?

— Remédio — ele respondeu. — Inútil para você, mas alivia a dor dos seres encantados expostos a tanto ferro.

— Devo receber alguma coisa deles?

— Não se preocupe com isso.

— Escute — disse Val —, não estou tentando ser difícil, mas nunca vivi em Nova York antes. Quer dizer, já vim aqui para fazer algumas coisas e para passear pelo Village, mas não sei achar todos esses lugares com uma simples olhada num mapa.

Ele riu.

— Claro que não. Se você tivesse cabelos, eu faria três nós, um para cada entrega, mas como não tem, me dê sua mão. Ela estendeu-a, a palma voltada para cima, pronta para recolhê-la caso ele mostrasse alguma coisa pontiaguda.

Enfiando a mão num dos bolsos do casaco, o troll retirou um retrós de linha verde.

— A mão esquerda — disse.

Ela lhe deu a outra mão e viu-o enrolar os dedos mindinho, médio e anelar com um pedaço de linha e amarrá-lo com um laço.

— Para que serve isso? — ela perguntou.

— Vai ajudar você a fazer suas entregas.

Ela assentiu com a cabeça, olhando para os dedos. Como aquilo poderia ser mágico? Esperara alguma coisa que reluzisse e cintilasse, algum material incomum. Linha era apenas linha. Sentiu vontade de perguntar mais uma vez a respeito, mas achou que talvez fosse falta de educação e, por isso, perguntou outra coisa que já vinha querendo saber.

— Por que o ferro incomoda os seres encantados?

— Nós não o temos em nosso sangue como vocês. Mais que isso, eu não sei. Um Rei da Corte Indigna foi envenenado com apenas alguns fragmentos, muito recentemente. Chamava-se Nephamael e pensou em fazer do ferro um aliado. Usava um aro deste metal na testa, deixando as feridas cicatrizar bem fundo até a pele ficar tão fortalecida que não se feria mais. Mas isso não fortaleceu a garganta. Ele morreu sufocado pelo metal.

— Que Cortes são essas? — perguntou Val.

— Quando há seres encantados suficientes numa determinada área, eles muitas vezes se organizam em grupos. Poderiam ser chamados de gangues, mas geralmente chamamos esses grupos de Cortes. Ocupam algum território, quase sempre em luta contra as outras Cortes vizinhas. Existem as Cortes Dignas, que chamamos de Cortes Luminosas, e as dos Indignos ou Cortes Noturnas. É possível que você ache, à primeira vista, que a Corte Luminosa é boa e a das Trevas má, mas estaria muito, embora não inteiramente, enganada.

Val estremeceu.

— Vou fazer essas entregas sozinha? Algum dos outros vai comigo?

Os olhos dourados do troll reluziram à luz do fogo.

— Outros? Luis é o único mensageiro humano que eu já tive antes de você. Está pensando em mais alguém?

Ela fez que não com a cabeça, insegura do que deveria responder.

— Não importa. Eu peço que faça essas tarefas sozinha e que não comente sobre elas com nenhum dos... *outros*.

— Tudo bem — Val concordou.

— Você está sob a minha proteção. — Ele entregou-lhe a garrafa. — Mesmo assim, há coisas sobre os seres encantados que eu gostaria de que soubesse. Não permaneça com eles e não aceite nada que oferecerem, sobretudo comida. — Val pensou na pedra encantada que dera ao velho na noite anterior e balançou a cabeça, pesarosa e culpada. — Ponha esta consolda no seu sapato. Vai ajudar a manter você segura e acelerar sua

viagem. E aqui tem camelina, para mantê-la longe da fascinação. Pode pôr no bolso.

Val pegou as plantas, tirou o sapato esquerdo com o dedão e enfiou a consolda dentro. Sentia-a ali, aninhada na meia, estranhamente reconfortante e assustadora devido exatamente ao fato de ser confortante.

Quando emergiu mais uma vez na rua, sentiu um puxão do primeiro fio enlaçado em volta do dedo mindinho. Magia! Isso a fez sorrir, apesar de tudo, quando seguiu na direção indicada.

Anoitecia quando se encaminhou para a Washington Square. Parou no caminho e gastou um dinheiro roubado num sanduíche de presunto, que ainda estava nauseada demais para digerir, apesar da fome, e teve de jogá-lo fora quase inteiro. Conseguiu até lavar o rosto numa fonte gelada, onde a água tinha gosto de ferrugem e moedas.

As três garrafas do líquido que até então era um mistério para Val trepidavam na mochila, mais pesadas do que seriam se ela não estivesse tão cansada. Sentia vontade de destampar uma e provar o conteúdo, trazer de volta a força e o destemor da noite anterior, mas estava tão cautelosa devido à exaustão desse dia, que não o fez.

Atravessando o parque, passou por estudantes da Universidade de Nova York com cachecóis de cores vivas, por pessoas que se apressavam para o jantar ou levavam cachorrinhos vestidos com suéteres para passear e percebeu que não tinha a mínima idéia do que procurava. O fio impeliu-a em direção a um bando de alunos de ensino médio com caras roupas de skatista trepando por uma das cercas internas. Um garoto de cabelos meio compridos e calça jeans bem baixa nos quadris, joelheiras com estampas de caveiras e tênis Vans xadrez era mais ruidoso que os outros. Estava em pé no nível superior e gritando para três meninas encostadas no tronco grosso de uma árvore. Todas estavam descalças e tinham cabelos cor de mel.

O fio quase a arrastou para as meninas antes de se soltar.

— Oi — disse Val. — Tenho uma coisa para vocês, eu acho.

— Eu sinto o encanto em você, denso e doce — disse uma delas, de olhos cinza como chumbo. — Se não for cuidadosa, uma menina como você pode ser transportada morro abaixo. Deixamos um pedaço de madeira para trás e todas chorariam por ele, porque seriam estúpidas demais para saber a diferença.

— Não seja tão má com ela — disse outra, enrolando uma mecha de cabelos com as mãos. — Ela não pode evitar ser cega e burra.

— Aqui. — Val empurrou a garrafa nas mãos da que não falara. — Tomem seu remédio como boas menininhas.

— Ooooh, ela tem língua — zombou a menina de olhos cinza.

A terceira menina apenas sorriu e olhou para o garoto na cerca.

Uma das outras acompanhou o olhar dela.

— Ele é bem bonito — comentou.

Val mal diferenciava as meninas entre si. Todas tinham cabelos e membros compridos, que pareciam se mover com a mais fraca das brisas. Naquelas roupas finas e pés descalços, deveriam sentir frio, mas Val logo percebeu que não sentiam.

— Quer dançar com a gente? — perguntou a fada menina a Val.

— Ele quer dançar com a gente. — A fada de olhos cinza deu ao skatista barulhento um belo sorriso.

— Venha dançar com a gente, mensageira — convidou a terceira, falando pela primeira vez.

A voz assemelhava-se a de uma rã coaxando e, quando ela falou, Val viu que tinha a língua preta.

— Não. — Val lembrou-se das advertências do troll e da camelina no bolso. — Preciso ir embora.

— Está bem — disse a fada de olhos cinza, espetando a terra com um dos polegares nus. — Você vai nos visitar de novo quando não estiver tão cheia de feitiços. Pelo menos espero. Você é quase tão bonita quanto ele.

— Eu não sou nem um pouco bonita — retrucou Val.

— Como quiser — disse a menina.

Val não sabia ao certo o que deveria esperar encontrar quando passou pelos prédios pobres tapados com tábuas e armazéns com janelas quebradas. O edifício para o qual o fio em seu dedo a rebocou também era tapado e ela se surpreendeu ao ver um jardim brotando no telhado. Longas gavinhas de plantas pendiam de um lado e o que pareciam árvores semicrescidas brotavam do que devia ser um solo pobre, tudo isso preso por uma gaiola de alumínio que encimava o prédio. Ela se encaminhou para a entrada, agora tomada pela hera. No segundo andar, faltavam todas as janelas, havia buracos abertos na alvenaria e Val quase via os cômodos lá dentro.

Quando pisou nos degraus rachados da frente, o fio desprendeu-se do dedo médio e caiu no mato próximo.

Ela retirou a garrafa da mochila e largou-a, pensando nas instruções do troll. Alguma coisa surgiu no mato e Val uivou, pulando para trás, com a exata noção de como tudo ficara estranho. Os carros continuavam passando como raios e os ruídos da cidade continuavam ali, mas, de algum modo, haviam diminuído. Um rato pardo espichou a cabeça da grama, tinha os olhinhos pretos como seixos polidos, contorcendo o focinho rosa. Ela riu de alívio.

— Ei, você aí — ela disse, agachando-se. — Eu soube que você rói até cobre. Isso é realmente incrível.

O rato virou-se e voltou correndo pelo mato, enquanto ela ficava olhando. Uma figura saiu das sombras e pegou o roedor, acomodando-o num ombro largo.

— Quem... — Val disse e interrompeu-se.

Ele avançou para a luz, uma criatura quase tão alta quanto o troll e mais corpulenta, com chifres que se curvavam para trás da cabeça como os de carneiro e uma espessa barba castanha que se tornava verde nas pontas. Vestia um casaco feito de retalhos e botas costuradas à mão.

— Entre e se aqueça — ele disse, erguendo a garrafa arrolhada. — Tenho algumas perguntas para você.

Ela fez que sim com a cabeça, mas desviou o olhar para a rua, querendo ver se poderia fugir para lá. A mão do ser caiu pesada em seu ombro, decidindo a questão. Ele a fez contornar os fundos do prédio e cruzar uma porta que pendia apenas da dobradiça superior.

Dentro do prédio, via-se uma série de partes de manequins, empilhadas aleatoriamente ao longo das paredes, uma pirâmide de cabeças num canto e uma parede de braços em múltiplos tons de pele no outro. Uma pilha de perucas jazia como um imenso animal que repousava no meio do chão.

Uma criatura minúscula, com asas de mariposa e que zumbia, varou o ar como uma agulha e instalou-se no torso do homem para costurar uma túnica em seu corpo.

Val olhou ao redor, receosa, à procura de alguma coisa que pudesse usar como arma, recuando para alcançá-la e agarrá-la atrás com os dedos. Não lhe agradava a idéia de girar uma perna de plástico e tacar na criatura,

mas, se tivesse de fazê-lo, não pensaria duas vezes, embora não tivesse esperança alguma de causar algum estrago. Quando seus dedos se fecharam no que ela julgou ser um braço inteiro, a mão do manequim desprendeu-se na dela.

— Que é tudo isso? — Val perguntou em voz alta, esperando que o ser encantado não notasse o que ela acabara de fazer.

— Eu faço estoque. — A criatura de chifres sentou-se num engradado de leite, que se arqueou com seu peso. — Eu e Agulhanix, nós somos os melhores que você provavelmente vai encontrar deste lado do oceano.

O ser com asa de mariposa zumbiu. Val tentou pôr a mão do manequim na prateleira atrás de si novamente, mas, sem olhar, não conseguia encontrar um lugar para aquilo. Decidiu enfiá-la no bolso detrás da calça, sob o casaco.

— A Rainha da Corte Digna, a própria Silarial, utiliza-se de nossos serviços.

— Uau! — exclamou Val, pois ele claramente queria impressioná-la. Então, no silêncio que se seguiu, foi obrigada a perguntar: — Estoque?

O ser sorriu e ela viu que tinha os dentes amarelados e muito pontudos.

— É o que deixamos para trás quando roubamos alguém. Agora, seus troncos ou paus, ou o que seja, funcionam muito bem, mas estes manequins são superiores em todos os sentidos. Mais convincentes, até para aqueles raros humanos com um pouco de magia ou visão. Claro, acho que deve ser um frio conforto para você.

— Imagino que sim — concordou Val.

Pensou nas meninas no parque dizendo: *Deixamos um pedaço de madeira para trás*. Seria isso que queriam dizer?

— Claro, às vezes deixamos um dos nossos fingir ser uma criança humana, mas essa tolice não me interessa. — Ele olhou para Val. — Podemos ser cruéis com aqueles que nos irritam. Ceifamos colheitas, secamos todo o leite no peito de uma mãe e murchamos membros do mais reles dos franzinos. Mas, às vezes, acho que somos piores para aqueles que conquistaram nosso favor. Agora, me diga... — O ser empertigou-se na cadeira e pegou a garrafa de poção. A luz da fogueira, ela viu que seus olhos eram completamente pretos, como os do rato. — Isto é veneno?

— Eu não sei o que é — respondeu Val. — Não fui eu quem fez.

— Tem havido várias mortes entre os nossos.

— Eu soube de alguma coisa a respeito.

Ele grunhiu.

— Todos estavam usando a solução de Ravus para evitar a doença do ferro. Todos receberam entregas de um mensageiro assim como você, próximo à hora da morte.

Val pensou no homem dos incensos de alguns dias antes. Que fora mesmo que ele dissera? *Diga a seus amigos para serem cuidadosos com aqueles a quem eles servem.*

— Você acha que Ravus... — Ela deixou o nome preso nos lábios por um momento. — Você acha que Ravus é o envenenador?

— Eu não sei o que achar — respondeu o homem de chifres. — Bem, siga seu caminho então, mensageira. Eu encontrarei você de novo se precisar.

Ela saiu rápido.

Passando por um velho cinema, foi atraída pelo cheiro de pipoca e a promessa de calor. Sentia o rolo de dinheiro no bolso do casaco, mais que suficiente para entrar e, no entanto, a idéia de ver um filme parecia inimaginável, como se ela tivesse de transpor uma barreira dimensional impossível entre esta vida e a antiga para sentar-se diante de uma tela.

Quando era mais nova, Val e a mãe iam ao cinema todo domingo. Primeiro ao filme que Val queria ver e depois ao que a mãe escolhia. Em geral, acabava em alguma coisa como um filme de zumbi seguido por um romance lacrimoso. Sentavam-se no cinema escuro e sussurravam uma com a outra: *Aposto que foi ela quem fez isso. Ele vai morrer agora. Como alguém pode ser tão idiota?*

Aproximou-se dos cartazes, só para ser do contra. A maioria era de filmes de arte dos quais ela nunca havia ouvido falar, mas um chamado *O jogo* lhe atraiu o olhar. O cartaz mostrava um cara atraente posando como se fosse um valete de copas, a tatuagem de um coração vermelho desenhado no ombro nu. Segurava uma carta também de copas.

Val pensou em Tom, espalhando seu baralho de tarô repleto de desenhos na bancada da cozinha da casa dela.

— Essa carta representa o obstáculo que bloqueia o seu caminho — ele dissera, virando uma carta com a imagem de uma mulher vendada empunhando espadas nas duas mãos. — Dois de espadas.

— Ninguém pode prever o futuro — Val comentou. — Não com uma coisa que se compra na Fnac.

A mãe fora até eles e sorrira para Tom.

— Você poria cartas para mim? — perguntara.

Tom retribuía o sorriso e os dois haviam começado a falar de fantasmas, cristais e toda essa merda new age. Val devia ter sabido ali mesmo. Mas pegou um copo de refrigerante, instalou-se num banquinho e ficou vendo Tom ler o futuro da mãe, no qual desempenharia um importante papel.

Ela subiu os degraus, comprou um ingresso para a sessão da meia-noite e entrou na cafeteria. Deserta. Um conjunto de mesinhas de metal com tampos de mármore rodeado por duas poltronas de couro marrom. Instalou-se num sofá e olhou fixamente para o único lustre que iluminava o local, posicionado no centro do saguão, pendendo de um mural que imitava o céu. Descansou ali, vendo-o tremular por alguns momentos e desfrutando o luxo do calor antes de obrigar-se a entrar no banheiro. Faltava meia hora para o início do filme, e queria ficar limpa.

Com chumaços de toalhas de papel, tomou um banho quase decente, esfregando a calcinha com sabão antes de vesti-la ainda úmida, e ainda gargarejou alguns esguichos d'água. Depois, sentando-se num dos cubículos, encostou a cabeça na parede de metal pintado e fechou os olhos, deixando-se banhar pelo ar quente que jorrava dos dutos. *Só um momento*, disse a si mesma. *Vou me levantar em apenas um momento*.

Uma mulher de olhos escuros e um rosto magro debruçou-se sobre ela.

— *Pardon?*

Val levantou-se de um salto e a faxineira recuou com um ganido, o pano de limpeza estendido à frente.

Sem graça e aos tropeços, ela pegou a mochila e correu para a saída. Empurrou as portas de metal da sala de exibição e os lanterninhas de terno partiram em sua direção.

Desorientada, viu que ainda estava escuro. Perdera o filme? Dormira apenas por um momento?

— Que horas são? — perguntou a um casal tentando acenar para parar um táxi.

A mulher conferiu nervosamente as horas no relógio, como se Val fosse arrancá-lo do seu pulso.

— Quase três.

— Obrigada — ela resmungou.

Embora houvesse tido menos de quatro horas de sono sentada num banheiro, agora que caminhava mais uma vez, constatava que se sentia muito melhor. A tonteira quase desaparecera e o cheiro de comida asiática de restaurante vinte e quatro horas a algumas quadras fez seu estômago roncar de fome.

Começou a andar na direção do cheiro.

Uma caminhonete preta com janelas fume parou a seu lado, as janelas abaixadas. Dois rapazes sentavam-se na frente.

— Ei — chamou o do lado do passageiro. — Sabe onde fica a discoteca Búlgara? Achei que era ao largo do Canal. Mas agora já contornamos quase toda a volta dele.

Tinha faixas loiras nos cabelos cuidadosamente penteados com gel. Ela fez que não com a cabeça.

— De qualquer modo, deve estar perto agora.

O motorista curvou-se. Tinha cabelos escuros e pele morena, olhos grandes, lípidos.

— Estamos só a fim de nos divertir. Você gosta de diversão?

— Não — respondeu Val. — Só vou comer alguma coisa.

Apontou o exterior japonês completamente *fake* do restaurante, feliz por não ser muito longe, mas dolorosamente consciente das ruas desertas que ainda a separavam de lá.

— Eu até que comeria uma porção de arroz frito — comentou o louro. A caminhonete avançou devagar, acompanhando-a enquanto andava. — Vamos, somos caras normais. Não somos monstros nem nada assim.

— Olha só — disse Val —, não estou a fim de me divertir, ok? Só me deixem em paz.

— Certo, certo. — O louro olhou para o amigo, que encolheu os ombros. — Podemos ao menos lhe dar uma carona? Não é seguro você ficar andando aí fora sozinha.

— Obrigada, mas estou legal.

Val se perguntava se conseguiria ultrapassá-los, se devia arrancar disparada na frente com uma boa vantagem. Mas continuou andando, como se não estivesse assustada, como se eles fossem apenas dois caras simpáticos, preocupados, tentando convencê-la a entrar na caminhonete.

Tinha consolda no sapato, camelina no bolso e uma mão de plástico nas costas, embaixo da camiseta, mas não tinha certeza de como alguma dessas coisas poderia ajudá-la.

As portas destrancaram-se com um estalo quando a caminhonete parou e ela tomou uma decisão. Virando-se para a janela aberta, sorriu e disse:

— Que faz vocês acharem que eu não sou uma das pessoas perigosas?

— Tenho certeza de que você é perigosa — disse o motorista, todo sorrisos e insinuações.

— E se eu disser que acabei de cortar a mão de um bonitinho? — ela perguntou.

— Como?

O louro olhou-a, confuso.

— É verdade. Quer ver?

Lançou a mão de manequim pela janela. Caiu no colo do motorista.

A caminhonete desviou-se e o louro gritou.

Ela atravessou a rua, correndo em direção ao restaurante.

— Tarada fodida — gritou o louro, quando arrancaram do meio-fio, cantando os pneus.

O coração de Val batia duas vezes mais rápido quando ela entrou no calor seguro do Dojo. Sentando-se a uma mesa com um suspiro de alívio, pediu uma enorme tigela de sopa missô fumegante, talharins frios de gergelim pingando molho de amendoim e galinha frita com gengibre, que comeu com os dedos. Quando terminou, achou que ia adormecer mais uma vez, bem ali na mesa.

Porém, ainda tinha mais uma entrega a fazer. A rua parecia quase deserta com a sarjeta repleta de vidros quebrados, preservativos secos e uma meia-calça rasgada. Mesmo assim, o cheiro de orvalho na calçada, na ferrugem da cerca e na grama escassa, junto com as ruas vazias, fazia Williamsburg parecer muito longe de Manhattan.

Ela se abaixou sob uma cerca gradeada. O terreno estava vazio, mas ela viu uma vala entre o concreto rachado e as pequenas colinas. Pisou ali, usando-a como um caminho para chegar ao lugar onde pedras pretas demarcavam o espaço entre a margem e o rio.

Tinha alguma coisa ali. A princípio, Val achou que fosse um monte de algas marinhas secas, um saco plástico extraviado, mas, ao chegar mais

perto, percebeu que era uma mulher de cabelos verdes, deitada de bruços nas pedras, metade dentro d'água e a outra metade fora. Apressando-se, viu as moscas zumbindo em volta do torso e seu rabo balançando com a corrente, escamas captando as luzes da rua e brilhando como prata.

Era o cadáver de uma sereia.

Capítulo 7

*A estes eu me volto, nestes eu confio —
Irmão Chumbo e Irmã Aço.
— Siegfried Sasson,
O velho caçador e outros poemas*

A primeira vez que Val viu alguma coisa morta foi no shopping perto da casa do pai, quando tinha doze anos.

Atirou um centavo dentro da fonte perto da praça de alimentação pois desejava um par de tênis de corrida. Alguns minutos depois, pensou melhor e correu de volta para tentar encontrar a moeda e refazer o desejo. Mas o que viu, flutuando na água parada, foi o corpo flácido de um pardal. Estendeu a mão e ergueu-o. A água escorreu do minúsculo bico como de uma xícara. Tinha um cheiro horrível, como uma carne esquecida, deixada na geladeira para descongelar. Ela fitou-o um momento antes de perceber que estava morto.

Enquanto corria pelas ruas e sobre a ponte de Manhattan, a respiração formando nuvens no ar, Val pensava no passarinho afogado. Agora, já havia visto duas coisas mortas.

A porta da entrada mágica sob a ponte abriu-se da mesma forma com que na última vez, mas quando ela pisou no patamar escuro, viu que não estava sozinha. Alguém vinha descendo a escada e só quando a vela que o outro embalava fez as argolas prateadas, enfiadas no lábio e no nariz, tremeluzirem e o branco dos olhos brilharem, ela viu que era Luis. Parecia tão surpreso quanto ela e, naquela luz oscilante, exausto.

— Luis? — ela chamou.

— Eu esperava que você já tivesse se mandado há muito tempo. — A voz dele era baixa e implacável. — Que tivesse voltado para a mamãe e o papai no subúrbio. É tudo o que vocês meninas ponte-e-túnel sabem... ir embora quando as coisas ficam difíceis. Correr para a cidade grande e má e depois voltar correndo para casa.

— Foda-se — disse Val. — Você não sabe nada sobre mim.

— Ora, você também, não sabe nada sobre mim. Acha que fui babaca com você, mais só lhe fiz favores.

— Qual é o seu problema comigo? Você me odiou assim que apareci!

— Todas as amigas da Lolli sempre acabam fazendo merda e foi exatamente isso o que você fez. E aqui estou eu, sendo submetido a um interrogatório por um troll enfurecido, por causa de vocês. Acha que meu problema é qual?

A raiva deixou o rosto de Val quente, mesmo na escadaria fria.

— Acho o seguinte: a única coisa especial em você é que tem a Visão. Fala um monte de merda sobre seres encantados, mas adora ser o único que pode vê-los. Por isso fica com tanto ciúme quando conhece alguém mais que, além de ver, fala com uma delas.

Isso o deixou boquiaberto, como se houvesse levado um tapa.

As palavras continuaram a sair da boca de Val antes que ela sequer percebesse o que ia dizer.

— E também acho mais uma coisa. Os ratos talvez consigam destruir cobre com os dentes, ou seja lá o que for, mas o único motivo de sobreviverem é porque existem zilhões deles. O que há de tão especial nos ratos é o seguinte... eles fodem o tempo todo e têm um milhão de filhotes.

— Pare. — Luis ergueu as mãos como se tentasse se esquivar das palavras de Val. A voz ficou bem mais baixa, a raiva parecendo esvair-se dele como um balão estourado. — Muito bem. É isso aí. Para Ravus e o resto dos seres encantados, isso é que todos os humanos são... coisas patéticas, que procriam adoidado e morrem tão rápido que não se pode distinguir um e outro. Escute, eu passei as últimas horas respondendo a perguntas, depois de beber algum tipo de coisa tóxica que me fez dizer a verdade. Tudo por causa da invasão que você e Lolli fizeram aqui. Estou cansado e puto da vida. — Ele esfregou o rosto com a mão. — Não é a primeira desgarrada que Lolli trouxe para casa, você sabe. O que não sabe é com que tipo de coisa anda brincando por aí.

Ela não se intimidou com a repentina mudança no tom dele.

— Que quer dizer?

— Há uns dois meses, Lolli decidiu trazer outra menina desgarrada para o subterrâneo. Foi quando, pela primeira vez, alguém teve a idéia de que dava para injetar as poções. Lolli e a menina, Nancy, queriam arranjar alguma droga, mas não tinham dinheiro. Então ela começou a falar sobre o que mais podiam injetar e prepararam um pico com a substância de uma das entregas de Dave. De repente, começaram a dizer que viam coisas que não estavam ali e, até pior, Dave começou a ver a merda também. Nancy

foi atropelada por um trem e sorria feliz até o momento em que o trem passou por cima dela.

Val desviou o olhar da vela que tremeluzia na escuridão.

— Isso parece mais um acidente.

— Claro que foi a porra de um acidente. Mas Lolli continuou a adorar a parada, mesmo depois disso. Convenceu Dave a usar também.

— Lolli sabia o que era? — perguntou Val. — Ela sabia de alguma coisa sobre os seres encantados? Sabia sobre Ravus?

— Sabia. Eu contei a Dave sobre Ravus, porque ele é meu irmão, embora seja um idiota. Dave contou a Lolli porque ela é uma implicante e ele faria qualquer coisa para impressioná-la. E Lolli contou a Nancy, porque não sabe manter a porra da boca fechada.

Val ouvia na mente a frágil risada de Lolli.

— E o que há de tão mal assim em ela contar às pessoas?

Ele soltou um suspiro.

— Veja isso. — Luis apontou a pupila clara do olho esquerdo. — Repugnante, não é? Um dia, quando eu tinha oito anos, minha mãe me levou ao mercado de peixes. Estava comprando uns siris-moles e barganhando com o peixeiro, realmente envolvida naquilo, porque adorava pechinchar. Então eu vi um sujeito carregando uma braçada de peles de foca ensanguentadas. Ele me viu olhando e deu um sorriso grande de verdade. Tinha os dentes parecidos com os de um tubarão: minúsculos, afiados e muito separados uns dos outros.

Val agarrou-se ao corrimão, a tinta descascava-se sob as unhas dos dedos.

— “Você me vê?”, ele perguntou e, como eu era um menino imbecil, fiz que sim com a cabeça. Minha mãe estava bem do meu lado, mas não notou nada. “Você me vê com os dois olhos?”, ele quis saber. Fiquei nervoso e isso foi a única coisa que me impediu de lhe dizer a verdade. Apontei o meu olho direito. Ele largou as peles e elas fizeram um barulho horrível, molhado, caindo todas juntas daquele jeito.

A cera escorreu pelo lado da vela e caiu no polegar de Luis, mas ele não se retraiu nem mudou a maneira como a segurava. Pingou mais cera, formando um gotejamento constante na escada.

— O cara me agarrou pelo braço e enfiou o polegar no meu olho. A expressão dele não mudou sequer um instante enquanto fazia isso. A dor foi tão terrível que comecei a gritar. Foi quando minha mãe se virou e,

finalmente, me viu. E você sabe o que ela e o vendedor de siri decidiram? Que eu, de algum modo, tinha arranhado a porra do olho. Que eu bati com alguma coisa. Que eu mesmo me ceguei.

Os pêlos arrepiaram-se nos braços de Val e ela sentiu aquele frio atravessando sua espinha, o que demonstrava apenas como estava realmente apavorada. Pensou nas peles de foca do relato dele, no corpo da sereia que vira junto ao rio e não chegou a nenhuma conclusão, exceto que não havia fuga de coisas horríveis.

— Por que está me contando isso?

— Porque me deixa puto da vida ter sido logo eu. Um passo errado e eles decidiram que eu não precisava do outro olho. Isso é o que há de tão mau nessa história toda. Dave e Lolli não entendem. — Luis baixou a voz para um sussurro e curvou-se mais para perto dela. — Estão brincando com aquela droga, roubando de Ravus, quando eu devia estar saldando uma dívida. Aí trazem você. — Ele se interrompeu, mas Val viu o pânico em seus olhos. — Você está remexendo a merda. Lolli tem piorado as coisas ao invés de melhorar.

O troll surgiu no alto da saliência e olhou para Val lá embaixo. Sua voz foi baixa e profunda como um tambor.

— Não consigo entender por que você voltou. Precisa de alguma coisa?

— A última entrega — ela disse. — Era uma... sereia? Está morta.

O troll se calou, arregalando os olhos. Val engoliu em seco.

— Parece que já tinha morrido havia algum tempo.

Ravus desceu as escadas, o sobretudo ondulando atrás dele.

— Quero que me mostre.

As feições dele mudavam à medida que chegava mais perto, o verde da pele desaparecia, os traços modificavam-se até ele parecer humano, como um menino desajeitado, apenas um pouco mais velho que Luis, um rapaz de estranhos olhos dourados e cabelos pretos desgrehados.

— Você não mudou... — disse Val.

— É assim que funciona o encanto — ele disse, interrompendo-a. — Há sempre uma insinuação do que a pessoa era. Pés virados para trás, rabo, as costas ocas. Uma pista da nossa verdadeira natureza.

— Eu vou me mandar — disse Luis. — De qualquer maneira, já estava de saída mesmo.

— Luis e eu tivemos uma conversa interessante sobre você e a maneira como nos encontramos — disse o troll.

Era desorientador ouvir aquela voz profunda e encorpada sair dos lábios de um rapaz.

— É. — Luis deu um sorriso meio de lado. — Ele conversou. Eu rastejei.

Isso fez Ravus sorrir por sua vez, mas, mesmo como humano, os dentes incisivos pareciam um pouco longos demais.

— Acho que essa morte tem a ver com você também, Luis. Adie o sono um pouco mais e vamos ver o que podemos aprender.

Os únicos ruídos à beira-mar vinham das ondas lambendo as pedras na praia, quando Ravus, Val e Luis chegaram. O corpo continuava lá, os cabelos flutuando como algas marinhas, colares de conchas, pérolas e ouriços-do-mar presos em volta do pescoço como cordas a estrangulá-la, o rosto branco parecendo um reflexo da lua na água. Minúsculos peixes movimentavam-se em volta dela, entrando e saindo a nadar por entre os lábios separados.

Ravus ajoelhou-se, encaixou a parte de trás do crânio da sereia nos longos dedos e levantou a cabeça. A boca abriu-se mais, mostrando dentes pequenos, translúcidos, que pareciam feitos de cartilagem. Ele aproximou tanto seu rosto do da sereia, que por um momento deu a impressão de que talvez fosse beijá-la. Em vez disso, cheirou duas vezes, antes de gentilmente baixá-la de volta na água.

Olhou para Luis com olhos sombreados, retirou o sobretudo e estendeu-o no chão. Virou-se para Val.

— Se você pegar o rabo, podemos passá-la para o tecido. Eu preciso levá-la de volta ao meu gabinete.

— Ela foi envenenada? — perguntou Luis. — Você sabe o que a matou?

— Tenho uma teoria — respondeu Ravus.

Puxou os cabelos para trás com as mãos molhadas e depois avançou patinando pelo rio Leste.

— Vou ajudar. — Luis adiantou-se.

Ravus abanou a cabeça.

— Você não pode. Todo esse ferro que insiste em usar poderia queimar a pele dela. Eu não quero a prova mais contaminada do que tem de ser.

— O ferro me mantém seguro — disse Luis, tocando o aro no lábio. — Mais seguro, de qualquer modo.

Ravus sorriu.

— No mínimo, vai mantê-lo a salvo de uma tarefa repugnante.

Val patinhou na água e ergueu o rabo escorregadio, as pontas esfarrapadas como um pano rasgado. As escamas reluziram como prata líquida quando as lascas se soltaram na mão dela. Viam-se trechos de carne branca expostos ao longo do lado da sereia, onde caranguejos já haviam começado a alimentar-se dela.

— Que drama insignificante para se ver encenado — disse uma voz vinda de uma montanha de lixo.

— Greyan.

Ravus olhou em direção às sombras. Val reconheceu a criatura que se adiantou, o fabricante de manequins com a barba esverdeando. Mais atrás vinha mais gente que ela não conhecia, seres com braços compridos e mãos enegrecidas, olhos semelhantes aos de pássaros, caras de felinos, asas esfarrapadas finas como fumaça e tão brilhantes quanto as luzes de néon da placa de bar distante.

— Outra morte — disse um deles e ouviu-se um murmúrio.

— Que é isso que está entregando dessa vez? — perguntou Greyan.

Uma explosão de risos constrangidos.

— Eu vim para descobrir o que fosse possível — disse Ravus.

Fez um sinal com a cabeça para Val. Juntos, transferiram o corpo para o sobretudo. Ela se sentiu nauseada quando percebeu que o cheiro de peixe vinha da carne em suas mãos.

Greyan avançou um passo, os chifres irradiavam um brilho branco na iluminação de rua.

— E ver o que foi descoberto.

— Que está insinuando? — quis saber Ravus.

Em seu disfarce humano, Ravus era magro e alto e, ao lado do volumoso Greyan, parecia estar em terrível desvantagem.

— Você nega que é um assassino?

— Pare — disse um dos outros, uma voz vinda das sombras, presa ao que parecia um corpo comprido e delgado. — Nós o conhecemos. Ele tem feito poções inofensivas para todos nós.

— Nós o conhecemos? — Greyan moveu-se mais para perto e, das dobras do casaco de couro rachado, tirou duas pequenas foices curtas e curvas, com lâminas de bronze escurecido. Cruzou-as sobre o peito como um faraó estendido numa tumba. — Ele foi exilado por causa de um assassinato.

— Tome cuidado — aconselhou uma criatura minúscula. — Vai querer que todos nós sejamos julgados agora pelo motivo de nosso exílio?

— Sabe que não posso contestar uma acusação por assassinato — disse Ravus. — Assim como eu sei que é covardia brandir uma espada para alguém que jurou nunca mais fazer isso.

— Belas palavras. Você ainda se julga um cortesão — retrucou Greyan. — Mas sua língua inteligente não vai ajudá-lo.

Uma das criaturas lançou um sorriso falso para Val. Tinha olhos de papagaio e a boca cheia de dentes pontiagudos. A menina se abaixou e pegou um pedaço de cano que estava jogado nas pedras. Era tão frio que lhe queimou os dedos.

Ravus ergueu as mãos para Greyan.

— Eu não quero lutar contra você.

— Então essa será sua ruína. — Greyan lançou uma foice em Ravus.

O troll esquivou-se da lâmina e tomou uma espada da mão de outro ser encantado, empunhando uma chapa de metal afiada. O sangue vermelho escorreu-lhe da palma. Curvou a boca com alguma coisa semelhante a prazer e o encanto se desfez como se houvesse sido esquecido.

— Você precisa do que eu faço — cuspiu Ravus. A fúria contorcia-lhe o rosto, tornando suas feições assustadoras e forçando as presas a morderem a carne do lábio superior. Limpou o sangue com uma lambida e os olhos pareciam cheios de alegria, embora o sentimento fosse de raiva. Apertou o punho na lâmina da espada, apesar disso aprofundar o corte na pele. — Eu lhe dou minhas poções de graça, mas se fosse eu o envenenador, se fosse meu capricho matar um entre as centenas que ajudo, você ainda teria de viver da minha indulgência.

— Não vou viver da indulgência de ninguém.

Greyan lançou-lhe as foices. Ravus girou o punho da espada, bloqueando o golpe. Os dois perseguiam um ao outro em círculos,

trocando golpes. A arma de Ravus desequilibrava-se por estar empunhada de cabeça para baixo e escorregava com o próprio sangue de seu duelista.

Greyan golpeava rápido com as pequenas foices de bronze, mas Ravus aparava cada investida.

— Basta — gritou Greyan.

Um monstro de rabo comprido e encaracolado correu para a frente, agarrando um dos braços de Ravus. Outro se adiantou empunhando uma faca de prata em forma de folha.

Nesse momento, Greyan virou-se para o pulso de Ravus e Val mexeu-se antes de saber que se mexia. O instinto apoderou-se dela. Todos os treinos de lacrosse e os jogos de videogame surgiram com um chiado baixo, encorpado, fazendo-a perder o equilíbrio por um momento. Então ele se virou para Val, arremetendo com as duas foices para baixo. Val mal teve tempo de erguer o cano e defender-se, antes de que as foices a atingissem, fazendo o metal faiscar. Ela rodopiou para o lado e Greyan ficou encarando-a, assombrado, antes de atirar as lâminas de bronze na perna dela.

Val sentiu uma onda de frio atravessar seu corpo e os barulhos no segundo plano reduziram-se a um assobio nos ouvidos. A perna, na verdade, não doía tanto, embora o sangue empapasse a calça já rasgada.

Na outra vida de Val, aquela onde fora quase uma piada e não acreditava em seres encantados, ela e Tom jogavam videogame e matavam o tempo no porão da casa dele depois da escola. O jogo preferido dela era *Almas Vingadoras*. Sua personagem, Akara, tinha uma cimitarra e um poder que lhe permitia cortar as cabeças de três dos adversários de uma só vez e isso lhe dava muitos pontos de saúde. Eles surgiam no alto da tela, esferas azuis que se transformavam em vermelhas com um estalo quanto mais Akara se ferisse. Era só isso que acontecia. Akara não diminuía os ataques quando se machucava, nem tropeçava, gritava ou desmaiava.

Val fez tudo isso.

Alguém segurou seu braço com muita força. Ela sentia as unhas na pele. Doía. Tudo doía. Val abriu os olhos.

Viu um rapaz em pé, olhando-a, e a princípio não o conheceu. Recuou, rastejando rápido para longe dele. Então, viu os cabelos pretos retintos, os lábios inchados e os olhos salpicados de dourado. Luis estava no segundo plano.

— Val — ele disse. — É Ravus. Ravus.

— Não me toque — ela pediu, querendo que a dor parasse.

Deu um sorriso amargo quando ele soltou as mãos dela.

— Você podia ter morrido — disse Ravus baixinho.

Ela interpretou isso como um sinal encorajador de que não ia realmente morrer.

Val acordou quente e sonolenta. Por um momento, achou que estava de volta em sua própria cama, em casa. Perguntava-se se dormira além da hora e perdera a escola. Depois, achou que talvez houvesse adoecido, mas quando abriu os olhos, viu a luz da vela tremeluzindo e o telhado obscurecido muito acima. Estava envolta num casulo de mantas com perfume de lavanda, no alto de uma pilha de almofadas e tapetes. No alto, o constante rugir do tráfego quase parecia chuva.

Apoiou-se num cotovelo. Viu Ravus em pé atrás de sua mesa de trabalho, cortando um bloco de uma substância escura. Observou-o por um momento, vendo os compridos e eficientes dedos embalarem a faca, depois tirou uma das pernas de debaixo das cobertas. Despida, estava coberta com ataduras na coxa, envolta com folhas e estranhamente dormente.

Ele olhou-a.

— Você está acordada.

Ela enrubesceu, envergonhada porque ele devia ter tirado sua calça e ela estava imunda.

— Onde está Luis?

— Voltou para os túneis. Estou preparando algo para você. Acha que consegue beber?

Ela assentiu com a cabeça.

— É algum tipo de poção?

Ele bufou.

— Nada além de chocolate.

— Oh — disse Val, sentindo-se tola. Olhou-o mais uma vez. — Sua mão não tem nenhuma atadura.

Ravus estendeu-a, a palma estava intacta.

— Os trolls curam-se rápido. Sou duro de matar, Val.

Ela olhou para a mão dele e a mesa de ingredientes e balançou a cabeça.

— Como funciona a magia? Como é que você pega coisas comuns e as torna mágicas?

Ele olhou-a intensamente e depois voltou a picar a barra marrom.

— É isso que acha que eu faço?

— E não é?

— Eu não torno as coisas mágicas. Poderia, talvez, mas não em quantidade ou potência. Isso estaria além de mim, além de quase qualquer um, a não ser um Senhor ou Dama do Reino Encantado. Essas coisas... — Estendeu o braço aberto e varreu a mesa de trabalho, as pepitas endurecidas de goma de mascar, os vários invólucros de bala e latas, as guimbas de cigarro sujas de batom. — Já são mágicas. As pessoas as fizeram assim. — Pegou uma embalagem prateada de chiclete. — Um espelho que não se quebra. — Pegou um lenço de papel com a mancha de uma boca de batom. — Um beijo que não acaba. Um cigarro. A respiração de um homem.

— Mas os espelhos e beijos também não são mágicos.

Ele riu.

— Então não acredita que um beijo seja eficaz para transformar uma fera ou acordar os mortos?

— E estou errada?

— Não — ele respondeu, sendo claramente irônico. — Está bem certa. Mas, por sorte, esta poção não se destina a fazer nenhuma dessas coisas.

Ela sorriu. Pensou em como notava todos os olhares dele, seus suspiros, as sutis mudanças no rosto. Pensou no que isso poderia significar e preocupou-se.

— Por que sempre tem essa aparência? — ela perguntou. — Você podia parecer qualquer coisa. Qualquer pessoa.

Ravus largou o almofariz de cara feia e contornou a mesa. Ela sentiu uma emoção que só em parte era terror atravessá-la.

Tinha plena consciência de que estava deitada no que devia ser a cama dele, mas não queria sair sem a calça.

— Ah, você está falando sobre o encanto? — Ele hesitou. — Fazer com que eu pareça menos apavorante? Menos abominável?

— Você não é... — começou Val, mas ele ergueu a mão e ela parou de falar.

— Minha mãe era muito bonita. Sem dúvida, eu tenho uma idéia mais ampla da beleza do que você.

Ela não disse nada, assentindo com a cabeça. Não queria pensar muito a fundo sobre se tinha uma idéia ampla da beleza. Sempre julgara que tinha uma visão muito estreita, que incluía a mãe e outras pessoas que se esforçavam demasiadamente. Sempre sentira um pouco de desprezo pela beleza, como se fosse algo pelo qual era necessário trocar por outra coisa vital.

— Ela tinha sincelos nos cabelos — ele continuou. — Ficavam tão frios que se transformavam em gelo, transformando os tufo das tranças em jóias cristalinas, que tinham umas contra as outras quando ela andava. Você devia vê-las à luz de velas. A chuva iluminava aquele gelo como se fosse feito de fogo. Era uma boa coisa ela não poder ficar sob a luz do sol... teria iluminado o céu.

— Por que ela não podia ficar na luz solar?

— Ninguém do meu povo pode. Nós nos transformamos em pedra no sol... e ficamos assim até o cair da noite.

— Isso dói?

Ele fez que não com a cabeça, mas não respondeu.

— Apesar de toda essa beleza, minha mãe nunca mostrou seu verdadeiro eu ao meu pai. Ele era mortal, como você, e, perto dele, ela sempre usava um encanto. Oh, era linda com o encanto, também, mas uma beleza suavizada. Meus irmãos e irmãs também tinham de usá-lo.

— Ele era mortal?

— Mortal. Caiu pelo sorriso de uma fada. Era o que dizia minha mãe.

— Então você é...?

— Um troll. O sangue de um ser encantado gera outro ser encantado.

— Ele sabia o que sua mãe era?

— Fingia não saber o que era qualquer um de nós, mas deve ter imaginado. No mínimo, deve ter desconfiado de que não éramos humanos. Tinha uma fábrica que serrava e secava a madeira das várias centenas de hectares que possuía. Freixo, cerdo, bétula, carvalho, salgueiro, zimbro, pinheiro, teixo. Meu pai tinha outra família na cidade, mas minha mãe fingia não saber nada a respeito. Havia muito fingimento. Ela cuidava para que a madeira de meu pai fosse excelente e lisa. Era belamente aplainada e nunca se entortava nem apodrecia. Nós, seres encantados, não fazemos nada com moderação. Quando amamos, somos todo amor. Assim era minha mãe. Mas, em troca, pedia que ele tocasse uma sineta no topo da colina para avisá-la de que estava chegando. Um dia, meu pai se esqueceu

de tocar a sineta. — O troll se levantou, dirigiu-se para o leite fervente e despejou-o numa xícara chinesa. O cheiro de canela e chocolate flutuou na direção dela. — Ele nos viu como realmente éramos. — Ravus sentou-se ao lado da garota, o longo sobretudo preto embolando-se no chão. — E fugiu, para nunca mais voltar.

Ela pegou a xícara das mãos dele e tomou um gole, com muita cautela. Quente demais, queimou-lhe a língua.

— Que aconteceu então?

— A maioria das pessoas ficaria satisfeita pelo fato de a história terminar aqui. O que aconteceu então é que todo o amor de minha mãe se transformou em ódio. Mesmo os filhos não eram nada para ela depois disso, apenas lembranças dele.

Val pensou na própria mãe e se deu conta de que nunca tinha questionado se a amava. Claro que amava a mãe, mas, agora, a odiava. Não parecia certo que uma coisa pudesse se transformar tão facilmente em outra.

— A vingança dela foi terrível.

Ravus olhou para as mãos e Val lembrou a forma como ele as cortou, segurando a espada pela lâmina. Perguntou-se se a raiva dele era tão grande a ponto de não notar a dor. Perguntou-se se amava da maneira como a mãe dele amava.

— Minha mãe também era muito linda — disse.

Queria continuar a falar, mas aquele único gole de chocolate quente a enchera de um langor tão delicioso que ela se viu mais uma vez se entregando ao sono.

Acordou com vozes. A mulher de pés de cabras estava ali, falando com Ravus bem baixinho.

— Um cachorro perdido, eu poderia entender — ela disse. — Mas isso? Você tem um coração muito mole.

— Não, Mabry — contrapôs Ravus. — Não tenho. — Olhou na direção de Val. — Acho que ela quer morrer.

— Talvez possa ajudá-la afinal. Você é bom em ajudar pessoas a morrerem.

— Você veio aqui para algo além de me manchar com minha própria sujeira? — ele perguntou.

— Seria um propósito suficiente, mas houve outra morte. Alguém do nosso povo do mar no rio East. Um humano encontrou o corpo dela, mas grande parte já tinha sido comida pelos caranguejos. Sendo assim, duvido de que haja muito escândalo.

— Eu sei disso — disse Ravus.

— Você sabe demais. Conhece todos eles. Cada um que morreu. Você é o assassino?

— Não — ele respondeu. — Todos os mortos são exilados da Corte dos Videntes. Seguramente alguém notou isso.

— Todos envenenados — disse Mabry. — É o que se tem notado.

Ravus assentiu com a cabeça.

— O odor de veneno de rato estava no hálito da sereia.

Val abafou um arquejo, cobrindo o rosto com as mantas.

— Nosso povo acha que você é o responsável — continuou Mabry. — É coincidência demais que todos os mortos sejam seus clientes e tenham morrido horas depois de receber uma entrega de um de seus mensageiros humanos.

— Depois que houve aquela falha no pagamento do tributo à Corte das Trevas, dezenas de membros solitários da Corte dos Não-Videntes devem ter deixado as terras de Nicnevin. Não vejo por que alguém acharia mais provável que eu tenha me transformado num envenenador.

— As terras são de Lorde Roiben agora. — A voz de Mabry enchia-se de alguma coisa que Val não sabia identificar. — Pelo tempo que Silarial deixá-lo mantê-las.

Ravus fungou e Val achou que estava vendo uma coisa nele que não tinha percebido antes. Embora usasse um sobretudo, era novo demais para ser do período ao qual seu estilo remetia. Uma fantasia, percebeu, e de repente teve certeza de que Ravus era muito mais jovem do que ela imaginara. Não sabia como aqueles seres mágicos envelheciam, mas achou que ele tentava com demasiado esforço soar sofisticado na frente de Mabry.

— Não me importa quem seja o Lorde ou a Dama da Corte das Trevas no momento — ele disse. — Que todos se matem uns aos outros para que não tenhamos de lutar contra eles.

Mabry olhou-o com um ar sombrio.

— Não duvido de que deseje isso.

— Eu vou enviar uma mensagem à Dama Silarial. Sei que ela ignora o nosso povo que vive muito próximo às cidades, mas nem ela poderia ficar indiferente ao assassinato dos exilados da Corte Luminosa. Nós continuamos nas terras dela.

— Não — apressou-se a dizer Mabry, com um tom de voz diferente. — Eu acho que seria insensato. Invocar a pequena nobreza poderia piorar tudo.

Ravus deu um suspiro e olhou para onde Val estava deitada.

— É difícil imaginar como as coisas poderiam ficar piores do que já estão.

— Espere mais um pouco para enviar qualquer mensagem — disse Mabry.

Ele soltou outro suspiro.

— Foi gentil de sua parte vir me alertar, não importa o que pense de mim.

— Alertar? Eu vim apenas me divertir. — Ela saiu do aposento, os cascos fazendo barulho pelos degraus abaixo.

Ravus virou-se para Val:

— Já pode parar de fingir que está dormindo.

Ela se sentou, franzindo a testa.

— Você acha que ela é indelicada — disse Ravus, em pé, dando-lhe as costas. Val desejou poder ver a expressão no rosto dele; sua voz era difícil de interpretar. — Mas é minha culpa o fato de Mabry estar encurralada aqui nesta cidade de ferro malcheiroso e ela tem outros motivos, até melhores, para me odiar.

— Que motivos?

Ele ondulou a mão sobre uma vela e a fumaça formou o rosto de um rapaz, lindo demais para ser humano.

— Tamson — respondeu.

Cabelos dourados claros polvilhavam o pescoço da figura, puxados para trás do rosto e tão descuidadamente arrumados quanto seu sorriso.

Val arquejou. Jamais vira o encanto usado assim antes.

O resto de Tamson formou-se, do nada, como numa armadura que parecia feita de casca de árvore, rugosa e pontilhada de musgo. A espada de vidro fora amarrada com uma correia ao lado de seu corpo e, nele, a lâmina parecia líquida, como água, moldada em uma forma improvável.

— Ele foi meu primeiro e melhor amigo na Corte Luminosa. Não se importava por eu não aguentar a luz do sol. Visitava-me na escuridão e me contava histórias divertidas sobre o que acontecia durante o dia. — Ravus fez uma cara feia. — Imagino que eu era uma boa companhia.

— Então a espada de vidro era dele?

— É uma coisa muito elegante para mim.

Junto a Tamson surgiu outra figura nebulosa. Esta, uma conhecida de Val, embora ela levasse um momento para identificá-la. Os cabelos castanhos da fada entremeavam-se com fios verdes, como o tapete frondoso de uma floresta e, sob a curva ondulada do longo vestido vermelho, viam-se pés de cabra. Ela cantava uma balada, a voz encorpada, gutural, engrossando as palavras com promessas. O troll fez um gesto em sua direção.

— Mabry, amante de Tamson.

— Ela também era sua amiga?

— Acho que ela tentou, mas era difícil olhar para mim. — Tamson pôs a mão no braço de Mabry e ela se virou para ele. A música foi interrompida pelo abraço. Por sobre o ombro dela, a imagem esfumada de Tamson encarava Ravus, os olhos ardendo como carvões em brasa. — Ele falava nela sem parar. Ravus soltou um sorriso torto. O rosto encantado de Tamson falou:

— Os cabelos dela são da cor do trigo no auge do verão, a pele tem cor de ossos, os lábios são vermelhos como romãs.

Val perguntou-se se Ravus achava essas descrições precisas. Mordeu a parte interna da bochecha.

— Ele queria impressioná-la — continuou Ravus. — Pediu que eu fosse seu parceiro para que pudesse exibir seu talento como duelista. Eu sou alto e imagino que possa parecer feroz. A rainha da Corte Luminosa acha que o combate é o melhor dos esportes. Ela organizava torneios onde o nosso povo pudesse exibir suas perícias. Eu era novo para a corte e não gostava muito de competir. Meus prazeres vinham do meu trabalho, da minha alquimia. Era uma noite quente; disso, eu me lembro. Pensava na Islândia, nas florestas frias da minha juventude. Mabry e Tamson haviam sibilado palavras um para o outro. Ouvi-o dizendo: “Eu vi você com ele.” Quisera eu saber o que Tamson viu, embora possa adivinhar.

Ravus virou-se para as janelas cobertas de mantas.

— Meu povo não faz nada pela metade, nós podemos ser caprichosos. Cada emoção é um gole que precisamos beber até o fim, mas, às vezes, acho que gostamos tanto do amargo quanto do doce. Não há sentido em alguém na Corte Luminosa achar que, por Mabry haver flertado com Tamson e ele a amar, ela não devia flertar com outro. A armadura de Tamson era feita de casca de árvore, encantada por magia para ser mais resistente que o ferro.

Ele parou de falar, fechou os olhos e recomeçou:

— Tamson era um espadachim melhor do que eu, mas estava desesperado e eu o atingi primeiro. A espada atravessou a casca como se fosse de papel.

Ela viu o golpe fazê-lo cair na fumaça da vela encantada. A armadura desfez-se em pedaços em volta da lâmina, o olhar de surpresa de Tamson, o grito de Mabry varando o ar, alto e agudo como se ela tivesse percebido o que tinha acontecido um momento antes de todo mundo. O berro, mesmo sendo um encantamento, atravessou a sala enfumaçada.

— Quando eu luto, luto como um troll... a fúria me domina. Talvez outro pudesse ter contido seu golpe; eu, não. Continuei segurando o punho da espada como se estivesse soldado em minha mão; era impossível soltá-lo. A lâmina parecia ter sido pintada de vermelho.

“Por que ele retiraria a magia de sua própria armadura?” Ravus olhou-a e, por um momento, Val achou que talvez ele esperasse por uma resposta. Desviou o olhar para o nada e o encanto se dispersou. “Mesmo assim, provavelmente foi exatamente isso o que aconteceu. Ninguém mais teria motivo para desejar mal a ele.”

A voz dele saiu baixa e áspera:

— Eu sabia que ele estava angustiado. Vi no seu rosto. Achei que isso passaria como tudo passa e, de maneira bem egoísta, fiquei feliz porque Mabry o decepcionou. Eu sentia falta do companheirismo dele. Achei que Tamson voltaria a ser mais uma vez meu. Ele deve ter visto essa vulgaridade em mim... por que outro motivo me escolheria como veículo para sua morte?

Val não soube o que dizer. Compôs frases na cabeça: *Não foi culpa dele. Todo mundo pensa coisas terríveis, egoístas. Só podia ter sido um acidente.* Nenhuma delas parecia ter significado algum. Eram apenas

palavras para preencher o silêncio. Quando ele recomeçou a falar, percebeu quanto tempo devia ter ficado debatendo calada.

— A morte é um sinal de mau gosto no Reino Encantado. — Ele riu, pesaroso. — Quando eu disse que viria para a cidade, para exilar-me aqui depois da morte de Tamson, foi conveniente para eles. Não me culparam tanto pela morte quanto por me julgarem manchado por ela.

“Silarial, a Rainha da Corte Luminosa, ordenou que Mabry me acompanhasse para sofrermos juntos. O mau cheiro da morte também se grudou nela e deixou os outros inquietos. Assim, ela teve de me acompanhar, o assassino de seu amante, e aqui ela deve ficar até que eu complete a duração de meu exílio auto-imposto ou morra.”

— Isso é terrível — disse Val e, com o silêncio dele, percebeu a estupidez e a inadequação de suas palavras. — Quer dizer, obviamente é terrível, mas eu estava me referindo ao fato de terem mandado Mabry junto com você. Isso é cruel.

Ele bufou, quase soltando uma risada.

— Eu cortaria meu próprio coração para ter o de Tamson batendo mais uma vez em seu peito. Mesmo que só por um instante. Nenhuma sentença custaria muito para mim. Mas suportar a punição e o exílio para substituir a dor da perda deve ter sido simplesmente demais para ela.

— Como é aqui? Quer dizer, ficar exilado na cidade?

— Acho difícil. Vivo angustiado pela pressão dos cheiros e do barulho. O veneno está em toda parte e o ferro tão perto que faz minha pele coçar e causa queimação na garganta. Só posso imaginar como Mabry se sente.

Ela estendeu-lhe a mão e ele tomou-a, correndo os dedos pelos calos de Val. Ela encarou-o direto no rosto, tentando transmitir compaixão, mas ele olhava atentamente para a mão dela.

— De onde vem isso? — ele perguntou.

— O quê?

— Suas mãos são ásperas. Cheias de calos.

— Lacrosse.

Ele fez que sim com a cabeça, mas ela viu pela expressão em seu rosto que não a entendeu. Poderia ter respondido qualquer coisa, que ele teria balançado a cabeça assim.

— Você tem mãos de cavaleiro — acabou dizendo e soltou-a.

Val esfregou a pele, sem saber ao certo se tentava apagar ou recordar a lembrança do toque dele.

— Não é seguro que você continue a fazer entregas. — Ravus foi até um dos armários e retirou um frasco, onde uma borboleta esvoaçava. Depois, pegou um rolinho de papel e começou a escrever com uma caligrafia em miniatura. — Eu tenho uma grande dívida com você, que não posso pagar facilmente, mas, ao menos, posso cancelar sua promessa de servidão.

Ela contemplou a espada de vidro que tremeluzia na escuridão, quase tão escura quanto a parede atrás dela. Lembrou-se da sensação do cano em sua mão, a adrenalina precipitando-se e a clareza de propósito que sentia no campo de lacrosse ou numa briga.

— Eu quero continuar a fazer entregas para você — disse. — Você também poderia me pagar com uma coisa, mas talvez não queira fazer isso. Ensine-me a usar a espada.

Ele ergueu os olhos de onde enrolava o papel e prendia-o na perna da borboleta.

— Saber disso me proporcionou pouca alegria.

Ela esperou, sem falar. Ele não disse não. Terminou o trabalho e soprou, lançando o pequeno inseto no ar. Ele voou meio instável, talvez desequilibrado pela tira de papel,

— Você quer matar alguém? Quem? Greyan? Talvez queira morrer?

Val fez que não com a cabeça.

— Eu só quero aprender como usá-la. Quero ser capaz de fazer isso.

Ele balançou a cabeça, devagar.

— Como quiser. É sua dívida descartar e seu direito pedir.

— Então vai me ensinar? — ela perguntou.

Ravus balançou mais uma vez a cabeça.

— Vou torná-la tão terrível quanto deseja.

— Eu não quero ser... — Ela começou, mas ele ergueu a mão.

— Eu sei que você é muito valente. Ou idiota.

— *E* idiota. Valente e idiota.

Ravus sorriu, mas logo o sorriso se desfez.

— Nada pode impedi-la de ser terrível uma vez que tenha aprendido como sê-lo.

Capítulo 8

*Leite preto da alvorada nós o bebemos à noite,
de manhã e ao meio-dia, nós o bebemos à tarde,
bebemos e bebemos*
— Paul Celan, *Death Fugue*

Dave, Lolli e Luis estavam sentados num cobertor no estacionamento de concreto, com alguns dos achados de Dave espalhados diante deles. O papelão, usado como forro para protegê-los do frio que vinha da calçada, despontava de debaixo do tecido. Dave recostava a cabeça no colo de Lolli, enquanto ela enrolava, nas palmas das mãos, os *dreads* dele, torcendo e esfregando as raízes. Lolli fez uma pausa, retirando alguma coisa dos cabelos, beliscou-a entre as unhas e besuntou os dedos com a cera da lata que estava entre suas pernas. Dave abriu os olhos, depois os fechou mais uma vez, como se estivesse em êxtase.

Lolli acariciou uma das coxas do Luis com um dos pés manchados e vermelhos de frio metidos em chinelos. Ele tinha um livro aberto diante de si e franziu os olhos para lê-lo à luz que escasseava.

— Ei, caras — disse Val, sentindo-se tímida ao se aproximar deles, como se ficar dois ou três dias afastada a tivesse tornado, mais uma vez, uma estranha.

— Val! — Lolli saiu deslizando de debaixo de Dave, deixando que ele se contorcesse para apoiar a cabeça nos cotovelos, evitando que se machucasse no calçamento.

Ela correu para Val, com os braços abertos.

— Ei, meu cabelo! — gritou Dave.

Val abraçou Lolli, que cheirava a roupa suja, suor e cigarro, e sentiu o alívio inundá-la.

— Luis nos contou o que aconteceu. Você é doida.

Lolli sorriu, como se fosse um grande elogio.

O olhar de Val deslizou para Luis, que ergueu os olhos do livro com um sorriso que fez o rosto dele parecer bonito. Ele balançou a cabeça.

— Ela é doida. Medir forças com a porra de um troll. Lolli Lunática, Dave Mal Acabado e Val Maluca. Vocês são um bando de esquisitos.

Val fez uma reverência formal, mergulhando a cabeça na direção deles e depois se sentou no cobertor.

— Luis, o maior lunático de todos — disse Lolli, chutando o chinelo na direção dele.

— Luis, o caolho — disse Dave.

Luis soltou um risinho falso.

— Dave cabeça-de-bagre.

— Luis, a princesa — retrucou Dave. — O Príncipe Valente.

Val riu, pensando na primeira vez em que Dave a chamara assim.

— Que tal Dave, o temido?

Luis curvou-se para a frente, agarrando o irmão numa chave de cabeça, os dois rolando no tecido, e perguntou:

— Que tal Irmão Bebê? Irmão Bebê Dave?

— Ei — disse Lolli —, e eu? Também quero ser uma princesa como Luis.

Quando Lolli disse isso, os rapazes se soltaram um do outro, desatando a rir. Val deitou-se no pano e no papelão, o ar frio arrepiava-lhe os pêlos dos braços, até debaixo do casaco. Nova Jersey parecia muito distante e a escola, um estranho e absurdo ritual. Ela sorriu de satisfação.

— É verdade o que Luis disse? Alguém acha que estamos envenenando as criaturas sobrenaturais? — perguntou Lolli.

Ela pusera outra manta sobre os ombros e pegou a cera de cabelo.

— Ou que Ravus está — respondeu Val. — Ravus disse alguma coisa sobre acabar com as entregas. Acha que poderia ser perigoso demais para nós.

— Como se ele realmente se importasse — resmungou Luis. — Eu aposto que ele fez uma grande e elegante exibição de agradecimentos, mas você continua sendo um rato para ele, Val. Apenas um rato que fez um truque muito bom.

— Eu sei disso — mentiu Val.

— Se ele quer que a gente pare com as entregas, é para salvar o próprio rabo.

Uma coisa no rosto de Luis enquanto dizia isso, talvez o jeito como olhava além dela, para o longe, sem focar em absolutamente nada, fez Val perguntar a si mesma se ele ao menos estava inteiramente convencido.

— Só pode ser Ravus o responsável pelos envenenamentos — observou Dave. — E ainda nos pôs para fazer seu trabalho sujo. Não sabemos o conteúdo dos potes que levamos.

Val virou-se para olhá-lo.

— Acho que não é ele. Enquanto fiquei lá, aquela mulher de pés de cabra... Mabry... apareceu. Ravus disse que ela devia escrever alguma coisa para a rainha Digna. Imagino que se a Corte é como uma gangue, então a cidade continua sendo, em certo sentido, um território da rainha. De qualquer modo, por que Ravus escreveria para ela se fosse o culpado?

Dave sentou-se ereto, puxando os *dreads* dos dedos de Lolli.

— Ele vai armar uma cilada para nos incriminar. Luis acabou de dizer... que somos todos ratos para eles. Quando há algum problema, basta você envenenar os ratos e ganhar o dia.

Val se lembrou com desconforto de que fora o veneno de rato que matara a sereia. Envenene os ratos. Veneno de rato. Deu uma olhada em Luis e ele parecia indiferente, cortando com os dentes um fio solto das luvas.

Luis ergueu os olhos e encontrou o olhar dela, mas seu rosto não revelava nada, nem culpa, nem inocência.

— É estranho — ele disse — que, com toda essa merda que vocês enfiam no nariz e nos braços, jamais topem com algum veneno.

— Acha que fui eu quem fez isso? — perguntou Lolli.

— É você quem odeia as criaturas mágicas — Dave falou ao mesmo tempo que Lolli e, por isso, suas palavras se sobrepuseram. — É você que sempre vê merda.

Ele ergueu as mãos.

— Espere um momento, porra. Não acho que algum de nós envenenou os seres encantados. Mas tenho de concordar com Val. Ravus me fez um monte de perguntas na outra noite. Ele me... — Luis fez uma cara feia para Lolli. — Algumas delas sobre como vocês duas conseguiram se infiltrar escondidas na casa dele, mas Ravus me perguntou, sem rodeios, se era eu o envenenador, se sabia quem era, se alguém tinha me subornado para fazer alguma entrega adulterada. Por que ele faria tudo isso, se eliminou todas aquelas criaturas?

Val assentiu com a cabeça. Embora o conhecimento de que o veneno de rato tinha matado os seres encantados a incomodasse, lembrou-se do rosto de Luis dentro da ponte. Acreditava em que ele tivesse sido interrogado minuciosamente. Claro, talvez estivessem sendo vítimas de uma cilada preparada por Ravus ou então por alguma outra pessoa.

— E se alguma coisa fez um encanto para si mesma querendo parecer um de nós?

— Por que faria isso? — indagou Lolli.

— Para dar a impressão de que estamos por trás das mortes.

Luis fez que sim com a cabeça.

— Devíamos parar de fazer entregas. Assim, outros babacas seriam incriminados.

Dave coçou o braço, onde se viam as marcas de navalha.

— Não podemos parar com as entregas.

— Não seja tão drogado — irritou-se Luis.

— Val pode conseguir algum Nunca, não pode, Val? — perguntou Lolli, com um olhar sonso sob as pestanas pálidas.

— Que quer dizer com isso? — reagiu Val, a voz parecendo defensiva demais até aos seus ouvidos.

Sentia-se culpada, mas não sabia dizer ao certo por quê. Olhou para o dedo de Lolli, reto, como se jamais houvesse sido deslocado.

— O troll deve a você, não é?

A voz dela saiu num tom baixo, quase sensual.

— Acho que sim. — Val se lembrou do cheiro do Nunca, Nunca Mais, queimando na colher, e isso a encheu de desejo. — Mas ele pagou sua dívida. Vai me mostrar como se usa a espada.

— Não brinca. — Dave olhou-a com um ar estranho.

— Você deveria ter cuidado — aconselhou Luis.

De algum modo, essas palavras a encheram de um mal-estar que pouco tinha a ver com perigo físico. Ela não enfrentou o olhar dele, fitando, em vez disso, um espelho com a moldura quebrada. Apenas momentos antes, sentira-se o máximo, mas, agora, o mal-estar já havia penetrado em seu coração. Estava instalado. Lolli levantou-se de repente.

— Pronto — anunciou, balançando os *dreads* de Dave para que eles chocalhassem como cobras barrigudas. — Esqueçam tudo isso. Hora de brincar de faz-de-conta.

— Não sobrou muito para nós — disse Dave, mas já se levantava, recolhendo as coisas da manta.

Juntos, os quatro enfiaram-se de volta no bueiro e entraram no túnel.

Luis fez uma cara feia quando Lolli trouxe a areia âmbar e seu equipamento.

— Isso não é para mortais, você sabe. Não é mesmo.

Na quase escuridão, Dave levou um pedaço de papel-alumínio ao nariz, acendendo-o por baixo para o Nunca emitir fumaça. Deu uma inalada profunda e olhou solenemente para Lolli.

— Só porque alguma coisa é má idéia não significa que a gente deva deixar de fazê-la.

Dave desviou os olhos para Luis, cuja expressão que trazia no rosto fez Val se perguntar em que ele pensava exatamente.

— Me dá um pouco — pediu Val.

Os dias passaram como um sonho febril. Durante o dia, Val fazia entregas antes de ir para a casa de Ravus dentro da ponte, onde ele lhe ensinava a arte de espadachim nos aposentos escuros. Depois, à noite, ela injetava o Nunca nos braços e, na companhia de Dave e Lolli, fazia o que bem entendia. Às vezes, dormiam ou bebiam um pouco, para espantar o vazio que se seguia ao barato, quando o mundo tornava a acomodar-se em padrões menos mágicos.

Cada vez mais ia se tornando difícil lembrar-se das coisas básicas, como comer. O Nunca transformava migalhas de pão em mesas de banquete cheias de comida, porém, mesmo que comesse, Val vivia faminta.

— Mostre-me como você segura um bastão — pediu Ravus, durante a primeira aula.

Val segurava a metade do cabo da vassoura como se fosse um bastão de lacrosse, com as duas mãos separadas entre si por uns trinta centímetros.

Ele pôs as mãos dela mais juntas e mais embaixo.

— Se você segurasse uma espada assim, cortaria a mão na lâmina.

— É, só um idiota faria isso — disse Val, só para ver o que ele diria.

Ravus não reagiu com mais que uma contração no lábio.

— Eu conheço a sensação do peso, mas com uma espada não será assim. Tome. — Ele desprende a espada de vidro da parede e colocou-a na mão de Val. — Sinta o peso. Está vendo? É equilibrado. Isso é o mais importante, o equilíbrio.

— Equilíbrio — ela repetiu, deixando a espada oscilar na palma da mão.

— Isso é o pomo da espada — disse, apontando cada lugar por vez. — Isso é a envergadura, o punho, a guarda. Quando você segura a espada, o

gume que aponta para seu adversário é o gume verdadeiro. Você precisa segurar a lâmina para que a ponta siga o oponente. Agora fique na mesma posição que eu.

Ela tentou copiá-lo, pernas separadas e ligeiramente flexionadas, um pé na frente do outro.

— Quase. — Ele ajustou o corpo dela na posição certa, sem se importar onde a tocava.

Val sentiu o rosto quente quando ele lhe empurrou as coxas para que se afastassem uma da outra, embora a constrangesse mais o fato de que apenas ela parecia notar as mãos dele em seu corpo. Para ele, o corpo dela era uma ferramenta e nada mais.

— Agora — ordenou Ravus —, mostre-me como você respira.

Às vezes Val, Dave, Luis e Lolli falavam sobre as coisas estranhas que tinham visto ou os seres encantados com quem haviam falado. Dave contou-lhes que foi direto até o Brooklyn apenas para ser perseguido por todo o parque por uma criatura de chifres curtos na testa. Ele gritou, correu e largou a garrafa sem olhar para trás. Luis contou que percorreu a cidade à procura de flores avulsas para um maluco que morava perto de Cloisters e tinha planejado um encontro romântico. Pelo trabalho, recebeu uma garrafa de vinho que nunca se esvaziaria, desde que não olhasse para o gargalo. Realmente, devia ser magia, não apenas um simples encanto, porque funcionou até para Luis.

— Que mais você ganhou? — perguntou Val.

— Sorte — disse Luis. — E os meios para quebrar os feitiços dos seres encantados. Meu pai nunca fez nada com seu poder. Eu vou ser diferente.

— Como se quebram os feitiços? — perguntou Val.

— Com sal. Luz. Sopa de casca de ovo. Depende do feitiço. — Ele tomou outro gole da garrafa. Estendeu o dedo para tocar a barra de metal que lhe atravessava a face. — Mas, sobretudo, ferro.

* * *

Não houve movimentos de espada no treino seguinte, apenas posturas e posicionamento dos pés. Recuos e avanços nas empoeiradas tábuas corridas do piso e Val mantinha a metade da vassoura apontada para Ravus enquanto avançava e recuava.

Ele corrigia Val quando ela dava um passo largo demais, quando sua postura saía do equilíbrio, quando não mantinha o pé reto. Ela mordida a

parte interna da bochecha de frustração e continuava a mover-se, mantendo a mesma distância entre os dois pés, como se estivesse à espera de uma batalha que nunca começava.

Ele se virou de repente para um lado, forçando-a a acompanhá-lo às pressas.

— Velocidade, ritmo e equilíbrio. São as coisas que farão de você uma lutadora competente.

Ela rangeu os dentes e pisou mais uma vez errado.

— Pare de pensar — ele disse.

— Preciso pensar — retrucou Val. — Você disse que eu tinha de me concentrar.

— Pensar deixa você lerda. Precisa deslocar-se como eu. Nesse momento, só está me seguindo.

— Como posso saber aonde você vai antes que tenha chegado lá? Isso é burrice.

— Não é nada diferente de saber para onde qualquer oponente poderia se deslocar. Como sabe para onde uma bola tem probabilidade de correr no campo de lacrosse?

— As únicas coisas que você sabe de lacrosse são as que eu lhe expliquei.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você e luta de espada — Ravus interrompeu-se. — Viu? Você conseguiu. Estava tão ocupada em me agredir que nem notou que vinha fazendo o certo.

Val fez uma cara feia, chateada demais para ficar satisfeita, satisfeita demais para dizer mais alguma coisa.

Lolli, Dave e Val percorriam as ruas do oeste do Village e faziam mágicas com folhas caídas, transformando-as numa multidão de rãs cobertas de jóias, que pulavam em desenhos caóticos, encantavam estranhos para fazê-los beijarem-se, fazendo qualquer zona que os três imaginassem.

Val lançou um olhar para o outro lado da rua, através das cortinas transparentes de um apartamento térreo, para um candelabro com macacos esculpidos que pendia do teto e cintilava com gotas de cristal em forma de lágrimas.

— Eu quero entrar ali — comentou Val.

— Vamos — Lolli assentiu.

Dave encaminhou-se para a porta e apertou a campainha. O interfone, perto da porta, zumbiu ganhando vida e uma voz distorcida disse alguma coisa indecifrável.

— Eu gostaria de um cheeseburger — disse Dave com uma gargalhada alta —, um milk shake e anéis de cebola.

A voz tornou a falar, mais alta, embota Val continuasse a não entender as palavras.

— Olha só. — Ela afastou Dave para o lado.

Apertou o botão do interfone e segurou-o até um sujeito de meia-idade surgir na porta.

O cara usava calça de algodão desbotada e uma camiseta muito larga, que lhe cobria a ligeira pança. Óculos baixos pendiam de seu nariz.

— Que é que há com vocês? — o homem reclamou.

Val sentiu o Nunca efervescendo dentro dos braços, borbulhando como bolhas de champanhe.

— Eu quero entrar — ela disse.

O homem ficou com o rosto relaxado e abriu mais a porta. Ela sorriu-lhe ao passar por ele e entrou em seu apartamento.

As paredes eram tingidas de amarelo e tinham pinturas a dedo penduradas com molduras douradas. Uma mulher refestelava-se num sofá, com um cálice de vinho. Assustou-se quando Val entrou, espirrando líquido vermelho na blusa. Uma menininha sentava-se num tapete junto aos pés da mulher, vendo um programa na televisão que parecia ser sobre ninjas chutando uns aos outros. A menininha virou-se e sorriu.

— Esta casa é tão legal — comentou Lolli do vão da porta. Quem mora aqui?

— Ninguém — respondeu Dave. — Eles contrataram três faxineiros, talvez uma decoradora para falsificar a vida deles.

Val entrou na cozinha e abriu a geladeira. Havia caixas de comida entregues em casa, algumas maçãs murchas e uma embalagem de papelão de leite desnatado. Ela deu uma mordida na fruta. Embora marrom e mole por dentro, continuava doce. Val não entendia por que nunca tinha comido uma maçã marrom antes.

Lolli pegou a garrafa de vinho na mesa de centro e emborcou-a na boca, deixando o suco vermelho escorrer pelo queixo e pelas faces.

Ainda comendo a maçã, Val encaminhou-se até o sofá onde a mulher estava sentada, entorpecida. O lindo apartamento, com a mobília elegante e a família feliz, lembrou-lhe a casa do pai. Ela não se sentia melhor ali do que se sentiria lá. Estava muito furiosa, muito perturbada, muito chapada.

E como deveria contar ao pai o que acontecera entre Tom e a mãe? Era como confessar-lhe que ela era ruim de cama ou coisa assim. Mas não contar apenas deixaria que a nova mulher dele a rotulasse como uma personagem de um desses filmes idiotas feitos para a televisão, uma adolescente desajustada carente de amor rígido.

— Está vendo? — diria Linda. — Ela é igualzinha à mãe.

— Você nunca gostou de mim — Val disse à mulher no sofá.

— Sim — repetiu a mulher como um robô. — Eu nunca gostei de você.

Dave empurrou o homem para uma poltrona e virou-se para Lolli.

— Podíamos simplesmente expulsar esse pessoal — sugeriu. — Seria muito fácil. Podíamos morar aqui.

Lolli sentou-se ao lado da menininha e puxou um cachinho de seus cabelos pretos.

— O que você está vendo?

A menina deu de ombros.

— Quer brincar com a gente?

— Claro — respondeu a menininha. — Este programa é chato.

— Vamos começar nos fantasiando. — Lolli conduziu a menina ao quarto dos fundos.

Val virou-se para o homem. Ele parecia dócil e feliz em sua poltrona, a atenção desviada para a televisão.

— Onde está sua outra filha? — perguntou Val.

— Eu só tenho essa. — Ele parecia levemente aturdido.

— Você só quer esquecer a outra. Mas ela continua aqui.

— Eu tenho outra filha?

Ela sentou-se no braço da poltrona e curvou-se mais para perto, baixando o tom da voz.

— Ela é um símbolo da merda espetacular que foi seu primeiro casamento. Toda vez que você vê como ela está grande, lembra-se de como está velho. Ela o faz sentir-se vagamente culpado, como se talvez devesse saber que esportes ela pratica ou qual é o nome da sua melhor amiga. Mas você não quer saber dessas coisas. Se soubesse, não se esqueceria dela.

— Ei — chamou Dave, erguendo uma garrafa de conhaque quase cheia.
— Luis gostaria de um pouco disso.

Lolli voltou para a sala vestindo uma jaqueta de couro cor de manteiga queimada e um fio de pérolas. A menininha tinha uma dezena de presilhas reluzentes imitando brilhantes.

— Pelo menos você é feliz? — perguntou Val a mulher.

— Eu não sei — ela respondeu.

— Como pode não saber? — gritou Val. Ergueu uma cadeira e atirou-a na televisão. A tela rachou-se e todo mundo deu um pulo. — Você é feliz?

— Eu não sei — repetiu a mulher.

Val derrubou uma estante de livros, fazendo a menininha gritar. Ouviram-se gritos do lado de fora da casa. Dave desatou a rir.

A luz do candelabro refletia-se nos cristais, lançando faíscas brilhantes que cintilavam nas paredes e no teto.

— Vamos — disse Val. — Eles não sabem nada.

A gatinha gemia sem parar, empurrando Lolli com a pata de pequenas unhas afiadas, e saltou sobre a menina com o corpinho macio.

— Cale a boca, Polly — Lolli resmungou, rolando de bruços e puxando o pesado cobertor sobre a cabeça.

— Talvez ela esteja chateada — disse Val, sonolenta.

— É fome — retrucou Luis. — E olha que eu já dei comida para essa porra.

Com um gemido lancinante, Polly saltou nas costas de Lolli, batendo em seus cabelos.

— Saia de cima de mim — ela disse à gata. — Vá matar uns ratos. Você já está bem grandinha para ficar sozinha.

Um ruído agudo de metal rangendo em metal e uma luz fraca sinalizaram a aproximação de um trem. O estrondo abafou os gritos da gata.

No último instante, quando toda a plataforma estava inundada de luz, Lolli atirou Polly nos trilhos, bem na frente do trem. Val levantou-se de um salto, mas era tarde demais. A gata se fora e o trem passou trovejando.

— Por que você fez isso, porra? — berrou Luis.

— De qualquer jeito, ela sempre mijava em tudo. — Lolli enroscou-se e fechou os olhos.

Val olhou para Luis, mas ele simplesmente desviou o olhar.

* * *

Depois que ficou satisfeito com a postura dela, Ravus ensinou-lhe mais um movimento e obrigou-a repeti-lo até que seus membros doessem e Val convencer-se de que ele a julgava uma idiota, até ter certeza de que não sabia ensinar nada a ninguém. Ensinava-lhe cada movimento até torná-lo automático, quase como o hábito de morder a pele em volta das unhas ou a agulha que enfiava no braço.

— Expire — ele gritou. — Acerte o compasso da expiração com o golpe.

Ela assentiu com a cabeça e tentou lembrar-se de fazer isso, tentou fazer tudo.

Val gostava de garimpar nas caçambas de lixo com Dave Mal Acabado, gostava de percorrer as ruas, divertia-se com a caça e com um ocasional achado surpreendente — como as mantas xadrez, de forro prateado que as pessoas que se mudam usam para acolchoar móveis, encontradas empilhadas perto de uma caçamba e que mantiveram os quatro aquecidos como ratos até o final de novembro, ou o velho telefone maneiríssimo, com um discador giratório pelo qual alguém pagou dez dólares. A maior parte do tempo, contudo, estavam ofuscados demais pelo Nunca para conseguir fazer as antigas rondas. De qualquer modo, era mais fácil pegar o que queriam. Bastava pedirem.

Um relógio de pulso. Uma câmera. Um anel de ouro.

Essas coisas eram muito mais fáceis de ser vendidas do que um monte de tranqueiras velhas.

Então, finalmente, Ravus deixou-a começar a combinar os movimentos para lutar. Os compridos braços do ser encantado punham-no em ininterrupta vantagem, mas ele não precisava disso. Era impiedoso, derrubando-a com a vassoura no chão, repelindo-a de costas contra as paredes, jogando-a sobre a mesa quando ela tentava pô-la entre eles. O instinto e anos de esportes misturavam-se ao desespero quando conseguia desferir um ocasional golpe certo.

Quando seu bastão atingiu a coxa dele, foi maravilhoso ver a expressão no rosto de Ravus, uma raiva que mudou para surpresa no espaço de um momento.

Recuando, recomeçaram novamente, andando em círculos, um na cola do outro. Ravus simulou um golpe e Val aparou-o, mas, ao fazê-lo, a sala

começou a rodar. Ela tombou contra a parede.

O bastão dele atingiu-lhe no outro lado. A dor fez Val arquejar.

— O que há com você? — ele gritou. — Por que não bloqueou o golpe?

Val forçou-se para sentar-se ereta, enterrando as unhas na palma da mão e mordendo o interior da bochecha. Continuava atordoada, mas achou que conseguiria fingir não estar.

— Eu não sei... Minha cabeça.

Ele bateu o cabo de vassoura contra a parede com força, lascando a madeira e arranhando a pedra.

Largando os restos do bastão, virou-se para ela, os olhos pretos e quentes como aço numa forja.

— Você nunca devia ter me pedido para lhe ensinar a lutar! Não sei conter meus golpes. Vou acabar ferindo você.

Ela deu um passo instável para trás, vendo os restos do bastão nadarem em sua visão.

Trêmulo, ele inspirou fundo, o que pareceu acalmá-lo.

— Talvez seja a magia da sala que a tenha desequilibrado. Muitas vezes sinto o cheiro dela em você, na sua pele, no cabelo. Talvez você esteja passando tempo demais aqui.

Val fez que não com a cabeça e ergueu o bastão, adotando uma posição inicial.

— Estou bem agora.

Ele olhou-a com uma expressão intensa no rosto.

— É o encanto que a tem deixado fraca ou alguma coisa que você anda fazendo lá fora, na rua?

— Não importa. Eu quero lutar.

— Quando eu era criança — ele disse, sem se mexer para mudar de posição —, minha mãe me ensinou a lutar com as mãos, antes de me deixar usar qualquer tipo de arma. Ela e meus irmãos e irmãs me batiam com escovas, me bombardeavam com neve e gelo, até que eu me enfurecia e atacava. A dor não era desculpa, nem a enfermidade. Deviam alimentar minha fúria.

— Eu não estou me desculpando.

— Não, não — reagiu Ravus. — Não foi o que eu quis dizer. Sente-se. A fúria não nos transforma em grandes espadachins, mas num espadachim instável. Eu devia ter visto que você estava doente, mas só percebi sua

fraqueza. Essa falha é minha e não quero que tome isso como um erro de sua parte.

— Odeio não ser boa nisso. — Val desabou sobre um tamborete.

— Você é boa. O que odeia é não ser sensacional.

Ela riu, mas a risada acabou soando falsa. Ficou transtornada porque o mundo não se restabelecera na imobilidade e ainda mais transtornada pela raiva de Ravus.

— Por que faz poções, se foi tão bem treinado para ser espadachim?

Ele sorriu.

— Depois que deixei as terras da minha mãe, tentei deixar a espada para trás. Queria fazer alguma coisa independente.

Ela assentiu com a cabeça.

— Embora alguns dos nossos talvez ficassem escandalizados, aprendi a fazer poção com um humano. Ela preparava medicamentos, unguentos e cataplasmas para outros mortais. Muita gente imagina que as pessoas não fazem mais isso, mas em certos lugares ainda fazem. Ela sempre foi amável comigo, uma amabilidade distante, como se julgasse que acalmava o espírito de um desconhecido. Acho que sabia que eu não era mortal.

— E o Nunca? — ela perguntou.

— O quê?

Ela viu que Ravus jamais ouvira alguém chamar a coisa assim. Perguntou-se se ele tinha alguma idéia do que a substância podia fazer para os seres humanos. Balançou a cabeça, como se tentasse afugentar as palavras.

— A magia dos seres encantados. Como aprendeu a fazer o que tornaria as poções mágicas?

— Ah, isso. — Ele deu um largo sorriso de uma forma quase ridícula.

— Eu já sabia a parte mágica.

Nos túneis, Val exercitou o movimento de um corte, tendo de torcer as mãos como se torcesse uma toalha de cozinha encharcada. Exercitou o sinuoso número oito, girando a espada nas mãos como as meninas giravam as bandeiras nos intervalos de jogos. Adversários invisíveis dançavam nas sombras em movimento, sempre mais rápidos e equilibrados, com perfeito cálculo de tempo.

Ela pensou no treino de lacrosse, exercícios de passes de inversão do bastão, desvios de espada e trocas de mão. Lembrou que aprendera a

lançar a bola da haste do bastão, da parede lateral, e pegá-la nas costas ou entre as pernas.

Experimentou fazer esses movimentos com o cabo de vassoura cortado pela metade. Só para ver se podiam ser feitos. Só para ver se podia aprender alguma coisa com isso. Rebateu uma lata de refrigerante com o punho improvisado do bastão, depois a chutou com o lado do pé, dirigindo-a aos oponentes de sombra.

Olhou seu rosto numa janela quando acertou o arremesso em cheio. Sua pele parecia argila, infundavelmente maleável. Podia mudá-la para o que quisesse, aumentar os olhos como uma personagem de desenho animado, esticar a pele das maçãs do rosto.

Ondulou a testa, afinou a boca e o nariz ficou longo e arrebitado. Era fácil fazer-se linda — entediara-se fazendo isso —, mas se fazer grotesca era infinitamente mais interessante, pois podia ser feito de inúmeras maneiras.

Val brincava um jogo cujo nome não conseguia lembrar, onde as pessoas eram encurraladas dentro da torre do necromante e subiam escadas intermináveis. Ao longo do caminho, pegavam poções. Algumas as tornavam menores e outras muito altas, para poder cruzar todas as diferentes portas. Em algum lugar muito alto, havia um alquimista preso. Sua câmara era tão alta que não conseguia ver nada do que se passava lá embaixo. Em algum lugar, também havia um monstro, mas às vezes o alquimista era o monstro e o monstro era o alquimista. Val tinha uma espada na mão, mas não mudava quando ela se transformava e, por isso, ora era um palito de dentes afiado na palma de sua mão, ora era um traste enorme que tinha de arrastar atrás de si.

Quando abriu os olhos, viu que estava deitada na calçada, as coxas e as costas doendo, a face com marcas de concreto. Pessoas passavam por ela num fluxo constante. Perdera mais uma vez o treino.

— Que aconteceu com essa moça? — Ouviu a voz de uma criança perguntar.

— Só está cansada — respondeu uma mulher.

Era verdade, estava cansada. Fechou os olhos e voltou para o jogo. Precisava encontrar o monstro.

Em algumas tardes, ela chegava à ponte extenuada da noite anterior, o distúrbio do encanto ainda lambia-lhe as veias, a área em torno dos olhos

parecia carbonizada, como se tivessem sido delineados com cinzas, a boca seca, com uma sede que ela não podia saciar.

Esforçou-se para manter as mãos firmes, impedindo-as de tremer e revelar sua fraqueza. Quando errava um golpe, tentava fingir que não fora por estar tonta nem doente.

— Está se sentindo mal? — perguntou Ravus uma manhã, quando ela se achava bastante trêmula.

— Estou ótima — mentiu Val.

As veias pareciam secas. Sentia-as pulsando nos braços, as feridas pretas na parte interna dos cotovelos estavam duras e doloridas.

Ele empoleirou-se na beira da mesa de trabalho, fazendo um gesto em direção ao rosto dela com o bastão de treino na mão, como se fosse uma vara de condão. Ela ergueu automaticamente as mãos, mas, se ele quisesse atingi-la, ela estaria atrasada demais para aparar o golpe.

— Você está visivelmente pálida. Suas aparas são desanimadoras... — Ele deixou a frase continuar inacabada.

— Acho que estou um pouco cansada.

— Até seus lábios estão pálidos — ele prosseguiu, desenhando-os no ar com a lâmina de madeira.

O olhar de Ravus era intenso, sem oscilações. Ela sentiu vontade de abrir a boca e contar-lhe tudo, falar do roubo da droga, do encanto que lhes dava, sobre todos os sentimentos confusos que pareciam se cancelar em seu íntimo, mas o que fez foi avançar um passo mais para perto, para que ele parasse de gesticular e pusesse o bastão de lado, com o intuito de impedi-lo de feri-la.

— Só estou com frio — disse, baixinho.

Vivia com frio nos últimos dias, mas era inverno, portanto, talvez não fosse tão estranho.

— Frio? — ecoou Ravus. Tomou-lhe o braço e esfregou-o entre as mãos, examinando-as como se estivessem traindo-o. — Melhor? — ele perguntou, cauteloso.

A pele dele era quente, mesmo através da blusa dela, e seu toque, ao mesmo tempo calmante e elétrico. Ela se encostou nele sem pensar. Ele separou as coxas, o tecido preto áspero arranhando a calça jeans quando ela se ajeitou entre as pernas compridas dele.

Tinha as pálpebras quase fechadas quando se projetou para fora da escrivaninha, os corpos dos dois escorregando juntos, as mãos dele ainda segurando as dela. Então, de repente, ele ficou petrificado.

— Tem alguma coisa... — ela começou, mas ele se afastou dela bruscamente.

— É melhor você ir embora. — Ele encaminhou-se para uma janela onde ficou simplesmente parado. Ela sabia que ele não ousava abrir as persianas enquanto fosse dia do outro lado. — Volte quando estiver melhor. De nada nos serve treinar enquanto se sentir mal. Se precisar de alguma coisa, eu posso...

— Eu disse que estava bem.

Sua voz saiu num tom agudo mais alto do que ela pretendia. Pensou na mãe. Teria se atirado para Tom assim? Ele teria se afastado dela no começo?

Ravus continuava voltado para a janela quando ela ergueu uma garrafa inteira de Nunca e pôs na mochila.

Naquela noite, Lolli e Dave felicitaram-na pelo feito, gritando seu nome tão alto que as pessoas pararam em torno da grade do bueiro. Luis sentava-se nas sombras, mastigando o *piercing* da língua e calado.

Naquela manhã, ela desabou no colchão imundo, como fazia quase todas as manhãs, mergulhando em um sono profundo e sem sonhos, como se jamais tivesse tido outra vida além dessa.

Capítulo 9

*Os que reprimem o desejo fazem isso porque o deles
é fraco suficiente para ser reprimido.*
— William Blake, *O matrimônio do céu e do inferno*

Val acordou com alguém mexendo nos fechos de sua calça jeans. Sentiu os dedos na cintura, a torção e o beliscão de um botão quando saiu da casa.

— Saia de cima de mim — ela disse, mesmo antes de perceber que era Dave curvado em cima dela.

Ela se contorceu, saiu de debaixo dele e sentou-se, ainda acalorada pelos resquícios do Nunca. A pele empapava-se de suor, embora o ar frio soprasse da grade acima, e a boca estava seca como areia.

— Vamos lá — ele sussurrou. — Por favor.

Olhou para os dedos e viu o esmalte azul de Lolli em suas unhas, as botas brancas de Lolli nos seus pés e longas madeixas de cabelos azuis desbotadas, escorridas abaixo dos seus ombros.

— Eu não sou ela — disse com a voz grossa de sono e confusão.

— Poderia fazer de conta que é — disse Dave Mal Acabado. — E eu poderia ser qualquer um que você quisesse, me mude para qualquer um.

Ela fez que não com a cabeça, percebendo que ele a encantara para ser Lolli, perguntando-se se Dave já tinha feito isso antes com outras e se Lolli sabia. A idéia de brincar de ser outras pessoas era assustadora, mas, com o finalzinho do Nunca ainda enxameando dentro dela, ficou intrigada com a pura maldade disso. Sentia a mesma emoção que a impelira para os túneis, o prazer vertiginoso de fazer uma opção clara e obviamente errada.

Qualquer um. Ela examinou Lolli e Luis, dormindo bem juntos um do outro, mas sem se tocarem. Val deixou-se imaginar o rosto de Luis em Dave. Era fácil; não tinham os rostos muito diferentes. A expressão de Dave alterou-se, assumindo um ar entediado e irritado que era todo de Luis.

— Eu sabia que você ia escolhê-lo — disse Dave.

Ela inclinou a cabeça para a frente e surpreendeu-se quando os cabelos caíram e cobriram-lhe o rosto. Tinha esquecido como a proteção dos cabelos a fazia se sentir.

— Eu não escolhi ninguém.

— Mas vai escolher. Quer fazer isso.

— Talvez.

A mente de Val tornou a figura que estava em cima dela mais conhecida. O moicano rígido de Tom brilhou graças ao gel e, quando ele sorriu, as faces exibiram as covinhas. Ela sentia até o perfume conhecido da loção pós barba que ele usava. Curvou-se para ele, tomada pela sensação de que estava de volta ao lar e nada daquilo jamais acontecera.

O Tom que estava em cima dela deu um suspiro que ela julgou ser de alívio e enfiou as mãos sob a sua blusa.

— Eu sabia que você era solitária.

— Eu não era solitária — disse Val automaticamente, recuando.

Não sabia se estava deitada ou não. Era solitária? Pensou nos seres encantados e na incapacidade de mentir deles, perguntando-se o que faziam quando não sabiam o que era verdade.

Em reação a esse pensamento, a pele de Tom ficou verde, os cabelos escureceram e caíram em volta dos ombros até ela ver Ravus, os longos dedos dele que lhe tocavam a pele e seus olhos quentes encarando-a.

Viu-se imobilizada, enojada por sua própria fascinação. A inclinação da cabeça estava correta, a expressão inquisitiva.

— Você não me quer — ela disse, mas se falava à imagem de Ravus diante dela ou a Dave, não tinha certeza.

Ele apertou a boca na dela, o que a fez sentir uma picada dos dentes dele em seus lábios e estremeceu de desejo e pavor.

Como poderia não ter sabido que queria isso, quando agora não queria nada mais? Sabia que não era realmente Ravus e que era obsceno fingir que era, mas, mesmo assim, o deixou baixar a calça jeans. O coração martelava-lhe o peito, como se ela estivesse correndo algum perigo, como se estivesse em algum perigo, mas entrelaçou os dedos nos cabelos pretos e oleosos. O comprido corpo dele acomodou-se sobre o dela e ela agarrou-lhe os músculos das costas, concentrando o olhar no buraco da garganta, o ouro reluzente dos olhos rasgados, enquanto tentava ignorar os grunhidos dele. Foi quase suficiente.

Na tarde seguinte, quando Ravus a fez passar por uma série de movimentos de espada segurando a lâmina de madeira, ela observou mais de perto o rosto distante dele e desesperou-se.

Antes, conseguira convencer-se de que não sentia nada por ele, mas agora era como se houvesse provado uma comida que a deixara faminta

por um banquete que nunca se realizaria.

Voltando a pé da ponte, ela passou perto de um ponto de ônibus. Três prostitutas tremiam de frio em suas saias curtas. Uma garota com casaco de pele falsa encaminhou-se para Val com um sorriso e em seguida deu meia-volta quando percebeu que ela não era homem.

No quarteirão seguinte, atravessou a rua para evitar um barbudo de minissaia e botas flexíveis com os cadarços desatados. O vapor subia de debaixo da saia enquanto ele urinava na calçada.

Val foi escolhendo o caminho pelas ruas até a entrada para a plataforma no túnel. Ao chegar mais perto do estacionamento de concreto, viu Lolli discutindo com uma jovem que usava um casaco de pelúcia e uma mochila com *spikes* de borracha pontiaguda nas costas. Por um momento, sentiu uma estranha sensação de desnorteamento. A garota era conhecida, mas tão totalmente fora do contexto que não soube inseri-la naquela situação.

Lolli ergueu os olhos. A moça virou-se, acompanhou o olhar dela e abriu a boca, surpresa. Saiu correndo em direção a Val com botas de salto plataforma, um saco de farinha grudado no braço. Só quando notou que alguém tinha pintado o rosto com farinha, se deu conta de que estava olhando para Ruth.

— Val? — Ruth girou o braço como se fosse pegá-la, mas então pensou melhor. — Uau! Seu cabelo. Devia ter me dito que ia cortá-los. Eu a teria ajudado.

— Como você me encontrou? — perguntou Val, entorpecida.

— Sua amiga. — Ruth virou-se para Lolli, com um ar cético. — Ela atendeu ao seu telefone.

Val pôs automaticamente a mão na mochila, mesmo sabendo que seu telefone não devia estar ali.

— Eu desliguei.

— Eu sei. Tentei ligar para você um zilhão de vezes mas sua caixa postal está cheia. Tenho andado assustada.

Val balançou a cabeça, sem saber o que dizer. Tinha consciência da sujeira grudada na calça, as meias-luas pretas das unhas e o mau cheiro do corpo, sempre esfregado em banheiros públicos com ela metida em quase todas as roupas.

— Escute, eu trouxe alguém para conhecer você. — Ruth estendeu o saco de farinha. Só então Val percebeu que se tratava de um boneco. Tinha os olhos contornados com pesado delineador preto e a boca, minúscula e franzida, pintada de esmalte azul cintilante. — Nosso bebê. Sabe, é duro para ele com uma das mães desaparecidas e é duro para mim ser mãe de uma produção independente. Na aula de controle de natalidade, tive de fazer todos os trabalhos escritos sozinha. — Ruth soltou um sorriso enviesado para Val. — Lamento ter sido tão babaca. Eu devia ter contado sobre Tom. Comecei a contar, acho que um milhão de vezes. Simplesmente nunca consegui pôr todas as palavras para fora.

— Isso não tem mais importância — disse Val. — Não me preocupo mais com Tom.

— Escute, está gelado aqui fora. Podemos entrar em algum lugar? Vi um café não muito longe daqui — sugeriu Ruth.

Estava gelado? Val se habituara tanto ao frio quando não usava o Nunca que parecia normal sentir os dedos dormentes e a medula parecer feita de gelo.

— Tudo bem — concordou.

Lolli tinha uma expressão satisfeita consigo mesma no rosto. Acendeu um cigarro e soprou fios gêmeos de fumaça branca das narinas.

— Vou dizer a Dave que você voltará logo. Não quero que ele se preocupe com a nova namorada.

— Como?

Por um momento, Val não soube o que ela queria dizer. Dormir com Dave parecia tão irreal, uma coisa feita no meio da noite, embriagada de encanto e sono.

— Ele disse que vocês transaram ontem à noite.

Lolli falou com um tom altivo, mas Dave obviamente não tinha contado que ela tinha a aparência idêntica à de Lolli quando eles transaram. Isso a encheu de um vergonhoso alívio.

Agora entendia por que Ruth estava ali, por que Lolli pegara o celular e armara aquela cena. Aquela era uma forma de punir Val.

Era isso mesmo que ela merecia.

— Não foi nada de importante. Apenas uma coisa boba. — Val fez uma pausa. — Ele só queria provocar ciúmes em você.

Lolli pareceu surpresa e, de repente, sem graça.

— Eu simplesmente não achava que você gostava dele a esse ponto.

Val deu de ombros.

— Volto daqui a pouco.

— Quem é ela? — perguntou Ruth, enquanto as duas se encaminhavam para o café.

— Lolli. Ela é legal, quase sempre. Tenho andado por aí com ela e mais alguns de seus amigos.

Ruth assentiu com a cabeça.

— Você podia voltar para casa, sabe disso. Podia morar comigo.

— Acho que sua mãe não ia gostar muito dessa idéia.

Val abriu a porta de madeira e vidro e entrou no cheiro de leite açucarado. Sentaram-se a uma mesa nos fundos, equilibrando-se nos pequenos caixotes de madeira que a casa tinha como bancos. Ruth tamborilou os dedos no tampo de vidro da mesa, como se os nervos estivessem à flor da pele.

A garçonete veio e elas pediram chá com leite, torrada com leite condensado e manteiga de coco e broas. Ela examinou Val por um longo momento antes de deixar a mesa, enquanto avaliava se elas tinham como pagar a conta.

Val inspirou fundo e resistiu à imensa vontade de morder a pele em volta do dedo.

— É tão estranho você estar aqui.

— Você parece doente — comentou Ruth. — Está super magra e os seus olhos parecem dois hematomas.

— Eu...

A garçonete pôs os pedidos na mesa, interceptando o que Val ia dizendo. Satisfeita com a interrupção, ela mexeu a bebida com o grosso canudo azul e depois mordeu um grande pedaço de torrada pegajosa e ingeriu um bocado de chá doce. Tudo que fazia parecia vagaroso, os membros tão pesados que a mastigação era exaustiva.

— Sei que vai dizer que está ótima — disse Ruth. — Só me diga que realmente não me odeia.

Val sentiu alguma coisa dentro dela oscilar e depois se julgou, afinal, em condições de começar a explicar.

— Não estou mais puta com você. Mas me sinto uma babaca tão grande e minha mãe... Eu simplesmente não posso voltar. Pelo menos

ainda não. Não tente me convencer.

— Então quando? — perguntou Ruth. — Onde está morando?

Val apenas abanou a cabeça, pondo outro pedaço de torrada na boca. O pão pareceu derreter em sua língua, desaparecendo antes que ela percebesse que comera tudo. Em outra mesa, um grupo de moças cobertas de purpurina explodiram em gargalhadas. Dois indonésios olharam para elas, aborrecidos.

— Então que nome deu ao boneco? — perguntou Val.

— Como?

— Nosso bebê de farinha. O que eu abandonei sem pagar pensão alimentícia.

Ruth riu.

— Sebastian. Gosta?

Val fez que sim com a cabeça.

— Bem, tem uma coisa que você na certa vai gostar — disse Ruth. — Não vou voltar para casa, a não ser que volte comigo.

Apesar de tudo que Val disse, não conseguiu convencer Ruth a ir embora. Por fim, achando que a visão de sua verdadeira acomodação a convencesse, levou-a à plataforma abandonada. Com outra pessoa lá, ela notou mais uma vez o mau cheiro do lugar, suor, urina, o açúcar queimado do Nunca, os ossos animais nos trilhos e os montes de roupas jamais mexidos porque se enxameavam de piolhos. Lolli desenrolara o equipamento e despejava um pouco de Nunca numa colher. Dave já viajava, a fumaça de seu cigarro desenhando formas de personagens de quadrinhos que perseguiam uns aos outros com martelos.

— Você só pode estar de gozação — disse Luis. — Me deixe adivinhar. Outra gata perdida para Lolli atirar nos trilhos.

— Va... Val? — A voz de Ruth tremeu quando ela olhou em volta.

— Esta é minha melhor amiga, Ruth — disse Val, antes de perceber como essas palavras soaram infantis. — Veio me procurar.

— Achei que nós éramos seus melhores amigos.

Dave deu um sorriso meio de soslaio e Val arrependeu-se de tê-lo deixado tocá-la, permitindo-lhe achar que tinha algum poder sobre ela.

— Somos todos os melhores amigos — disse Lolli e disparou-lhe um olhar furioso, apoiando uma das pernas na de Luis, a bota quase lhe tocando a virilha. — Todos os melhores dos melhores amigos.

Dave fez uma cara feia.

— Se você fosse qualquer espécie de amiga dela, não a arrastaria para essa merda — disse Luis a Val, afastando-se de Lolli.

— Quantas pessoas estão aí? Saiam para onde eu possa ver vocês — gritou uma voz áspera.

Dois policiais desceram a escada. Lolli imobilizou-se, a colher na mão ainda sobre o fogo. A droga começou a enegrecer-se e queimar. Dave riu, uma estranha e louca risada que continuou ininterruptamente.

Lanternas vararam a estação escura. Lolli largou a colher, que ficou quente demais para segurar, e os facho convergiram para ela, em seguida deslocaram-se para Val, cegando-a. Ela tapou os olhos com a mão.

— Todos vocês. — Um dos policiais era uma mulher de expressão severa. — Encostados na parede, mãos na cabeça.

Um facho de luz localizou Luis e o policial cutucou-o com a bota.

— Vamos. Ande logo. Ouvimos alguns relatos de que havia uma garotada aqui embaixo, mas eu não acreditei.

Val levantou-se devagar e encaminhou-se para a parede com Ruth ao seu lado. Sentia-se tão nauseada de culpa que queria vomitar.

— Me desculpe — sussurrou.

Dave ficou simplesmente imóvel no meio da plataforma. Tremia.

— Algum problema? — gritou a policial, não fazendo de modo algum uma pergunta. — Encostado na parede!

Com isso, a voz dela se transformou em latidos. Do lugar onde antes estivera a policial, surgiu um cachorro preto, maior que um Rottweiler, espumando.

— Que diabo é isso? — O outro policial virou-se e sacou a arma. — O cachorro é de vocês? Ponham esse bicho para fora.

— Não é nosso — respondeu Dave, com um sorriso enigmático.

O cachorro virou-se para Dave, rosnando e latindo. Dave apenas ria.

— Masollino? — gritou o policial. — Masollino?

— Pare de fazer merda — gritou Luis. — Dave, o que você está fazendo?

Ruth soltou os braços da cabeça.

— O que está acontecendo?

O cachorro exibiu os dentes brilhantes quando avançou contra o policial. Ele apontou a arma e o cachorro parou. O cão ganiu e o policial

hesitou.

— Cadê minha parceira?

Lolli deu umas risadinhas e o homem ergueu os olhos, feroz, e logo os desviou para o cachorro.

Val deu um passo à frente, Ruth ainda lhe segurava o braço com tanta força que machucava.

— Dave — sibilou. — Pare com isso. Vamos.

— Dave! — berrou Luis. — Transforme-a no que era antes!

O cachorro moveu-se ao ouvir essas palavras, virando-se, e saltou na direção onde eles estavam, a língua esticada formando uma faixa vermelha na escuridão.

Dois estalos agudos foram seguidos pelo silêncio. Val abriu os olhos, nem sequer consciente de que os tinha fechado. Ruth gritou.

Estendida no chão, a policial sangrava no pescoço e no tronco. O outro policial olhava horrorizado para sua própria arma. Val se imobilizou, impressionada demais para se mexer, os pés pesados como chumbo, a mente ainda procurando no escuro por alguma forma de desfazer o que fora feito. *Isso é apenas uma ilusão*, disse a si mesma. *Dave está pregando uma peça em todos nós*.

Lolli saltou no poço dos trilhos e saiu correndo, esmagando o saibro sob as botas. Luis agarrou o braço de Dave e empurrou-o em direção aos túneis.

— Temos de sair daqui — disse.

O policial ergueu os olhos quando Val saltou da lateral da plataforma, com Ruth atrás dela. Luis e Dave já desapareciam na escuridão.

Um disparo ressoou atrás deles. Val não olhou para trás. Corria ao longo do trilho, agarrando a mão de Ruth, como se fossem duas criancinhas atravessando a rua. Ruth apertou-a duas vezes, mas Val ouviu-a começar a soluçar.

— Os policiais não entendem nada — disse Dave, enquanto se deslocavam pelos túneis. — Têm todas essas normas para prender as pessoas e só ligam para isso. Descobriram nosso lugar e iam apenas trancá-lo para que ninguém o usasse, e que sentido tem isso? Não prejudicamos ninguém por morar aqui. É uma casa. Nós encontramos.

— De que está falando? — interpelou-o Luis. — Em que pensou naquela hora? Pirou de vez?

— Não é culpa minha — disse Dave. — Nem sua. Não é culpa de ninguém.

Val desejou que ele se calasse.

— Tem razão — disse Luis, com a voz trêmula. — Não é culpa de ninguém.

Emergiram na estação da Canal Street, pulando na plataforma e entrando no primeiro trem que parou. O vagão estava quase vazio, mas ficaram em pé apesar disso, apoiados na porta, enquanto o trem seguia balançando. Ruth já tinha parado de chorar, mas a maquilagem deixou-lhe com manchas escuras nas faces e o choro deixou-lhe com o nariz vermelho. Dave parecia esvaziado de toda emoção, sem olhar nos olhos de ninguém. Val não imaginava o que ele sentia naquele momento. Não sabia nem como descrever com certeza o que ela própria sentia.

— Podemos dormir no parque esta noite — disse Luis. — Dave e eu fazíamos isso antes de encontrar o túnel.

— Eu vou levar Ruth até a estação Penn — disse Val de repente.

Pensava na policial, a lembrança de sua morte como um fardo que ficava mais pesado a cada passo que dava para longe do cadáver. Não queria arrastar Ruth com eles. Luis assentiu com a cabeça.

— E você vai com ela?

Ela hesitou.

— Eu não vou entrar sozinha naquele trem — disse Ruth ferozmente.

— Preciso me despedir de alguém — disse Val. — Não posso simplesmente desaparecer.

Saltaram na parada seguinte, transferiram-se para um trem que ia para a parte norte da cidade e seguiram até a estação Penn, onde subiram para conferir os horários. Depois, se instalaram na área de espera e Lolli comprou café e sopa, que nenhum deles quis.

— Encontre-se comigo aqui em uma hora — disse Ruth. — O trem parte quinze minutos depois. Dá para você se despedir desse cara nesse tempo, certo?

— Se eu não voltar, você tem de entrar no trem — disse Val. — Prometa.

Ruth fez que sim com a cabeça, o rosto pálido.

— Desde que me prometa voltar.

— Vamos ficar perto do castelo do tempo no Central Park — disse Lolli. — Se você perder seu trem.

— Não vou perder — disse Val, olhando para Ruth.

Lolli girou uma colher numa embalagem de sopa, mas não a levou à boca.

— Eu sei. Só estou informando.

Val saiu aos tropeços para o frio, feliz por se afastar de todos eles.

Quando chegou à ponte, ainda havia luz suficiente para ver o rio Leste, marrom como café deixado tempo demais no bico de gás. A cabeça doía, os músculos dos braços contraíam-se em espasmos e ela se deu conta de que não tinha tomado nenhuma dose de Nunca desde a noite anterior.

Nunca mais que dois dias seguidos. Não conseguiu se recordar de quando essa regra fora esquecida e a nova regra tornara-se todo dia e às vezes mais que isso.

Bateu no toco e entrou na ponte, mas, apesar da ameaça da luz do dia, Ravus saíra. Pensou em pintar com o dedo um bilhete num folheto rasgado de mercearia, mas se sentia tão cansada que decidiu esperar um pouco mais. Sentou-se na espreguiçadeira, os odores de papel velho, couro e frutas a embalsamaram, levando-a a recostar a cabeça e a abrir apenas uma fresta da cortina. Ficou ali sentada inconsciente por uma hora, vendo o sol mergulhando cada vez mais baixo, deixando o céu em chamas, mas Ravus não retornou e ela só se sentiu pior. Os músculos, que antes haviam doído como se houvesse feito muito exercício, agora ardiam como uma cãibra que nos acorda do sono.

Examinou todas as garrafas, poções e misturas, sem ligar para o que desarrumava nem onde punha as coisas, mas não encontrou um único grão do Nunca para fazer a dor sumir.

Uma família terminava seu piquenique nas pedras quando ela saiu se arrastando para o Central Park, a mãe embalando os sanduíches que haviam sobrado, uma filha desengonçada empurrando um dos irmãos. Os dois meninos eram gêmeos, Val notou. Sempre achou gêmeos meio arrepiantes, como se apenas um deles pudesse ser o real. O pai olhou-a, mas fixou o olhar nas pernas compridas e nuas de uma ciclista, enquanto mastigava a comida devagar.

Val seguiu andando lentamente, as pernas doendo, passou por um lago espesso de algas, onde um barco sem piloto flutuava à luz do anoitecer.

Um casal de velhos passeava junto à margem, de braços dados, e um corredor com roupa esportiva os contornava, levava um mp3 balançando contra o bíceps. Gente normal, com problemas normais.

O caminho continuava subindo por um pátio com as paredes esculpidas com frutas e pássaros em alto-relevo. As paredes ainda eram cobertas por trepadeiras tão intrincadas que quase pareciam vivas, de onde floresciam rosas e flores menos comuns.

Ela parou para se recostar numa árvore. As raízes estavam expostas e emaranhadas como o desenho das veias sob a pele, a casca do tronco úmida e escura, coberta por seiva gelada. Val estava andando já fazia algum tempo, mas não havia nenhum castelo à vista. Passaram três meninos com calças bem abaixo da cintura, um deles quicando uma bola de basquete nas costas do amigo.

— Onde fica o castelo do tempo? — ela gritou.

Um dos meninos balançou a cabeça.

— Não existe isso aqui.

— Ela quer dizer o Castelo Belvedere — disse o outro, apontando a cabeça meio enviesada na direção de onde ela viera. — Depois da ponte e atravessando o passeio.

Val assentiu com a cabeça. *Depois da ponte e floresta adentro.* Tudo doía, mas ela continuou andando, antecipando a picada da agulha e o doce alívio que traria. Pensou em Lolli sentada junto ao fogo com a colher na mão e ficou sem ar com a lembrança de que todo o Nunca ficara lá, nos túneis, com a mulher morta — então sentiu ódio de si mesma, por ter sido isso que a preocupara, por ter sido isso que a deixara sem ar.

O passeio era um labirinto de trilhas, que se entrecruzavam e desviavam para becos sem saída e duplicavam-se de volta a si mesmas. Alguns atalhos pareciam intencionais, outros criados por pedestres fartos de tentarem escolher o caminho pelo curso inconstante. Val seguiu se arrastando, esmagando folhas e gravetos, as mãos nos bolsos, agarrou a pele através do fino forro do casaco como se o ato de enterrar os dedos pudesse punir o corpo, para que não doesse.

No abrigo de galhos remendados, dois homens enroscavam-se um no outro, um deles de terno e sobretudo, o outro de calça jeans e jaqueta de brim.

No topo da colina, ficava um castelo cinza, com um pináculo que chegava bem acima da linha das árvores. Parecia ser uma grandiosa e antiga propriedade, que se tornava estranha por situar-se contra as brilhantes luzes da cidade ao entardecer, algo inteiramente deslocado. Quando Val chegou mais perto, viu uma série de criaturas empalhadas logo atrás de uma janela, os olhos pretos a observarem através do vidro.

— Ei — gritou uma voz conhecida.

Val virou-se e viu Ruth encostada num pilar. Antes que pudesse pensar no que dizer, notou Luis debruçado sobre o patamar que dava para um lago e uma quadra de beisebol, dando beijos profundos, molhados e carinhosos em Lolli.

— Eu sabia que você nunca teve a intenção de aparecer — disse Ruth balançando a cabeça, consternada.

— Você disse que entraria no trem mesmo que eu não aparecesse — reagiu Val, tentando demonstrar uma raiva hipócrita, mas as palavras saíram como uma defesa, parecendo pouco convincentes.

Ruth cruzou os braços sobre o peito.

— Como queira.

— Onde está Dave? — perguntou Val, olhando em volta.

O parque ia ficando cada vez mais escuro e ela não o via em nenhum lugar próximo.

Ruth encolheu os ombros e pegou uma xícara que estava próxima a seus pés.

— Ele saiu para pensar ou fazer alguma coisa. Luis foi atrás dele, mas voltou sozinho. Acho que se apavorou. Merda, eu estou apavorada... aquela mulher se transformou num cachorro e agora está morta.

Val não sabia explicar as coisas para que Ruth entendesse, sobretudo porque só ia piorar tudo. Era melhor acreditar que a policial tinha se transformado num cachorro do que pensar que ela mesma havia sido encantada para ver um cachorro.

— Dave não vai gostar nada daquilo.

Apontou Lolli e Luis com um gesto do queixo, ignorando de todo a questão da magia.

Ruth fez uma careta.

— É repugnante. Aqueles fodidos insensíveis.

— Eu não entendo. O tempo todo ela dá em cima dele e Luis escolhe logo agora para entrar na dela?

Val não conseguia entender. Luis era um babaca, mas cuidava muito bem do irmão e realmente gostava dele. Não era do feitio dele deixar Dave vagar em volta do Central Park enquanto ele transava com uma garota.

Ruth franziu o cenho e estendeu a xícara que segurava.

— Os amigos são seus. Aqui, tome um pouco de chá. Está repugnantemente doce, mas ao menos é quente.

Val tomou um gole, deixando o líquido aquecer-lhe a garganta e tentando ignorar como sua mão tremia.

Luis desprende-se de Lolli e lançou-lhe um sorriso enviesado.

— Ei, quando você deu as caras?

— Algum dos dois tem um pouco de Nunca? — desabafou Val.

Achava que não conseguiria suportar a dor por mais tempo. Sentia espasmos até na mandíbula.

Luis fez que não com a cabeça e olhou para Lolli.

— Não — ela disse. — Deixei cair. Você não conseguiu algum com Ravus?

Val inspirou fundo, tentando não entrar em pânico.

— Ele não estava lá.

— Viu Dave no caminho para cá? — perguntou Lolli.

Val balançou a cabeça negativamente.

— Vamos lá para o lugar quente — disse Luis. — Acho que está escuro o bastante para nos manter escondidos.

— Dave sabe como encontrar a gente? — perguntou Ruth.

— Claro — respondeu Luis. — Vai saber onde procurar. Já dormíamos lá antes.

Val rangeu os dentes de frustração, mas seguiu os outros, que pularam o portão por um dos lados do castelo e rastejaram pelas pedras. Um platô suspenso o suficiente por outro pedregulho projetava-se para dar-lhes abrigo. Ela notou que eles já haviam providenciado alguns papelões.

Luis sentou-se e Lolli encostou-se nele, ficando com as pálpebras quase fechadas.

— Vou garimpar alguns materiais melhores amanhã — ele disse, curvando-se para colar a boca na dela.

Ruth pôs um braço em volta da amiga e suspirou.

— Eu não acredito nisso.

— Nem eu — disse Val, porque, de repente, tudo aquilo parecia surreal, aleatório e inacreditável.

Parecia menos possível Ruth dormir numa caixa de papelão no Central Park do que a existência de seres encantados.

Luis deslizou as mãos pela saia de Lolli e Val tomou outro gole do chá que esfriava, ignorando o lampejo de pele, o vislumbre de argolas de aço, tentando não notar os sons molhados e as risadinhas. Quando virou a cabeça, viu a perna das calças largas de Luis mexendo-se para cima e para baixo tão depressa, que as marcas chamuscadas na parte de dentro do joelho eram visíveis, marcas chamuscadas que só podiam vir do Nunca.

Enquanto a respiração de Ruth se nivelava no adormecer, a de Lolli e Luis escalava para uma outra coisa, Val mordida a parte interna do lábio tentando afugentar a dor da abstinência.

Capítulo 10

Eles não amam o veneno, mas a necessidade que sentem pelo veneno.

— William Shakespeare, *A tragédia de Ricardo II*

com o lento transcorrer da noite, Val não melhorou. A trepidação dos músculos sob a pele intensificou-se até ela se levantar e sair furtivamente do lugar quente para poder pelo menos contorcer-se e mudar de posição quando o desconforto fosse mais intenso. Atravessou as pedras e retomou o caminho de volta pelo passeio, dispersando uma rajada de folhas amassadas dos galhos. Tomou outro gole do chá, mas já estava gelado. Crescera pensando no Central Park como um local perigoso, mais ainda que o resto de Nova York, o tipo do lugar onde perversos e assassinos espreitavam atrás de todo arbusto, à espera de algum corredor inocente. Lembrava-se de inúmeras matérias de jornal sobre esfaqueamentos e assaltos. Mas, agora, o parque parecia apenas tranquilo.

Ela pegou uma vara e fez exercícios de arremesso, lançando a ponta da madeira no centro do nó de um espesso olmo, até perceber que tinha intimidado alguns esquilos que talvez morassem ali. Os movimentos fizeram-na sentir-se tonta e levemente nauseada e, quando sacudiu a cabeça, achou que viu luzes movendo-se num atalho próximo.

O vento intensificou-se bem nesse momento e o ar pareceu carregado, como antes de um temporal, mas, quando ela tornou a olhar, não viu nada. Fazendo uma cara feia, agachou-se e esperou para ver se tinha alguém ali.

O vento passou açoitando-a e quase lhe arrancou a mochila do ombro. Dessa vez, Val teve certeza de que ouvira risadas. Virou-se, mas viu apenas as espessas tiras de heras rastejando em uma árvore próxima dali.

A rajada seguinte de vento finalmente a atingiu, derrubou-lhe a xícara da mão, derramando o resto de chá numa poça e rolando a xícara branca na terra molhada.

— Pare com isso! — ela berrou, mas, no silêncio que se seguiu, suas palavras pareceram fúteis, até mesmo perigosas demais para ser gritadas no ar imóvel.

Um assobio a fez virar a cabeça. Ali, num toco, sentava-se uma mulher feita inteiramente de hera.

— Eu sinto cheiro de encanto, fino como de neve em forma de pó. Você é uma de nós?

— Não — Val respondeu. — Não sou um ser encantado.

A mulher inclinou a cabeça num gesto bem leve.

— Espere. Eu preciso... — começou Val, mas não soube como terminar.

Precisava de um pouco do Nunca, mas não fazia a menor idéia se aqueles seres tinham um nome para isso.

— Uma das apaixonadas por doce? Infeliz criatura, você vagou e se desviou para muito longe das delícias. — A mulher de hera passou por ela e dirigiu-se para a ponte. — Eu lhe mostro o caminho.

Embora não soubesse o que ela queria dizer, Val foi atrás da mulher de hera, não apenas porque Lolli e Luis partiam o coração de Dave em algumas pedras próximas e ela não queria ter de ver isso, nem apenas pelo fato de que os olhos mortos da policial pareciam segui-la na escuridão, mas porque a única coisa que parecia importante naquele momento era fazer cessar sua própria dor. E no lugar onde os seres encantados faziam suas festas deveria haver alguma forma de encontrar seu alívio.

A mulher de hera levou-a de volta ao terraço com as paredes esculpidas de pássaros e galhos, a fonte no centro e o lago além. A fada farfalhava nos azulejos, uma coluna em movimento de verdor. A névoa elevava-se ondulante da água, um nevoeiro prateado que tinha pairado no ar por um momento e avançava turvo, denso e rápido demais para ser natural. A pele de Val arrepiava-se, mas ela estava demasiadamente tonta e cheia de dores para fazer mais que recuar, tropeçando quando o nevoeiro chegou até ela como a maré numa praia escura.

O nevoeiro instalou-se ao redor de Val, quente e pesado, transportando um estranho perfume de podridão e doçura. Uma música spectral atravessou o ar — o tilintar de sinos, um gemido, as notas estridentes de uma flauta. Ela caminhava sem firmeza, engolida e ofuscada por ondulações de névoa. Ouviu um coro de risadas por perto e virou-se. O nevoeiro dispersava-se em alguns lugares, deixando-a ver uma nova paisagem.

O terraço continuava ali, mas as trepadeiras haviam brotado da pedra como coisas silvestres encaracoladas, gerando estranhas flores e espinhos compridos e finos como agulhas. Pássaros saíram voando dos ninhos esculpidos para bicar as uvas inchadas que pendiam dos corrimões das

escadas e para brigar com abelhas do tamanho de punhos pelas maçãs de aço que juncavam o quebra-mar.

E também havia fadas e outros seres encantados. Mais do que ela imaginasse que pudessem viver em meio ao ferro e aço da cidade, criaturas com olhos estranhos e orelhas pontiagudas, saias tecidas de urtiga ou filipêndulas, camisetas e túnicas bordadas com rosas e sem absolutamente nada, a pele cintilando sob o luar. Val passou por uma criatura com pernas que pareciam galhos e um rosto esculpido em casca de árvore e um homenzinho que a investigava com um binóculo, com lentes de vidro azul da cor do mar. Passou por um homem com espinhos que corriam ao longo de uma corcunda. Cheirava a sândalo e Val achou que o conhecia. Cada criatura mágica parecia brilhante como chamas saltitantes e furiosas como vento. Os olhos dele ardiam quentes e terríveis ao luar e ela sentiu medo.

E também, ao longo da margem do lago, havia panos tecidos em ouro e repletos com toda forma de gostosuras. Tâmaras, marmelos e caquis arrumados em travessas de folhas rachadas secas, ao lado de garrafas de vinhos safira e oliva. Montes de bolos com nozes assadas empilhavam-se junto a espetos de pombos tenros e xícaras de caldas viscosas. Próximo a eles, numa pilha, estavam as maçãs brancas de Ravus, os corações vermelhos visíveis através da casca de véu, prometendo a Val o repouso da dor.

Ela esqueceu o medo. Agarrou uma e mordeu a polpa quente e doce. A gosma deslizou por sua garganta como um sangrento pedaço de carne. Reprimindo a náusea, mordeu-a muitas vezes, o suco escorrendo-lhe pela mandíbula, a casca da fruta cedendo sob seus dentes afiados. Não era parecido com o Nunca, mas foi suficiente para entorpecer-lhe os membros e fez parar sua tremedeira.

Aliviada, Val afundou junto ao lago e uma criatura de musgo e líquen surgiu por um momento com um peixe estranho a debater-se na boca e depois tornou a mergulhar. Cansada demais para mexer-se e muito aliviada para ser qualquer coisa além de alguém saciado, ela se contentou em observar a multidão. Para sua surpresa, viu que não era a única humana ali. Uma menina, tão jovem que devia estar ainda no ensino fundamental, apoiava a cabeça no colo de uma fada azul de lábios pretos, que entrelaçava minúsculos sininhos e trevos nas marias-chiquinhas da

criança. Um homem de cabelos grisalhos e paletó de *tweed* ajoelhou-se ao lado de uma menina verde com cabelos de musgos que pingavam. Dois rapazes comiam fatias das maçãs brancas na borda de uma faca, lambendo-a para aproveitar todo o suco.

Eram eles os apaixonados por doces? Servos humanos, dispostos a fazer qualquer coisa por uma prova do Nunca, sem sequer saberem o que era espetá-lo no braço nem queimá-lo junto ao nariz. Nunca, disse Val a si mesma. Nunca mais. Nunca. Jamais. Nunca a Terra do Nunca. Não precisava fazer as sombras dançarem. Não precisava continuar escolhendo o caminho errado, regozijando-se porque ao menos escolhia sua ruína. Por mais erradas que fossem suas decisões, não iam manter quaisquer outros problemas à distância.

Outro ser encantado desceu a escada. Tinha alguma coisa errada com sua pele, parecia sarapintada e coberta por bolhas em alguns lugares. Uma das orelhas e parte do pescoço pareciam ter sido toscamente esculpidos em barro. Alguns dos outros recuaram quando ele atravessou o terraço sem pressa.

— Doença do ferro — comentou alguém.

Val virou-se e viu uma das meninas fadas de cabelos cor de mel do parque da Washington Square. Continuava com os pés descalços, embora usasse uma tornozeleira de azevinhos.

Val estremeceu.

— Parece que ele foi queimado.

— Alguns dizem que isso vai acontecer com todos nós se não ficarmos no parque ou voltarmos para o lugar de onde viemos.

— Vocês foram exilados aqui?

A menina fada assentiu com a cabeça.

— Um dos meus amantes também era amante de um Lorde bem favorecido. Ele deu a entender que eu tinha roubado um rolo de pano. Era um tecido mágico, do tipo que mostra nossas histórias, um material precioso. E o castigo do tecelão teria de ser elegante e severo. Minhas irmãs e eu fomos exiladas até podermos provar minha inocência. Mas e você?

Val curvara-se para a frente, imaginando como aquele tecido deveria ser deslumbrante, e foi pega desprevenida pela pergunta da fada.

— Acho que se poderia dizer que me exilei. — Então, olhando em volta, perguntou: — É sempre assim aqui? Todos os exilados vêm aqui todas as noites?

A fada de cabelos cor de mel riu.

— Ah, sim. Se a gente tem que ir a Terra do Ferro, pelo menos pode vir aqui. É quase como estar de volta à corte. E, claro, há os mexericos.

Val sorriu.

— Que tipo de mexerico?

Ela voltou a ter uma parceira. Era automático fazer as perguntas que a companheira queria responder e era um alívio ouvir. As palavras da fada suprimiam seus próprios pensamentos inquietos.

A menina riu.

— Bem, o melhor mexerico é que a Dama Luminosa, a Rainha da Corte Digna, Silarial, está aqui, na Terra do Ferro. Dizem que vai cuidar pessoalmente dos envenenamentos. Parece que Mabry, uma das nossas exiladas, sabe de alguma coisa. Todo mundo soube que as duas tiveram um encontro.

Val enterrou as unhas nas costas da outra mão. Mabry teria acusado Ravus? Pensou nos aposentos abandonados dele, lá dentro da ponte, e fez uma careta.

— Ah, veja — sussurrou a fada. — Aí está ela. Repare como todos hesitam, fingindo que não estão doidos para lhe pedir que confirme os rumores.

Val levantou-se.

— Eu vou perguntar a ela.

Antes que a fada de cabelos cor de mel pudesse protestar ou aplaudir, Val avançou por entre os seres encantados. Mabry usava um vestido longo creme claríssimo, os cabelos verdes e castanhos amontoados na cabeça com um arco feito do interior de uma concha. Pareceu estranhamente familiar, mas não soube localizá-la.

— Bonito arco — Val elogiou.

Mabry retirou-o dos cabelos, deixando as madeixas caírem pelas costas, e deu-lhe um largo e lascivo sorriso.

— Eu a conheço. O servo Ravus gostou muito de você. Fique com essa pequena bugiganga se a agrada. Talvez seus cabelos cresçam dentro dela.

Val correu os dedos pela fria superfície da concha, mas teve certeza de que um presente dado com uma observação tão ferina não merecia qualquer agradecimento. Mabry estendeu um dedo e tocou o lado da boca de Val.

— Vejo que saboreou uma prova do que sua pele tem bebido.

Val sobressaltou-se.

— Como você soube?

— É meu hábito saber coisas — ela respondeu, virando-se para afastar-se antes que Val chegasse a perguntar uma única coisa que queria saber.

Val tentou segui-la, mas uma criatura com longas ervas no lugar do cabelo e a boca cheia de risinhos cruéis interpôs-se.

— Minha linda, deixe-me devorar sua beleza.

— Você só pode estar brincando. — Val tentou empurrá-lo para longe.

— Nem um pouco — ele disse. E, de repente, de uma maneira estranha, Val sentiu o desejo contorcer-se dentro dela. Ficou com o rosto afogueado.

— Posso realizar qualquer um dos seus sonhos.

Uma mão enlaçou-a pela garganta e uma voz profunda e áspera falou baixinho e próximo à sua orelha.

— E então, para que serve seu treinamento agora?

— Ravus? — perguntou Val, embora conhecesse a voz.

O outro ser encantado afastou-se furtivamente, mas Ravus manteve os dedos no pescoço da menina.

— É perigoso aqui. Você devia ser mais cuidadosa. Agora eu gostaria de que pelo menos tentasse lutar e se libertar.

— Você nunca me ensinou... — ela começou, mas se interrompeu em seguida, envergonhada de como sua voz soou lamentosa.

Ele ia ensiná-la então. Afinal, dava-lhe tempo para pensar em quais movimentos seriam possíveis. Não era como se a sufocasse, mas como se lhe desse tempo.

Val relaxou, pressionou as costas no peito dele e espremeu-o. Surpreendido, ele soltou o aperto e ela se libertou. Ele agarrou o braço dela, mas a menina rodopiou e colou a boca na dele.

Ele tinha os lábios ásperos, esfolados. Val sentiu a picada dos dentes caninos no lábio inferior. Ravus emitiu um ruído agudo do fundo da garganta e fechou os olhos, abrindo a boca sob a dela. O cheiro dele — de

pedra fria e úmida — fez-lhe a cabeça rodar. Um beijo deslizou em outro e foi perfeito, exatamente certo, verdadeiro.

Ele recuou bruscamente, virando a cabeça para não vê-la.

— Eficaz — disse.

— Eu achei que talvez você quisesse que eu o beijasse. Às vezes tive a impressão de que via isso.

O coração martelava no peito e as faces a escaldavam. Val ficou satisfeita por parecer calma.

— Eu não queria que você... Eu não queria que você visse isso.

Ela quase riu.

— Você pareceu tão chocado. Nunca ninguém o beijou antes?

Val queria repetir a dose, mas não ousava.

A voz dele saiu fria.

— Em raras ocasiões.

— Você gostou?

— Das outras vezes ou agora?

Ela prendeu o ar e soltou-o com um suspiro.

— As duas coisas. Qualquer uma.

— Gostei — ele respondeu em voz baixa.

Foi então que ela se lembrou de que ele não mentia. Correu a mão pelo seu rosto.

— Retribua meu beijo.

Ravus tomou os dedos dela e apertou-os com tanta força que os machucou.

— Basta — disse. — Seja qual for o jogo que esteja fazendo, acabe já com isso.

Ela puxou a mão do punho dele e ficou bruscamente sóbria, recuando vários passos.

— Me desculpe... Pensei que...

Na verdade, não se lembrava do que tinha pensado, do que fez aquilo parecer uma boa idéia.

— Venha comigo. — Ele não olhou para Val. — Vou levá-la de volta para os túneis.

— Não — ela disse.

Ravus parou.

— Seria insensato ficar aqui, não importa sua...

Ela fez que não com a cabeça.

— Não é isso que eu quero dizer. Alguém descobriu nosso abrigo. Não há mais lugar para onde voltar. — Fazia muito tempo desde que havia alguma coisa para a qual voltar.

Ele abriu a mão, como se tentasse expressar algo inexprimível.

— Nós dois sabemos que eu sou um monstro.

— Você não é...

— Cobrir carne podre com mel a rebaixa. Sei o que eu sou. Que você poderia querer com um monstro?

— Tudo — respondeu Val solenemente. — Lamento ter beijado você... fui egoísta e isso o machucou, mas não pode me pedir para fingir que eu não queria. — Ravus encarou-a cautelosamente, quando ela se aproximou um passo. — Não sou muito boa em explicar coisas. Mas acho que você tem olhos lindos. Adoro o dourado deles. Adoro o fato de serem diferentes dos meus... Vejo os meus o tempo todo e fico cheia deles.

Ele bufou, achando divertido, mas permaneceu imóvel. Val ergueu a mão e tocou-lhe o verde-claro da face.

— Eu gosto de tudo que o torna monstruoso.

Ele entrelaçou os longos dedos pela penugem de pêssago dos cabelos dela, as garras descansando cuidadosamente na sua pele.

— Receio que tudo o que eu toque se estrague.

— Eu não tenho medo de ser estragada — ela disse.

Ravus torceu o canto da boca.

Uma voz feminina varou o ar, aguda como o ressoar de um sino.

— Você mandou buscar Silarial, finalmente.

Val deu meia-volta. Mabry surgiu no pátio, as gavinhas que compunham seu cabelo acolhidas pela brisa. Em toda a volta, as criaturas os olhavam fixamente. Afinal, ali se oferecia uma chance para mexericos.

Ravus continuou com a mão apoiada nas costas de Val e ela sentia a curva das unhas dele na espinha. A voz de Ravus saiu neutra quando se dirigiu a Mabry.

— A misericórdia de Lady Silarial talvez seja terrível, mas tenho pouca escolha além de me entregar a ela. Sei que ela veio conversar com você. Talvez quando a rainha vir como tem sido infeliz e quão útil você pode ser, ela a leve de volta para a Corte.

Mabry curvou a boca num sorriso torto.

— Todos nós devemos nos valer da clemência dela. Mas agora quero fazer uma boa ação para você, em troca da que fez para mim.

Val enfiou a mão no bolso de trás para devolver o arco de Mabry, as pontas espetaram-lhe os dedos quando a retirou. Pérolas envoltas em algas marinhas e minúsculas pombas rodopiantes agarravam-se à crista do arco. Olhando-a, Val de repente viu a sereia, o colar enroscado em fios de pérolas e pássaros de concha, os olhos mortos fitando-a para sempre, os cabelos flutuando na superfície da água.

Com o arco entre os dedos dormentes, ela percebeu que viera de um cadáver.

— Mabry me deu isso — disse.

Ravus olhou-a de relance, não associando claramente qualquer significado ao arco.

— Veio da sereia — explicou. — Ela tirou isso da sereia.

Mabry bufou:

— Então, como é que foi parar na sua mão?

— Você me deu...

Mabry virou-se para Ravus, interrompendo-a, impassível.

— Sabia que ela anda roubando você? Ela raspa a tampa de suas poções como um fantasma do mal bebe a camada de creme de uma garrafa de leite. — A criatura agarrou o braço de Val, puxando a manga para que ele visse as marcas pretas na curva interna do cotovelo, as marcas que pareciam queimaduras de cigarro na carne dela. — E veja o que ela tem feito... recheado as veias com nosso bálsamo. Agora, Ravus, você me diz quem é o envenenador. Vai sofrer pelos erros dela?

Val estendeu a mão para Ravus, que a empurrou.

— O que você anda fazendo? — perguntou, os lábios comprimidos.

— Sim, eu injetei as poções — ela respondeu.

Não tinha mais sentido negar qualquer coisa agora.

— Por que faria isso? — ele perguntou. — Achei que era uma droga inofensiva, apenas uma coisa para impedir que nossa gente sentisse dor.

— O Nunca... nos dá... torna os seres humanos... encantados. — Não era isso, exatamente, mas o rosto dele já dizia: *Você não se importou que eu fosse monstruoso porque também é um monstro.*

— Eu tinha feito um juízo melhor de você — disse. — Eu tinha pensado tudo de você.

— Sinto muito — desculpou-se Val. — Por favor, me deixe explicar.

— *Seres humanos*. — As palavras de Ravus eram repletas de repugnância. — Mentirosos, é o que todos vocês são. Agora eu entendo o ódio de minha mãe.

— Eu posso ter mentido sobre isso, mas não estou mentindo sobre o arco. Não estou mentindo sobre todo o resto.

Ele agarrou o ombro dela, os dedos tão pesados que Val teve a sensação de estar sendo segurada por uma pedra.

— Agora eu sei o que você viu em mim para amar. Poções.

— Não! — Ela reagiu.

Quando ergueu os olhos para o rosto dele, não viu nada ali que lhe parecesse conhecido, nada amável. Ele enfiou o polegar com garra na garganta dela.

— Acho que já era hora de você ter ido embora.

Val hesitou:

— Só me deixe...

— Vá! — ele gritou, empurrando-a para longe e enroscando os dedos num punho tão apertado que as garras cortaram as bases de sua própria mão.

Val tropeçou para trás, a garganta ardendo.

Ravus virou-se para Mabry.

— Diga que se sente vingada. Pelo menos me diga isso.

— De jeito nenhum — Mabry respondeu com um sorriso azedo. — Eu lhe fiz uma boa ação.

Val foi embora, refazendo os passos ao longo do caminho, atravessou a muralha de nevoeiro, a mata e subiu até o castelo, os olhos turvos e o coração doendo. Ali, vendo a trêmula cintilação das luzes da cidade, pensou de repente na mãe. Foi assim que ela se sentiu, depois que Tom e Val foram embora? Teve vontade de voltar e mudar e tudo, mas lhe faltou força?

Arrastando-se pelas pedras, viu a ponta vermelha do cigarro de cravo-da-índia de Ruth antes de ver o resto do acampamento improvisado deles. Ruth levantou-se quando ela se aproximou.

— Achei que você tinha me abandonado de novo.

Val olhou para Lolli e Luis, enroscados juntos. Ele parecia diferente, os olhos rodeados por círculos escuros e a pele pálida.

— Só fui dar uma caminhada.

Ruth deu outra tragada longa, a ponta do cigarro faiscando.

— É, bem, seu amigo Dave também acabou de sair para dar uma caminhada.

Val pensou na reunião dos seres encantados e perguntou-se se Dave também estivera lá, outro apaixonado por doces vagando, tonto, em meio a senhores caprichosos.

Sentou-se, oprimida, e cobriu o rosto com as mãos.

— Eu ferrei tudo. Eu realmente ferrei tudo. De verdade.

— Que quer dizer?

Ruth sentou-se junto dela e passou o braço em volta de seu ombro.

— É muito difícil de explicar. Existem seres encantados, como as criaturas de *Final Fantasy*, só que reais, e eles têm sido envenenados e essa coisa que eu ando tomando... é uma espécie de droga, mas também é uma espécie de magia.

Sentiu lágrimas escorrerem-lhe pelas faces e enxugou-as.

— Sabe — comentou Ruth —, as pessoas não choram quando estão tristes. Todo mundo pensa assim, mas não é verdade. As pessoas choram quando estão frustradas ou são ameaçadas até o limite de suas forças.

O arco da sereia continuava nas mãos de Val, ela percebeu, mas veio segurando-o com tanta força que se despedaçara. Apenas pedacinhos de concha, nada mais. Inútil achar que isso provaria alguma coisa.

— Escute, admito que você pareça meio louca — disse Ruth —, mas e daí? Mesmo que esteja completamente delirante, ainda temos que descobrir seu delírio, certo? Um problema imaginário precisa de uma solução imaginária.

Val deixou a cabeça cair no ombro de Ruth, relaxando de um modo que não relaxava desde antes de ver a mãe e Tom, e talvez até antes disso. Esquecera o quanto adorava conversar com Ruth.

— Tudo bem, então comece do início.

— Quando vim para a cidade, estava simplesmente agindo no piloto automático. Eu tinha os ingressos para o jogo, então fui. Sei que isso parece insano. Mesmo enquanto eu ia, achava que era loucura, como se fosse uma daquelas pessoas que matam o chefe e depois se sentam de novo diante do computador para terminar relatórios. Quando topei com Lolli e Dave, só queria me perder, não ser mais nada, um zero à esquerda. Sei que tudo isso parece errado e burro.

— Muito poético. — Ruth deu um risinho dissimulado. — Bem gótico. Val revirou os olhos, mas sorriu.

— Eles me apresentaram a uns seres encantados e é aí que tudo deixa de fazer sentido.

— Seres encantados? Como elfos, goblins, trolls? Como nos livros de RPG?

— Escuta, eu...

Ruth ergueu a mão.

— Só conferindo. Tudo bem, seres encantados. Estou acompanhando.

— Eles têm problemas com o ferro, por isso tem essa coisa que Lolli chama de Nunca Mais. Ou apenas Nunca, que impede que eles fiquem muito doentes. Os seres humanos podem tomá-la, o que nos deixa com a capacidade de criar ilusões ou fazer as pessoas serem do jeito que a gente quer. Estávamos fazendo entregas disso para Ravus, é ele que faz o Nunca. Nas entregas, tirávamos um pouco para nós.

Ruth assentiu com a cabeça.

— Tudo bem. Então Ravus é um ser encantado?

— Mais ou menos isso. — Val via uma risada nos olhos de Ruth e sentiu-se grata pelo fato de a amiga não a ter deslocado para os lábios. — Alguns deles morreram envenenados e culparam Ravus. Acho que esse arco veio de uma das criaturas mortas. Mabry estava com ele e eu simplesmente não sei o que isso significa. Tudo é tão louco. Dave transformou aquela policial num cachorro de propósito. Mabry disse a Ravus que estávamos roubando a poção dele e agora ele acha que eu tive alguma coisa a ver com as mortes. Não tomo Nunca há dois dias e todo o meu corpo dói.

Era verdade, as dores haviam recomeçado fracas e aumentavam aos poucos, a suspensão temporária do fruto encantado não foi suficiente para impedir que suas veias clamassem por mais.

Ruth apertou os ombros de Val numa espécie de abraço de lado.

— Merda. Tudo bem, que loucura. O que podemos fazer?

— Podemos descobrir o que realmente aconteceu — respondeu Val. — Eu tenho todas essas pistas. Só não sei como se encaixam.

Olhou para os restos do arco e pensou mais uma vez na sereia. Ravus disse que veneno de rato mata os seres encantados, mas veneno de rato é uma substância perigosa e improvável para um envenenador que

pertencesse a seu povo usar, sobretudo um alquimista como Ravus. E por que ele iria querer matar um bando de criaturas inofensivas?

Um ser humano poderia ter feito aquilo. Um mensageiro humano era mais provável, nem um pouco suspeito.

Val lembrou-se da primeira entrega de que participara e da garrafa de Nunca que Dave destampara, quebrando a cera. Mabry não devia ter se preocupado? Com todos os envenenamentos, não seria como tomar uma aspirina com o selo de garantia rompido? A única maneira de alguém poder fazer isso era se já soubesse quem era o envenenador ou se fosse ele mesmo o responsável.

E Mabry já sabia que Val vinha usando o Nunca. Alguém tinha lhe contado.

— Mas por quê? — ela disse em voz alta.

— Por que o quê? — perguntou Ruth.

Val levantou-se e andou de um lado para o outro na pedra.

— Estou pensando. Qual o motivo dos envenenamentos? Meter Ravus em apuros!

— E daí? — perguntou Ruth.

— Então Mabry quer se vingar dele. Claro! Vingança pela morte do amor dela. Vingança pelo seu exílio.

Mabry então. Ela é um cúmplice humano. Dave era o óbvio, já que jamais se deu ao trabalho de disfarçar que estava surrupiando o Nunca de Mabry, mas que motivo ele tinha para matar seres encantados?

Poderia ter sido Luis. Ele odiava as criaturas pelo que haviam feito no seu olho. Usava todo aquele metal para se proteger. E vinha usando o Nunca, como provavam as marcas embaixo de seu joelho, embora negasse isso. Mas para quê, se não via o encanto? E por que não se importava com o desaparecimento de Dave? Por que escolheu se enganar com Lolli justo agora, se ela o desejava há mais tempo do que Val a conhecia? Ele parecia despreocupado demais. Era como se soubesse onde estava o irmão.

Ela parou diante desse pensamento.

— Já sei o que temos a fazer — disse. — Temos de ir à casa de Mabry enquanto ela continua na reunião para encontrar provas de que ela está por trás dos envenenamentos. — Uma prova que convencesse Ravus de que ela era inocente e uma prova que convencesse os outros de que ele não era, de

modo algum, o envenenador. Uma prova que o salvaria, fazendo com que lhe perdoasse.

— Tudo bem. — Ruth pendurou a mochila no ombro. — Vamos ajudar seus amigos imaginários.

Capítulo 11

*Bata num vidro, que ele não durará um instante;
simplesmente não bata, e durará mil anos.*

— G. K. Chesterton, *Orthodoxy*

As duas amigas seguiram para o Riverside Park nas frias horas antes do amanhecer. O céu estava azul-escuro e as ruas silenciosas. O coração de Val batia com a rapidez com que bate o de um coelho, a adrenalina e a câibra muscular impediam-na de notar o ar gelado ou a hora tardia. Ruth tremia de frio e apertava o casaco de pelúcia mais para junto do corpo quando soprava o vento que se elevava da água. Tinha riscos de maquiagem nas faces manchadas por lágrimas e as mãos descuidadas, mas, quando sorriu para Val, parecia a mesma e confiante Ruth de sempre.

O parque em si estava quase vazio, com um pequeno grupo de pessoas aconchegadas junto a uma das paredes, uma delas fumava o que parecia ser um baseado. Val olhou a fileira de prédios de apartamentos do outro lado, mas nenhum deles parecia muito reto. Escolheu a fonte entupida onde ficara dias antes, mas quando olhou para o outro lado da rua, a porta defronte dela não era da mesma cor e havia uma grade de metal nas janelas.

— Então? — perguntou Ruth.

Val deslocou o peso de uma perna para a outra.

— Não tenho certeza.

— Que vamos fazer se você a encontrar?

Erguendo os olhos, Val notou uma gárgula num lugar ligeiramente diferente de onde se lembrava, mas o monstro de pedra bastou para convencê-la de que a casa tinha que ser a de Mabry. Talvez sua memória estivesse apenas avariada.

— Vigie. — Val começou a atravessar a rua.

O coração martelava-lhe o peito. Não tinha a menor idéia de em que ia meter as duas.

Ruth correu atrás da amiga.

— Maravilha. Vigiar. Sou uma vigia. Outra coisa para pôr na minha proposta de inscrição na faculdade. E se eu vir alguém?

Val olhou para trás.

— Na verdade, não sei.

Examinando o prédio por um longo momento, agarrou-se a um dos aros da calha no cano vertical de escoamento da água da chuva, que vinha desde o telhado, e içou-se até o muro. Era como trepar numa árvore, como subir por uma corda na aula de educação física.

— O que você está fazendo? — gritou Ruth com a voz trêmula.

— Para que você achou que eu precisava de uma vigia? Agora feche a matraca.

Val trepou mais alto, impulsionando-se com os pés nos tijolos do prédio e enfiando os dedos nos aros de metal, enquanto a calha grunhia e ficava com mossas sob a pressão do seu peso. Quando estendeu a mão para o parapeito de uma janela, descobriu-a na boca de uma gárgula, cuja cara parecia um cruzamento entre uma galinha e um terrier. A estátua tinha a cabeça inclinada para um lado e os olhos arregalados de surpresa ou excitação. Val retirou os dedos momentos antes que os dentes de pedra se fechassem com um estalo. Desequilibrando-se, esperneou no ar por um momento, todo o seu peso apoiado na calha e numa das mãos. O alumínio curvou-se e soltou-se dos suportes.

Val comprimiu os pés na alvenaria com força e impulsionou-se, saltando e subindo para agarrar-se à borda. Ouviu um grito agudo vindo de baixo quando se agarrou ao parapeito de uma janela. Ruth. Por um momento, apenas se segurou ali, temendo se mexer. Então, impulsionou-se para a frente pela cornija e empurrou uma janela, que emperrou e, por um momento, Val temeu que estivesse trancada ou grudada pela tinta, mas empurrou com mais força e a porta cedeu. Descendo pelas cortinas emboladas, viu-se no quarto de dormir de Mabry. O piso era de mármore cintilante e a cama tinha um dossel curvo de galhos de salgueiro, cheio de sedas e cetins amassados. Um dos lados da cama estava limpo, mas o outro se encontrava coberto de terra e amoras.

Val saiu no corredor. Uma série de portas abria-se para quartos vazios e para uma escadaria de madeira escura. Desceu-a e chegou à sala de estar, ouvindo apenas o rangido das tábuas do assoalho e o respingo da fonte.

A sala de estar era como lembrava, mas a mobília parecia arrumada numa disposição diferente e tinha uma das entradas maior. Val saiu do apartamento e tomou o corredor principal do prédio, com cuidado para manter a porta do apartamento de Mabry aberta. Deu uma pancadinha na

fechadura da porta da frente do prédio e abriu-a. Ruth olhou-a boquiaberta. Por um momento, ficou na calçada, depois correu para dentro.

— Você pirou de vez — disse. — Acabamos de invadir um apartamento de luxo.

— Está protegido por encanto — disse Val. — Tem de estar.

Pela primeira vez, examinou as duas portas que julgara darem para outros apartamentos. Uma ficava em frente ao de Mabry, a outra no fim do corredor. Em vista do tamanho dos aposentos e da escadaria do apartamento de Mabry e das dimensões do prédio visto da rua, não parecia possível que as portas levassem a algum lugar. Ela balançou a cabeça para clarear a mente. Não tinha importância. O importante era encontrar alguma prova para incriminar Mabry, alguma coisa que provasse que ela envenenara outros seres encantados, provar isso não apenas para Ravus, mas para Greyan e para qualquer outro que achasse que o troll estava por trás das mortes.

— Pelo menos é quente aqui. — Ruth entrou no apartamento e virou-se no cintilante piso de mármore. A voz ecoou nos aposentos quase vazios. — Se tivermos de ser presas por arrombamento, vou ver o que tem para roubar na geladeira.

— Estamos tentando encontrar prova de que ela é uma envenenadora. Só pense bem antes de começar a pôr coisas na boca.

Ruth deu de ombros e passou por ela.

Uma cristaleira ficava num canto da sala de estar. Val observou pelo vidro o que havia exposto ali dentro. Um pedaço de casca de árvore, entrelaçado com cabelo carmesim; uma estatueta de bailarina, os braços nos quadris e os sapatos vermelhos como rosas; o gargalo quebrado de uma garrafa e uma flor castanha desbotada. Ela achou que se lembrava de tesouros estranhos diferentes da visita anterior.

Isso fez com que Val ficasse consciente de como sua tarefa era impossível. Como perceberia a prova, mesmo que a visse? Ravus poderia reconhecer esses objetos, saber para que serviam e talvez até parte de sua história, mas ela não conseguia deduzir nada deles. Era difícil imaginar Mabry como uma criatura sentimental, mas talvez houvesse sido em outra época, antes da morte de Tamson torná-la odiosa.

— Ei — disse Ruth do aposento seguinte —, veja isso.

Val seguiu a voz da amiga e chegou até a sala de música. Ruth estava ao lado da harpa de colo, sentada num divã forrado com um estranho couro rosado. O corpo do instrumento parecia ser de madeira dourada, esculpida com arabescos de acanto, e cada corda era de um matiz diferente. A maioria era marrom, dourada ou preta, mas algumas eram vermelhas e havia uma verde-folha. Ruth ajoelhou-se ao lado da harpa.

— Não... — disse Val, mas Ruth roçou os dedos numa corda marrom.

Imediatamente, um gemido inundou a sala.

— Muito tempo atrás, eu era uma das damas de companhia da rainha Nicnevin — entoou uma voz lacrimosa com um sotaque forte e estranho. — Era sua favorita, a confidente, e me divertia em atormentar as outras. Nicnevin tinha um brinquedo particular, um cavaleiro da Corte Digna, do qual gostava muito. As lágrimas de ódio dele davam-lhe mais prazer que os gritos de amor de outro. Fui intimada à presença da Rainha... ela queria saber se eu andava fazendo intrigas com ele. Não, não fazia. Então ela ergueu um par de luvas dele e pediu que eu olhasse o bordado ao longo dos punhos. Era um desenho caprichado, bordado com fios de meus próprios cabelos. Havia mais supostas provas: visões de nós dois juntos, um bilhete na letra dele jurando devoção, mas nenhuma delas era verdadeira. Joguei-me a seus pés, implorando misericórdia a Nicnevin, louca de medo. Quando me levaram para a morte, vi uma das outras damas, Mabryn, sorridente, os olhos brilhantes como agulhas, os dedos estendidos para arrancar um único fio de cabelo da minha cabeça. Agora preciso contar minha história para todo o sempre.

— Nicnevin? — perguntou Ruth. — Quem será?

— Acho que é a antiga Rainha Indigna — explicou Val. Arrastou os dedos por várias cordas de uma só vez. Uma cacofonia de vozes elevou-se, cada uma contando sua história amarga e mencionando Mabry. — São todas de cabelo. O cabelo das vítimas de Mabry.

— Isso é uma assombração das boas — Ruth observou.

— Cala a boca! — disse Val.

Uma das vozes parecia conhecida, mas ela não soube exatamente localizar onde a ouvira antes. Puxou uma corda dourada.

— Outrora eu era um cortesão a serviço da rainha Silarial — começou uma voz masculina. — Vivia para os esportes e para os enigmas. Duelava e dançava. Então, me apaixonei e tudo isso deixou de ter importância. Minha única alegria estava em Mabry. Só desejava algo se isso lhe desse

prazer. Cobria-a de alegria. Então, numa tarde de ócio, quando colhíamos flores para tecê-las em guirlandas, vi que ela se afastara. Segui-a e ouvi-a falando com uma criatura da Corte Indigna. Pareciam muito amigos e ela baixou a voz quando lhe contou a informação que obtivera para a Rainha Indigna. Eu devia ter ficado furioso, mas senti muito medo por ela. Se Silarial descobrisse, as consequências teriam sido terríveis. Eu disse a Mabry que não contaria a ninguém, mas que ela devia partir imediatamente. Ela me disse que ia partir e chorou amargamente por ter me enganado. Dois dias depois, eu devia participar de um duelo com um amigo num torneio. Quando vesti a armadura, ela pareceu estranha, mais leve, mas não dei a menor importância. Mabry me disse que costurara seu próprio cabelo à armadura como lembrança. Quando meu amigo a atingiu, a armadura se desfez e a espada me varou. Senti a seda do cabelo dela no rosto e soube que havia sido traído. Agora preciso contar minha história para todo o sempre.

Val desabou no divã, fitando a harpa. Mabry era uma espiã da Corte Indigna. Ela própria matara Tamson. Ravus fora apenas seu instrumento.

— Quem era esse? — perguntou Ruth. — Você o conhecia?

Val fez que não com a cabeça.

— Mas Ravus, sim. Foi ele quem brandiu a espada nessa história.

Ruth mordeu o lábio inferior.

— Que coisa mais complicada. Como vamos descobrir alguma coisa?

— Já descobrimos alguma coisa. — Val se levantou e entrou no cômodo seguinte.

Era a cozinha. Não tinha fogão, nem geladeira, apenas uma pia numa longa extensão de ardósia polida. Val abriu um dos armários, mas ele continha apenas frascos vazios.

Pensou na forma encantada de Ravus, os olhos dourados, a falha no disfarce. Emanava alguma coisa inquietante daqueles aposentos perfeitos, sem poeira e nem sequer um fio de cabelo solto ou alguma sujeira, ecoando apenas com passos e com respingos d'água. Mas se aquele lugar havia sido encantado, ela não tinha a menor idéia do que estava sob o encanto.

Ruth entrou na cozinha e Val notou o pó branco que chuviscava de sua mochila.

— Que é isso? — perguntou.

— O quê? — Ruth olhou para o piso atrás de si e retirou a mochila, rindo. — Parece que cortei a lona e fiz um buraco no nosso bebê.

— Merda. Isso é pior que uma trilha de migalhas de pão. Mabry vai saber que estivemos aqui.

Ruth agachou-se e começou a varrer o pó com as duas mãos. Em vez de formar um montinho, o pó jorrava em nuvens brancas. Quando Val olhou para a farinha, teve uma idéia:

— Espere. Escute, acho que talvez eu tenha cometido infanticídio.

Ruth encolheu os ombros e retirou o saco de farinha.

— Acho que sempre poderemos ter outro.

Val rasgou a embalagem de papel e começou a pulverizar a farinha no chão.

— Deve haver alguma coisa aqui que não podemos ver.

Ruth pegou um punhado de pó branco e lançou-o na porta. Val lançou outro. Logo o ar ficou espesso graças à farinha, que já cobria o cabelo das meninas e, quando elas respiravam, o pó grudava-se em suas línguas.

A farinha instalou-se sobre todo o apartamento, mostrando o lago de peixes como um cano quebrado, esguichando água em baldes e formando poças no chão, o revestimento despedaçado do teto, os azulejos rachados nas paredes e caminhos de fezes de rato no chão.

— Veja.

Ruth encaminhou-se para uma das paredes. O pó a tornando fantasmagórica. A farinha grudou-se em quase toda a parede, mas deixou uma grande área descoberta.

Val atirou mais pó nessa lacuna, mas, em vez de atingir a parede, parecia atravessar o espaço.

— Conseguimos. — Deu um sorriso e ergueu o punho. — Super-gêmeos, ativar!

Ruth retribuiu o sorriso, batendo o punho de Val.

— Forma de duas lunáticas fodidas.

— É você quem diz — disse Val e, abaixada, atravessou a abertura.

Ali, num quarto sombrio com cortinas de veludo, estava Luis. Embora estivesse deitado num tapete estampado de romãs e envolto numa manta de lã, tremia de frio. Tinha sangue no couro cabeludo e várias de suas tranças haviam sido cortadas.

A princípio, Val apenas olhou-o, boquiaberta.

— Luis? — acabou conseguindo dizer.

Ele ergueu os olhos, franzindo-os, como se olhasse para uma luz brilhante.

— Val? — Ele arrastou-se para poder sentar. — Onde está Dave? Está tudo bem com ele?

— Não sei — ela respondeu, distraída. A mente disparava como um raio. — O que você está fazendo aqui?

— Não vê que estou acorrentado? — Virou os pulsos e Val viu as tranças dele amarradas e presas bem apertadas.

— Você está preso no chão? — perguntou idiotamente Val. — Mas e o tapete?

Luis riu.

— Imagino que este lugar deva parecer lindo aos seus olhos.

Val olhou os sofás baixos, as estantes de livros transbordando de volumes de histórias de fadas encapados com tecido, a grandeza desbotada do tapete e as molduras pintadas nas paredes.

— É um dos mais magníficos quartos em que já entrei.

— As paredes de gesso são rachadas, tem um vazamento no telhado, o que significa que cada canto está preto de mofo. Também não tem mobília aqui e com certeza nenhum tapete, apenas ripas de madeira com alguns pregos velhos despontando.

Val olhou a luz suave ao redor, que vinha de uma luminária de estanho com uma cúpula franjada.

— Então o que estou vendo?

— Encanto, que mais?

Ruth enfiou a cabeça no quarto.

— Quem está... Luis?

— Espere aí. Como podemos ter certeza de que você é realmente Luis? — perguntou Val.

— Quem mais seria?

Ruth entrou quase toda, com o pé ainda na abertura encantada, como se achasse que a porta poderia se fechar a qualquer momento sem uma cunha.

— Acabamos de deixá-lo no parque e você estava dormindo.

Luis deixou cair a cabeça para trás.

— É, bem, a última vez que vi Ruth, eu estava com Lolli e Dave no parque. Tínhamos escolhido um lugar para dormir perto do Castelo do

Tempo. Lolli cochilava encostada em mim, quando Dave simplesmente se levantou e foi embora. Eu sabia que ele estava transtornado. Merda, eu também estava apavorado. Achei que talvez ele quisesse ficar sozinho. Mas, como passou um certo tempo e ele não voltou, fiquei sem saber o que pensar. Por isso, saí à procura dele. Finalmente, vi Dave voltando pelo passeio e ele também não estava sozinho. A princípio achei que fosse algum cara que eu não conhecia, batendo nele, mas depois vi que a figura tinha penas no lugar do cabelo. Fui correndo na direção deles e foi quando dedos finos cobriram a minha boca e o meu olho bom, agarraram meus braços e minhas pernas. Ouvi-os rindo baixinho, quando me ergueram no ar e meu irmão dizia: “Não tenha medo. É só por algum tempo.” Eu não soube o que pensar. Com certeza, não achei que ia acabar aqui.

— Você viu Mabry? — perguntou Val. — Ela te disse alguma coisa?

— Não vi muito bem. Ela estava desesperada com alguma coisa que tinha acontecido. Alguém a visitou e ela ficou fula da vida.

— Eu preciso lhe contar uma coisa — disse Val.

Luis se calou, a boca comprimida numa linha fina.

— O quê? — perguntou, a voz tão baixa que fez o coração dela doer.

— Nós estávamos achando que o Dave tinha desaparecido. Ele sumiu.

Alguém está fingindo ser você.

— Então vocês vieram aqui à procura do Dave?

— Viemos à procura de provas. Acho que Mabry está por trás das mortes dos seres encantados.

Luis fez uma cara feia.

— Espere, então onde está meu irmão? Ele se meteu em apuros?

Val abanou a cabeça.

— Acho que não. Quem quer que esteja fingindo ser você parece passar o tempo todo trepando com Lolli. Não acho que isso esteja exatamente na ordem do dia sobrenatural, mas decididamente está nos planos de Dave.

Luis estremeceu, mas não disse nada.

— Devíamos nos apressar. — Ruth afagou a cabeça de Val e entrelaçando os dedos pelos fios curtos e espetados. — Só porque essa puta não pode amarrar você com seus próprios cabelos não significa que devemos ficar aqui.

— Certo.

Val curvou-se sobre Luis, olhando as tranças que o prendiam ao chão.

Tentou arreventá-las ou soltá-las, mas eram tão rígidas como se fossem feitas de aço.

— Mabry cortou-as com tesoura — disse Luis. — E também esfolou meu couro cabeludo.

— Acha que uma tesoura cortaria as tranças? — perguntou Ruth.

Val assentiu com a cabeça.

— Ela precisa ter um modo de desfazer seus próprios feitiços. O que poderia ser?

— Eu não sei — respondeu Luis. — Talvez isso nem se pareça com uma tesoura.

Val levantou-se e foi para a sala de estar, parando na fonte onde a farinha se dissolvera, depois foi até a cristaleira.

— Vê alguma coisa? — perguntou Val.

Ruth retirou uma gaveta e esvaziou o conteúdo no chão.

— Nada.

Val examinou a cristaleira, notando mais uma vez a bailarina, as curvas que seus braços faziam e a cor de sangue dos sapatos. Pegando a boneca, levantou-a, enfiando os dedos pelas aberturas do braço, e empurrou-as. As pernas da estatueta fecharam-se e abriram-se, iguais a uma tesoura.

— Pegue a harpa — disse Val. — Vou pegar Luis.

Ainda não tinha amanhecido totalmente quando tomaram o caminho de volta pelo passeio, atravessaram as trilhas ramificadas até onde haviam deixado Lolli e o que parecia ser Luis. As cordas da harpa chiavam enquanto elas se deslocavam, mas Ruth abafou-as, segurando o instrumento bem junto do peito. Quando Val, Ruth e Luis se aproximaram, viram que o outro Luis estava acordado.

A voz de Lolli saiu alta e trêmula.

— Faz tanto frio e você está ardendo de febre.

O falso Luis olhou-os. Tinha olheiras profundas e a boca arroxeadada. A pele, branca como papel, estava toda coberta pelo brilho de suor que a fazia parecer de plástico. Com dedos trêmulos, ele levou um cigarro aos lábios. A fumaça não deixou seu corpo.

— Dave — disse o verdadeiro Luis, a voz normal, calma, exatamente como a de Val depois que vira a mãe com Tom. A inflexão era tão cheia de emoção que soava como sem emoção alguma.

Lolli olhou para Luis e depois para o clone.

— O que... que está acontecendo?

— Você não saberia distinguir um do outro, saberia? — disse-lhe o Luis disfarçado.

Seu rosto alterava-se, as feições mudando sutilmente e tornando-se as de Dave.

A boca e os olhos enegrecidos permaneceram, assim como o brilho de suor na pele.

Lolli arquejou.

Ele ria como um maníaco, a voz rascante.

— Você não poderia sequer distinguir um do outro, mas jamais me daria uma chance.

— Seu merda filho-da-puta.

Lolli deu um tapa no rosto de Dave. Atingiu-o mais uma vez, os golpes chovendo contra as mãos que ele ergueu para repeli-la.

Luis agarrou os braços dela, mas Dave riu de novo.

— Acha que me conhece? Sou Dave Mal Acabado? O Dave Covarde? O Dave Idiota? Dave Que Precisa Da Proteção Do Irmão? Eu não preciso de nada. — Ele encarou Luis. — Você é tão inteligente, não é? Tão inteligente que não viu nada disso acontecer. Quem é o imbecil, hein? Tem alguma porra de uma palavra extravagante à altura de sua idiotice?

— Que foi que você fez? — perguntou Luis.

— Fez um trato com Mabry — concluiu Val. — Não fez?

Dave sorriu, mas parecia um riso forçado, a pele da boca muito contraída. Quando falou, Val viu apenas um negrume além dos dentes, como se olhasse para um túnel escuro.

— E, eu fiz um acordo. Não preciso da Visão para saber quando tenho alguma coisa que alguém quer. — Dave enxugou a testa, com os olhos ficando cada vez mais arregalados. — Eu queria...

Ele desabou, com o corpo tremendo. Luis ajoelhou-se ao lado do irmão e estendeu a mão para retirar os *dreads* de seu rosto, depois puxou-a bruscamente.

— Ele está quente demais. É como se o rosto dele ardesse em chamas.

— O Nunca — disse Val. — Ele tem usado Nunca muito mais que uma vez por dia. Precisava tomar o tempo todo para manter essa forma.

— No cinema, colocam as pessoas com febres loucas numa banheira com gelo — disse Ruth.

— Como quando detectam drogas do Reino Encantado no sangue das pessoas? — retrucou Lolli, agressiva.

— Agarre-o — disse Val. — O lago deve estar frio o suficiente.

Luis deslizou as mãos sob os ombros do irmão.

— Tome cuidado. O corpo está realmente quente.

— Tome minhas luvas.

Ruth retirou um par do bolso do casaco e entregou-o a Val.

Pondo-as rápido, Val segurou os tornozelos de Dave. Tocar a pele dele era como pegar a alça de uma panela de água fervente. Ergueu-o. Ele era tão leve que parecia oco.

Juntos, ela e Luis desceram os degraus correndo e tomaram as trilhas do passeio até a beira d'água. O calor do corpo de Dave chamuscava-lhe a pele através das luvas e ele se contorcia e debatia como se lutasse contra uma força invisível. Val rangia os dentes e segurava firme.

Luis patinhou para a água e Val seguiu-o, o frio gelado nas batatas das pernas formava um terrível contraste com a queimadura das mãos.

— Muito bem, abaixe — ordenou Luis.

Baixaram Dave na água, o corpo fumegando ao tocar o lago. Val soltou-o e saiu de volta para a margem, mas Luis continuou segurando-o, mantendo a cabeça do irmão acima da água, como um pastor realizando um terrível batismo.

— Está ajudando? — gritou Ruth.

Luis assentiu com a cabeça, esfregando o rosto flutuante do irmão. Val viu que as mãos tinham um forte tom de cor-de-rosa, mas se era queimadura ou apenas frio, não teve certeza.

— Melhor, mas temos de levá-lo para um hospital.

Lolli entrou no lago e examinou Dave.

— Seu idiota fodido! Como pôde ser tão burro? — De repente, Lolli pareceu perdida. — Por que foi fazer isso comigo?

— Não pode se sentir responsável. — Val tentou acalmá-la. — Se eu fosse você, acho que ia querer matá-lo.

— Não sei o que sentir — confessou Lolli.

— Val — disse Luis —, precisamos pedir ajuda a Ravus.

— Ravus? — quis saber Ruth.

— Ele já salvou a vida de Dave antes — lembrou Luis.

Val pensou no rosto de Ravus, bem perto, os olhos sombrios de fúria. Pensou em tudo que sabia sobre Mabry e nas coisas que mal acabara de deduzir sobre a moeda que Mabry havia utilizado para pagar pela ajuda de Dave.

— Não sei se ele vai querer fazer isso agora.

— Eu levo Dave para o hospital — ofereceu-se Lolli.

— Vá com ela, ok? — pediu Val a Ruth. — Por favor.

— Eu? — Ruth parecia não acreditar naquele pedido. — Eu nem conheço esse cara.

Val curvou-se mais para perto dela.

— Mas eu conheço você.

Ruth revirou os olhos.

— Tudo bem. Mas vai ficar me devendo uma. Você me deve, digamos, um mês de servidão cega.

— Eu lhe devo um ano de servidão cega. — Val patinhou até a água para ajudar Luis a erguer mais uma vez o corpo do irmão.

Devagar, foram andando até a rua. O primeiro táxi que chamaram parou e então, vendo o corpo de Dave, arrancou antes que Lolli pudesse segurar a maçaneta da porta. O seguinte parou, parecendo indiferente quando as duas meninas entraram e Luis estendeu o irmão, que não parava de se contorcer no colo delas.

— Tome. — Ruth entregou a harpa para Luis.

— Vamos cuidar dele — disse Lolli.

— Vou para lá assim que puder.

Luis hesitou ao fechar a porta.

O táxi começou a afastar-se e Val viu o pálido rosto de Ruth fitando-a da janela de trás, articulando com os lábios alguma coisa sem som que ela não conseguiu entender, enquanto o carro se afastava cada vez mais.

Capítulo 12

*E os doces lábios dela nos lábios meus
Ardiam como o fogo rubi em chamas
Na oscilante lâmpada de um santuário carmesim
Ou as feridas que sangravam da romã,
Ou o coração do loto encharcado e molhado
Com o sangue do vinho tinto rosa derramado.
— Oscar Wilde, In the gold room: a harmony*

Uma carruagem puxada a cavalo parou sob o arco da viga da ponte. Era uma longa distância do parque ou de qualquer outro lugar em que se esperava encontrar um veículo como aquele e o cavalo pardo parecia agitado na fraca luz do amanhecer. Estava sem condutor.

— Acha que alguém pegou uma carona para ir ao supermercado? — perguntou Val.

— Isso não é cavalo coisa nenhuma. — Luis afastou Val para longe dali com os olhos injetados, os lábios rachados de frio. — Alegre-se por não ver o que realmente é.

Parecia qualquer outro cavalo urbano, com o lombo grande e frouxo e cascos gordos. Val franziu os olhos para o animal até a imagem ficar borrada, mas continuou sem saber o que Luis via e decidiu não perguntar.

— Venha.

Colando-se na parede oposta, ela rastejou sob o viaduto, com Luis logo atrás. Bateu no toco, mas quando deslizaram pela entrada, Val ouviu alguém descer a escada da ponte com passos estrondosos.

Era tarde demais para fazerem alguma coisa além de olharem boquiabertos para Greyan. Ele tinha as mãos cobertas de sangue, sangue que pingava das pontas dos dedos e coagulava-se nos degraus empoeirados, brilhante demais para parecer real. Segurava duas facas de bronze juntas numa das mãos, que também brilhavam com sangue coagulado.

— Está feito — disse o ogro. Parecia cansado. — Esses serezinhos humanos, deixe-me ensiná-la a não se intrometer mais nas atividades dos seres encantados.

— Onde está Ravus? — quis saber Val. — O que aconteceu?

— Vai lutar contra mim de novo, mortal? Sua lealdade é louvável, embora fora de lugar. Poupe sua coragem para um inimigo mais

merecedor. — Greyan passou por ela empurrando-a e desceu os degraus restantes. — Não posso me dar ao luxo de lidar com mais mortes hoje.

Tudo se estreitou naquele momento, naquela palavra. Mortes. *Claro que não*, disse Val a si mesma, tocando a parede de pedra fria em busca de apoio. Por um momento, achou que não ia conseguir subir o resto da escada. Não suportaria.

Luis subiu os degraus devagar, até o patamar, e depois voltou. Levou o dedo aos lábios.

— Ela está lá.

Val pôs-se a subir, rápido demais, e ele segurou-a pelo braço.

— Nada de barulho — sibilou.

Val assentiu com a cabeça, não ousando perguntar sobre Ravus. Juntos, subiram degrau por degrau, cada pisada provocando uma pequena baforada de poeira, o rangido da estrutura de ferro, o chiado das cordas da harpa, coisas que ela esperava que fossem abafadas pelo estrondo constante do tráfego acima. Quando se aproximaram do patamar, ouviu a voz de Mabry, cheia de ansiedade.

— Onde você o guarda? Sei que há veneno aqui em algum lugar. Diga logo, faça-me um último serviço.

Val esperou ouvir a resposta de Ravus, mas ele não falou.

Luis parecia sinistro.

— Você era tão ansioso por agradar — continuou Mabry, ressentida.

Alguma coisa caiu dentro do aposento e Val achou que ouvira o som agudo de vidro despedaçando.

Ela avançou de mansinho, rompendo a divisória de plástico. A escrivaninha de Ravus fora virada, os livros e papéis espalhavam-se pelo aposento. A poltrona, cortada nitidamente no meio do encosto, vazava plumas e espuma. Algumas velas tremeluziam do chão, rodeadas de caminhos de cera. Havia profundos cortes abertos na pedra das paredes. Ravus jazia de costas, uma das mãos sobre o peito, com sangue despontando entre os dedos. Listas escuras, molhadas, tingiam o piso, como se ele tivesse se arrastado por ali. Mabry, curvada sobre um armário, remexia o conteúdo com uma das mãos, a outra segurava um prato contendo os restos vermelhos de alguma coisa.

Val rastejou mais para perto, alheia aos beliscões de advertência que Luis lhe dava, o medo entorpecendo tudo que estava ao seu redor, menos a

visão do corpo de Ravus.

— Sabe quanto tempo esperei para ver você morrer? — perguntou Mabry, a voz quase frenética agora. — Finalmente ficarei livre do exílio. Livre para retornar à Corte Luminosa e ao meu trabalho. Mas, agora, todo o prazer que imaginei sentir com sua morte me é roubado.

“Tinha de aparecer alguém responsável pelo assassinato de todas aquelas criaturas, portanto, você pelo menos serviu para alguma coisa. Ninguém gosta de pontas soltas.” Mabry escolheu um frasco do armário e inspirou fundo. “Isso servirá... minha nova Dama está impaciente e quer tudo resolvido antes de meados do inverno. Não é irônico que, depois de todo esse tempo, depois de toda a sua lealdade, seja eu a escolhida para ser a agente dela na Corte Indigna? Eu não teria imaginado que a Rainha da Corte Luminosa iria querer uma agente dupla para ela. Talvez eu passe a gostar de trabalhar para Silarial. Afinal, ela provou ser uma ama tão implacável quanto minha própria querida Dama.”

Val abriu a divisória de plástico e esgueirou-se para o aposento. Ravus tinha a cabeça voltada para a parede de onde pendia a espada de Tamson, os olhos dourados opacos e desfocados. Com a mão, escondia uma profunda cavidade no peito, como se implorasse por alguma coisa no momento da morte. O aposento tinha um cheiro forte de uma estranha e pesada doçura que causou náuseas em Val.

Entrego meu coração e espero a morte.

Val tremia quando se levantou, não mais se importando com Mabry, política, planos, nem com qualquer coisa a não ser com Ravus.

Não conseguia desviar o olhar do sangue que manchava os cantos dos lábios e tingiam os dentes dele. Na pele pálida demais, o verde era a única cor que restava.

Mabry deu meia-volta, o prato em suas mãos continha, claramente, o pedaço de carne que faltava no peito de Ravus. O coração. Val sentiu uma tonteira que ameaçou dominá-la. Tinha vontade de gritar, mas a garganta se fechou com as palavras de Mabry.

— Luis — ela disse —, seu irmão vai lamentar saber que se cansou tão rápido da minha hospitalidade.

Val deu meia-volta. Luis estava parado atrás dela, um músculo na mandíbula do garoto tremia.

— É minha harpa. — Desprendia-se da voz dela um certo prazer provocativo, que conflitava com o ambiente em volta, com as mobílias quebradas e o sangue. — Ravus, veja o que seus empregados trouxeram. Um pouco de música.

— Por que não pára de falar com ele? — gritou Val. — Não vê que ele está morto?

Ao som da voz dela, Ravus virou ligeiramente a cabeça.

— Val? — grunhiu.

Ela deu um salto, recuando para longe do corpo dele. Não era possível que Ravus estivesse falando. A esperança guerreava contra o horror e ela sentiu um bolo avolumar-se na garganta.

— Ande, Luis — disse Mabry. — Toque. Tenho certeza de que ele descansaria com mais facilidade sabendo da história.

Luis dedilhou uma corda e a voz de Tamson ecoou pelo aposento, contando sua história. Assim que Tamson disse a palavra “traído”, a espada de vidro caiu da parede, quebrando-se por dentro, como gelo num lago.

— Tamson — disse Ravus, baixinho. Ele ergueu os olhos duros de ódio, mas tinha o braço escorregadio demais graças ao sangue para apoiá-lo. Tornou a cair com um gemido.

Mabry curvou o lábio para cima e avançou com o ar empertigado sobre Ravus.

— Oh, ver seu rosto quando você atravessou a espada nele. Seu cabelo será a próxima corda na minha harpa, gemendo sua patética história para sempre.

— Saia de perto dele — disse Val, erguendo um pedaço de madeira, uma parte quebrada da mesa.

Mabry ergueu o prato.

— Assombroso, não é, que os trolls possam viver por algum tempo sem o coração? Ele tem talvez uma hora, se eu não o apressar, mas arremessarei o coração dele no chão se não sair do meu caminho.

Val ficou imóvel, largando o pedaço de madeira.

— Muito bem — disse Mabry. — Eu o deixarei em suas hábeis mãos.

Desceu pela escada, os cascos fazendo um estardalhaço nos degraus, a cauda do vestido ondulando atrás dela.

Val ajoelhou-se ao lado de Ravus, que ergueu um longo dedo com garra para tocar-lhe o rosto. Tinha os lábios manchados de carmesim escuro.

— Eu desejei que você viesse. Não devia, mas desejei.

— Diga o que posso pegar para você — pediu Val. — Que ervas devo misturar.

Ele fez que não com a cabeça.

— Isso eu não posso curar.

— Então vou buscar seu coração. — A voz de Val era pesada.

Levantou-se de um salto, passou a toda por baixo da divisória de plástico e desceu a escada. Bateu na parede e atravessou a entrada para a rua. O ar frio chicoteou-lhe o rosto, mas Mabry e a carruagem haviam desaparecido.

Tudo se desenrolara louca e estonteantemente, ficando tão fora de controle que Val não pudera impedir. Não tinha saída alguma. Nenhum plano.

A única coisa sobre a qual ainda tinha algum poder era sobre si mesma. Podia afastar-se dali, correr desembestada mais uma vez, sem parar, até ficar tão gelada e entorpecida que não sentisse nada. Pelo menos seria ela a tomar a decisão; estaria *no controle*. Não ia ter que ver Ravus morrer.

Ali, agachada na calçada, engasgou-se com soluços de olhos secos. Era como vomitar quando nada restara no estômago. Enterrou as unhas no pulso, a dor fez sua mente concentrar-se até ela conseguir forçar-se a subir de volta a escada sem gritar.

Luis ajoelhava-se junto a Ravus, a mão apertada na dele.

— Uma corda de amaranto — disse roucamente o troll, uma bolha vermelha formando-se no lábio. — O sono de uma criança, o perfume do verão. Teça isso numa coroa para seu irmão e ponha-a na cabeça dele com suas próprias mãos.

— Não sei como arranjar essas coisas. — A voz de Luis falhava.

Val fitou os dois, desviou o olhar para a parede e para as persianas empoeiradas.

— Perdoe-me — disse.

Ravus virou-se para ela, que não pôde, contudo, esperar a resposta dele. Puxou o tecido, arrancando as cortinas, e o espaço inundou-se de luz.

Grãos de poeira dançavam no ar.

— O que você está fazendo? — gritou Luis.

Ela ignorou-o e correu para a janela seguinte. Ravus ergueu-se sobre um dos cotovelos. Abriu a boca para falar, mas sua pele ficou cinza e a boca endureceu, os lábios ligeiramente separados, as palavras silenciadas. Tornou-se pedra, uma estátua feita pela mão de algum escultor distorcido, e o sangue no chão virou pedregulhos.

Luis correu para onde ela arrancava mais cortinas.

— Você enlouqueceu?

— Precisamos de tempo para deter Mabry — gritou Val. — Ele não morrerá enquanto for pedra. Não morrerá até o crepúsculo.

Luis assentiu com a cabeça, devagar.

— Achei que podia... não pensei na luz do sol.

— Ravus pode tecer ele mesmo a coroa para Dave quando acordar. Foi sobre isso que perguntou a ele, não foi? — Val ergueu a espada de Tamson, brilhando tão intensamente à luz do sol que ela não pôde olhá-la diretamente. Segurou o punho entre as palmas das mãos. — Vamos encontrar Mabry e depois salvar os dois.

Luis recuou um passo.

— Pensei que as espadas mágicas não se quebrassem.

Val sentou-se de pernas cruzadas no chão, deixando a espada apoiada nos joelhos. A rachadura era visível sob o vidro, mas quando ela correu os dedos pela superfície, ficou intacta.

— Mabry disse alguma coisa sobre ser uma agente na Corte Indigna.

— Agente dupla. — Luis girou a argola no lábio com o polegar e o indicador enquanto refletia. — E procurava veneno.

— As criaturas no parque disseram que Silarial havia chegado para ver Mabry. Achavam que ela tinha alguma prova. Será que as duas fizeram algum acordo?

— Um acordo para ela envenenar alguém?

— Muito bem — disse Val. — Se Silarial sabia que ela tinha sido responsável pelo envenenamento dos membros da Corte Digna exilados, então deixou Mabry numa situação extremamente difícil. Teria de fazer o que Silarial mandasse para salvar a própria pele. Até voltar para sua própria corte e matar alguém.

— Foi meu irmão que os envenenou, não foi? — perguntou Luis.

— Como?

— Foi isso que Dave fez para Mabry. Envenenou todos aqueles seres encantados para parecer que Ravus estava por trás das mortes. Em retribuição a Dave, ela me amarrrou na casa dela. Foi isso o que você quis dizer quando contou que Silarial é a responsável. Quis dizer que ela orquestrou tudo, mas outra pessoa fez o envenenamento.

— Eu não quis dizer essas coisas. Não sabemos se foi isso o que aconteceu.

Luis ficou calado.

— Surpreende-me que você se importe. — A frustração e o medo tornaram Val agressiva. — Nem sequer imaginava que achasse o assassinato de seres encantados uma coisa tão importante.

— Você achou que eu era o assassino, não achou? — Luis desviou o olhar de Val.

— Claro que sim. — Val sabia que estava sendo cruel, mas as palavras brotavam-lhe dos lábios como coisas vivas, aranhas, vermes e besouros loucos para sair de sua boca. — Toda essa sua conversa de que os seres encantados são perigosos e, depois, ah, escute, eles têm sido mortos com veneno de rato. Se você tivesse adivinhado que Dave era o envenenador, que teria feito? Teria realmente detido o criminoso?

— Claro que teria — cuspiu Luis.

— Ah, qual é. Você odeia as criaturas mágicas.

— Eu tenho medo deles — berrou Luis e depois respirou bem fundo. — Meu pai tinha a Visão, e isso o enlouqueceu. Minha mãe está morta. Meu irmão catatônico. Sou um vagabundo caolho aos dezessete anos. O Reino Encantado deve ser uma festa ininterrupta.

— Bem, então, abra o champanhe. — Val aproximou-se dele o suficiente para sentir o calor de seu corpo. Girou a mão em volta do aposento. — Mais um deles está morto.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Luis afastou-se dela, a luz lavando a cor de seu rosto. Encaminhou-se para o corpo de Ravus, estendeu a mão para tocar a pedra e tornou a retirá-la como se fosse ser queimado. — Eu simplesmente não sei o que podemos fazer.

— Quem você acha que Silarial quer que Mabry envenene? Tem de ser alguém na Corte Indigna.

— É a que Ravus chamava de Corte Noturna.

Val foi até o mapa na parede do quarto de Ravus.

— Aqui, nas imediações da cidade de Nova York, longe dos alfinetes que assinalam cada um dos envenenamentos, onde há duas marcas pretas, uma no norte de Nova York, a outra em Nova Jersey. — Ela tocou a de Jersey. — Aqui.

— Mas quem? Isto está muito acima de nosso poder.

— Não tem um rei novo lá? — perguntou Val. — Mabry disse alguma coisa sobre meados do inverno. Poderia ser ele quem ela deveria matar?

— Talvez.

— Mesmo que não seja, isso não tem importância. Só precisamos saber onde ela está.

— Mas as cortes não são lugares aonde seres humanos podem ir, sobretudo a Corte Indigna. A maioria dos seres encantados nem ousa pisar lá.

— Nós precisamos ir, temos que pegar o coração do Ravus. Ele vai morrer se não o trouxermos.

— O que vamos fazer? Ir até lá e pedi-lo?

— Quase — ela respondeu.

Quando Val se levantou, viu um frasquinho de Nunca caído ao lado do asfódelo e dos frutos de roseira. Pegou-o.

— Para que isso? — perguntou Luis, embora soubesse perfeitamente bem.

Ela desviou os pensamentos para Dave, mas mesmo a pele pálida e a boca enegrecida não a deixaram menos faminta de Nunca. Talvez precisasse. Precisava agora. Uma picada e toda a dor iria embora. Mas enfiou o frasco na mochila e pegou as passagens de trem que comprara semanas antes, entregando-as a Luis. O papel desgastara-se tanto dentro da mochila que lhe pareceu tão macio quanto tecido, mas quando Luis pegou o dele, a passagem cortou superficialmente a pele dela. Por um momento, a pele pareceu tão surpresa que se esqueceu de sangrar.

Capítulo 13

Logo após os monstros, morrem os heróis.

— Roberto Calasso, *As núpcias de cadmo e harmonia*

Val empoleirou-se no assento por alguns momentos e em seguida se pôs a andar pelo corredor de um lado para o outro. Toda vez que o condutor passava por ela, perguntava-lhe qual era a próxima parada, se estavam atrasados, se podiam ir mais rápido. Ele respondia que não. Vendo a espada embrulhada numa manta suja e amarrada com cadarços, seguia adiante, apressado.

Ao embarcar, ela teve que mostrar o punho para provar que a espada era apenas decorativa. Apenas vidro, afinal. Explicou que fazia uma entrega.

Luis falava baixinho no celular de Val, a cabeça voltada para uma janela. Ligou para os hospitais em que conseguiu pensar antes de lembrar-se de ligar para o telefone de Ruth e, enquanto falava com ela, seu corpo relaxou, parou, enfim, de enterrar os dedos na lona da mochila de Val. A mandíbula já não estava mais cerrada, mas permanecia tão tensa que os músculos do rosto saltavam.

Desligou o telefone.

— Só resta um pouco de bateria.

Val assentiu com a cabeça.

— Que foi que ela disse?

— Dave está em estado crítico. Lolli se mandou. Não conseguiu aguentar o hospital, detesta o cheiro ou coisa assim. Estão fazendo Ruth passar por um sufoco porque ela não vai dizer o que Dave tomou e, claro, não a deixam vê-lo, porque não é da família.

Val cutucou a borda rasgada do assento de plástico, as narinas palpitando quando respirava com força. Era mais fúria empilhada sobre o que já parecia fúria demais para suportar.

— Talvez você...

— Não posso fazer nada. — Luis olhou para fora da janela. — Ele não vai sair dessa, vai?

— Vai — disse Val firmemente.

Ela podia salvar Ravus. Ravus podia salvar Dave. Como dominós pretos, arrumados em fileiras sinuosas, e o mais importante era não

derrubar.

Olhando as mãos, lascadas e manchadas de sujeira, era difícil imaginar que fossem as mãos que salvariam alguém.

Seus pensamentos instalaram-se no Nunca na mochila.

A droga prometia cantar enquanto descia por suas veias, tornando-a mais rápida, forte e melhor do que era. Não seria idiota para cair nessa. Não ia terminar como Dave. Não mais que um pico. Não mais que uma vez nesse dia. Só precisava dele agora para manter-se inteira, enfrentar Mabry, deixar toda a raiva e a dor serem engolidas por alguma coisa maior que ela mesma.

Luis acomodou-se no outro lado do banco, reclinando-se o máximo que podia, olhos fechados, braços cruzados no peito, cabeça apoiada na mochila dela e encostada na aba de metal de uma janela. Não notaria se ela se esgueirasse para o banheiro.

Ela se levantou, mas uma coisa atraiu seu olhar. O tecido que embrulhava a espada escorregara, revelando um pouco do objeto de vidro, etéreo à luz do sol. Isso a fez pensar nos pingentes de gelo pendendo dos cabelos da mãe de Ravus.

Equilíbrio. Como uma espada bem feita. Equilíbrio perfeito.

Não podia confiar em si mesma com o Nunca agindo dentro dela, deixando-a alternadamente formidável ou distraída, sonhadora ou intensa. Instável. Desequilibrada. Não sabia por quanto tempo aguentaria ficar sem ele, mas podia continuar adiando para outro momento. E talvez um momento depois. Mordeu o lábio e recomeçou a andar de um lado para o outro.

Val e Luis saltaram na estação Long Branch, lançando-se para a plataforma de concreto assim que as portas se abriram. Havia alguns táxis vazios por perto.

— Que fazemos agora? — perguntou Luis. — Em que diabo de lugar estamos?

— Vamos até a minha casa — disse Val. Segurando a espada pelo punho, apoiou a lâmina embrulhada no ombro e começou a andar. — Precisamos pegar um carro emprestado.

A casa de tijolos parecia menor do que ela lembrava. A grama marrom e coberta de folhas, as árvores escuras e desnudas. O Miata vermelho da mãe estava parado diante da casa, na rua, embora ela devesse estar no

trabalho. Lenços de papel embolados e xícaras de café vazias tomavam conta do painel. Val franziu o cenho. Não era do feitio da mãe ser bagunceira.

Abriu a porta de tela, sentindo que atravessava uma paisagem de sonho. Tudo era ao mesmo tempo conhecido e estranho. A porta da frente sem a tranca, a televisão desligada na sala de estar. Apesar do fato de passar do meio-dia, a casa estava às escuras.

Era angustiante estar no mesmo lugar onde vira Tom deitado sobre a mãe, embora ainda mais estranho fosse ver como a sala parecia menor. De qualquer modo, crescera-lhe tanto na mente, que parecia tão imensa a ponto de não conseguir imaginar atravessá-la para voltar ao próprio quarto.

Retirou a espada do ombro e largou a mochila no sofá.

— Mãe? — chamou em voz baixa.

Não teve resposta.

— Apenas ache as chaves — disse Luis. — É mais fácil obter perdão do que permissão.

Val virou a cabeça para brigar com ele, mas um movimento na escada a deteve.

— Val — disse a mãe, que descia os degraus correndo e parou no patamar mais baixo.

Tinha contornos vermelhos ao redor dos olhos, o rosto desfeito e os cabelos desgrehados. Val sentiu tudo ao mesmo tempo: culpa por deixá-la tão fora de si, uma satisfação merecida por vê-la sofrendo e esgotamento profundo. Queria que as duas parassem de se sentir tão infelizes, mas não tinha a menor idéia de como fazer isso.

A mãe desceu os últimos degraus devagar e abraçou-a. Val encostou a cabeça no ombro dela, sentindo cheiro de sabonete e um fraco perfume. Com os olhos ardendo de repentina emoção, afastou-se.

— Eu estava tão preocupada. Não parava de achar que você ia entrar, assim mesmo, mas você não vinha. Passaram-se dias e dias e você não vinha.

A voz da mãe saiu estridente e entrecortada.

— Estou aqui agora — disse Val.

— Oh, querida. — A mãe estendeu hesitantemente a mão para afagar sua cabeça com os dedos. — Você está tão magra. E seu cabelo...

Val desvencilhou-se da mão dela.

— Deixa, mãe. Eu gosto do meu cabelo como está.

A mãe empalideceu.

— Não é isso que eu quis dizer. Você está sempre linda, Valerie. Só que está diferente.

— Eu sou diferente — disse Val.

— Val — advertiu Luis. — As chaves.

Ela olhou feio para ele e respirou fundo.

— Preciso pegar o carro emprestado.

— Você sumiu durante semanas. — A mãe olhou para Luis pela primeira vez. — Não pode estar indo embora de novo.

— Vou voltar amanhã.

— Não. — Uma nota de pânico se desprende da voz da mãe. — Valerie, eu sinto tanto. Sinto tanto por tudo. Não sabe como tenho ficado preocupada com você, as coisas que tenho imaginado. Não parei de esperar que o telefone tocasse e dissesse que a polícia a tinha encontrado numa sarjeta. Não pode me fazer passar por tudo isso de novo.

— Eu preciso fazer uma coisa. E não tenho muito tempo. Escute, eu não entendo você e Tom. Não sei no que vocês pensavam nem como aconteceu, mas...

— Você precisa saber que eu...

— Mas não me interessa mais.

— Então por que... — começou a mãe.

— Isso não tem nada a ver com você e eu não posso voltar para casa enquanto não terminar o que tenho de fazer. Por favor.

A mãe deu um suspiro.

— Você foi reprovada no teste de direção.

— Sabe dirigir? — perguntou Luis.

— Eu tenho carteira — disse Val a mãe, desviando então o olhar para Luis. — Eu sei dirigir muito bem. Só não sei fazer baliza.

A mãe foi até a cozinha e voltou com uma chave e um alarme pendurado num chaveiro com uma imitação de diamante e um “R” gravado.

— Eu lhe devo alguma confiança, Valerie, aqui está. Não faça com que eu me arrependa.

— Não farei.

A mãe pôs as chaves na mão dela.

— Promete que voltará amanhã? Prometa.

Val pensou em como ficou com os lábios ardendo quando não cumprira a promessa de voltar para Ravus na hora certa. Fez que sim com a cabeça. Luis abriu a porta da frente. Val encaminhou-se para lá, sem se virar para trás.

— Você ainda é minha mãe — disse.

Quando desceu os degraus da fachada, sentiu o sol no rosto e pareceu que pelo menos uma coisa talvez estivesse bem.

* * *

Val dirigiu o carro pelas ruas conhecidas, lembrando-se de ligar a seta e ficar de olho na velocidade. Esperava que ninguém os mandasse encostar.

— Sabe — disse Luis —, a última vez que entrei num carro foi no fusca de minha avó e fomos a uma loja comprar alguma coisa num feriado de Ação de Graças, acho. Ela morava em Long Island, onde se precisa de carro para ir a todos os lugares. Eu me lembro disso porque meu pai tinha me puxado para o lado antes, para me dizer que via gnomos no jardim.

Val não disse nada. Concentrava-se na rodovia.

Conduziu o Miata para além das colunas que ladeavam a entrada do cemitério, o tijolo coberto de gavinhas encaracoladas de trepadeiras sem folhas. O cemitério propriamente dito estendia-se por uma colina pontilhada de pedras brancas e abóbadas fúnebres. Apesar de ser final de novembro, o gramado ali continuava verde.

— Consegue ver alguma coisa? — perguntou Val. — Para mim, parece igual a qualquer outro cemitério.

Luis não respondeu logo de cara. Olhava para fora da janela, erguendo inconscientemente uma das mãos para tocar o vidro embaçado.

— Porque você é cega.

Val pisou nos freios, parando o carro de repente.

— O que você está vendo?

— Estão em toda parte.

Luis pôs a mão na maçaneta da porta, a voz um pouco mais alta que um sussurro.

— Luis? — Val desligou o carro.

A voz dele soou distante, como se falasse consigo mesmo.

— Nossa, olhe para eles. Asas encouraçadas. Olhos pretos. Dedos longos, com garras. — Então, ele olhou para Val, como se, de repente,

tivesse se lembrado dela. — Abaixe-se!

Ela mergulhou, jogando a cabeça no colo dele e sentindo o calor de seus braços a cobri-la quando o ar açoitou o capo do carro.

— O que está acontecendo? — ela gritou mais alto do que o lamento do vento.

Alguma coisa arranhou o teto do carro e o capo tremeu.

Então o vento imobilizou-se, reduzindo-se a nada. Quando Val levantou a cabeça devagar, pareceu-lhe que nem uma única folha se mexia com a brisa. Todo o cemitério silenciara.

— Este carro é todo de fibra de vidro. — Luis ergueu os olhos. — Podiam rasgá-lo com as garras e entrar direto pelo capo se quisessem.

— Por que não fizeram isso?

— Imagino que estejam esperando para ver se viemos aqui deixar algumas flores numa sepultura.

— Não precisam fazer isso. Vamos descer.

Curvando-se para o banco detrás, Val desembulhou a espada de vidro. Luis pegou a mochila dela e pendurou-a no ombro.

Val fechou os olhos e respirou fundo. Sentia o estômago embrulhar-se, como acontecia sempre antes de um jogo de lacrosse, mas aquilo era diferente. O corpo parecia distante, mecânico. Apurou os sentidos para perceber cada ruído, cada alteração de cor e forma. A adrenalina exigiu-lhe o sangue, gelando os dedos, acelerando o coração.

Olhando a espada, ela abriu a porta e pisou no cascalho.

— Venho em paz — disse. — Leve-me ao seu líder.

Dedos invisíveis fecharam-se em sua pele, beliscando a carne, puxando os cabelos, impelindo-a e empurrando-a para a colina, onde tufo de grama erguiam-se e pulavam para longe da terra preta. Ela tentou gritar quando caiu para a frente, o rosto voltado para a terra, inspirando o rico cheiro mineral, enquanto sufocava em seu grito agudo. Apoiou os braços no solo quando tentou levantar-se, mas a terra, as pedras e a grama cederam sob seu peso e ela, envolta por raízes, caiu aos trambolhões dentro da escuridão.

Acordou em correntes douradas num salão cheio de seres encantados.

Numa plataforma de terra, sentava-se um cavaleiro de cabelos brancos num trono de bétula trançada, a casca clara como ossos. Ele curvou-se para a frente e acenou para uma menina alada magricela que

observava Val com olhos pretos e estranhos. A fada alada fez um gesto e falou baixinho com o cavaleiro no trono. Ele torceu os lábios no que podia ser um sorriso.

Acima dela, via-se o lado inferior da colina, oco como uma tigela, de onde pendiam longas raízes que se estendiam e viravam como se fossem dedos incapazes de pegar o que desejassem.

Ao redor de Val, um grupo de criaturas sussurrava, piscava e maravilhava-se com ela. Algumas eram altas e magras como varapaus, outras eram minúsculas e esvoaçavam no ar como Agulhanix. Algumas tinham chifres que se retorciam para trás desde as testas como videiras, algumas lançavam para trás júbis verdes sarapintadas e espessas como fios num tear e outras tropeçavam ao andar com estranhos e improváveis pés. Val recuou, afastando-se de uma menina com asas empoeiradas e dedos cuja cor ia do branco-gesso ao azul nas pontas. Em nenhum lugar para onde olhasse, via alguma coisa conhecida. Encontrava-se direto no buraco do coelho, bem no fundo.

Um homem encolhido, de longos cabelos dourados, fez uma reverência com um joelho no chão diante da criatura no trono e depois se levantou tão agilmente como se fosse um menino. Lançou um olhar astuto na direção de Val.

— Eles acharam a entrada com tanta facilidade quanto se fossem orientados, mas quem ia dirigir um par de humanos? Um enigma para seu prazer e deleite, meu Lorde Roiben.

— Como queira. — Roiben acenou-lhe e o ser encantado recuou.

— Eu posso explicar esse mistério — disse uma voz conhecida.

Val rolou de costas, colidindo com o corpo de Luis, e girou a cabeça para a locutora. Luis grunhiu. Mabry passou por cima deles, com a bainha do vestido longo e rubro roçando na face de Val. Ergueu uma caixa prateada esculpida e abaixou-se numa reverência superficial.

— Eu tenho o que eles buscam.

Roiben ergueu uma única sobancelha branca.

— Minha Corte não está satisfeita com a luz do sol dançando e regozijando-se em nossos salões, mesmo que seja apenas para a admissão momentânea de prisioneiros.

Luis rolou de lado e Val pôde ver que também estava acorrentado, mas seu rosto sangrava. Cada um dos *piercings* de aço fora arrancado da

carne.

Mabry exibia desânimo nos olhos, mas não parecia muito constrangida.

— Permita-me dar um jeito na luz e em seus portadores.

— Sua babaca filha-da-puta... — começou Val, mas foi interrompida por um punho no ombro.

— Ele não lhe perguntou nada — cuspiu a criatura de cabelos dourados. — Não diga nada.

— Não — disse o Lorde da Corte Sombria. — Deixe-os falar. É tão raro termos convidados mortais. Ainda penso na última vez, mas também foi memorável. — Alguns na multidão reunida riram ao ouvir essas palavras, embora Val não soubesse ao certo por quê. — O menino tem a verdadeira Visão, se não estou enganado. Um dos nossos arrancou seu olho, não é?

Luis olhou o salão ao redor, o medo estampado no rosto. Lambeu o sangue do lábio e fez que sim com a cabeça.

— Imagino o que você vê quando me olha — disse Roiben. — Mas, venha, conte-nos o que foi que veio buscar. Está mesmo na posse de Mabry?

— Ela cortou o coração do meu... — disse Val. — De um dos seres da gente dela... um troll. Eu vim levá-lo de volta.

Mabry riu, uma risada profunda, sensual. Alguns dos presentes também riram.

— Ravus já está morto há muito agora, apodrecendo em seus aposentos. Com certeza, você sabe disso. De que lhe serve esse coração?

— Morto ou não — disse Val —, vim buscar o coração dele e vou levá-lo.

Um sorriso torto tomou conta da boca de Roiben e Val sentiu o medo rastejar de cima a baixo pelo corpo dela. Com olhos pálidos, ele olhou para Val e Luis.

— O que pede não está em meu poder, mas talvez minha empregada seja generosa.

— Acho que não. Quando se consome o coração de algo, consome-se parte de sua força. Vou me deliciar com o de Ravus. — Mabry olhou com desprezo primeiro para Luis e depois para Val. — Vou saboreá-lo muito mais sabendo que você o queria.

Val levantou-se e ficou de joelhos, os pulsos ainda amarrados nas costas. O sangue latejava em seus ouvidos, tão alto que quase abafava

qualquer outro som.

— Lute contra mim por ele. Eu aposto o coração dele contra o meu.

— Os corações dos mortais são fracos. Que necessidade tenho eu de tal coração?

Val adiantou-se para ela.

— Se sou tão fraca, então você deve ser uma verdadeira covarde, porra, para não lutar contra mim. — Virou-se para os seres encantados, os de olhos de gato, os de pele verde e dourada, os de corpos demasiadamente compridos ou achatados ou de todas as formas de proporções singulares. — Sou apenas um ser humano, não sou? Não sou nada. Desapareço num suspiro da boca de vocês, foi o que disse Ravus. Então, se tem medo de mim, é menos que isso.

Os olhos de Mabry reluziram perigosamente, mas o rosto permaneceu plácido.

— É muita ousadia de sua parte falar isso, aqui, em minha própria corte, perante o meu novo Senhor.

— Eu ousa — disse Val. — Tanto quanto você ousa agir toda altiva e poderosa, enquanto está aqui apenas para assassiná-lo como assassinou Ravus.

Mabry riu, breve e ferina, mas alguns resmungos se elevaram.

— Deixe-me adivinhar — disse Roiben, preguiçoso. — Não deveria ouvir os mortais por nem mais um momento.

Mabry abriu a boca e depois fechou-a novamente.

— Aceite o desafio — disse Roiben. — Não quero que digam que alguém da minha Corte não conseguiu vencer uma criança humana. Nem que digam que minha assassina é uma covarde.

— Como queira — disse Mabry, virando-se bruscamente para Val. — Depois que eu acabar com você, vou arrancar o outro olho de Luis e farei uma nova harpa com os ossos de vocês dois.

— Amarre-me em sua harpa — sibilou Val — e eu a amaldiçoarei toda vez que tocá-la.

Roiben levantou-se.

— Vocês concordam com os termos do desafio? — indagou e Val desconfiou de que ele fosse lhe dar uma chance de fazer alguma coisa, mas não sabia o quê.

— Não — respondeu Val. — Não posso negociar por Luis. Ele não tem nada a ver com meu desafio.

— Eu posso negociar por mim mesmo — disse Luis. — Concorde com os termos de Mabry desde que ela também aposte alguma coisa. Ela pode ficar comigo, mas, se Val vencer, estamos livres. Temos de sair andando daqui.

Val olhou-o, grata por sua percepção e impressionada com a própria estupidez.

Roiben assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Se a mortal vencer, eu darei a ela e seu companheiro salvo-conduto pelas minhas terras. E como vocês não decidiram os termos do combate, eu estipularei... Lutarão até a primeira sangrar. — Ele soltou um suspiro. — Não pensem que há alguma piedade nisso. Viver, se Mabry ganhar seus corações e ossos, não me parece preferível a estarem seguros na morte. Eu, contudo, tenho algumas perguntas a Mabry e preciso dela viva para responder. Agora, Espinhento, solte os mortais e dê as armas à menina.

O homem de cabelos dourados enfiou uma chave denteada nas fechaduras e as algemas se abriram, caindo no chão com um ruído surdo que ecoou por toda a cúpula.

Luis levantou-se um momento depois, esfregando os pulsos. Uma mulher com pêlos no queixo tão longos que se enrolavam em minúsculas tranças trouxe a espada de vidro para Val, parou a meio caminho e abaixou-se apoiada num dos joelhos, erguendo a lâmina nas palmas. A espada de Tamson. Val olhou para Mabry, mas se ela teve alguma reação à visão da arma, se, por acaso lembrou-se a quem pertencera antes, não deixou transparecer sinal algum.

— Você pode fazer isso — disse Luis. — O que ela sabe sobre lutas? Não é nenhum cavaleiro. Só não deixe que ela a distraia com seus feitiços.

Feitiços. Val olhou para a mochila, a alça ainda pendurada no ombro de Luis. Havia quase uma garrafa cheia de Nunca ali. Se os encantos eram as armas de Mabry, Val poderia lutar contra ela nesses termos.

— Me dê a bolsa — disse.

Luis deslizou a mochila pelo braço e entregou a Val. Ela enfiou a mão lá dentro e tocou na garrafa. Enterrando-a mais fundo, pegou um isqueiro. Só levaria um momento e ela seria inundada de força.

Quando se virou, viu seu rosto refletido no vidro da lâmina, os olhos injetados e a pele manchada de sujeira, antes de as fibras luminosas

debaixo do punho atravessarem a espada inteira com súbito esplendor. Val pensou na menina, Nancy, atropelada por um trem porque estava tão cheia de Nunca que não vira o brilho dos faróis nem ouvira o rangido dos freios. O que ela poderia perder enquanto tecia suas próprias ilusões? Sentiu o peso do conhecimento atingir-lhe a barriga como uma pedra engolida. Tinha de fazer aquilo sem o Nunca cantando debaixo da pele.

Precisava combater Mabry com o que sabia... anos de lacrosse e semanas de espada, brigas com os garotos da vizinhança, que sempre diziam que ela não batia como uma menina, a dor de forçar o corpo além do que achava suportável. Não podia combater fogo com fogo, mas podia combatê-lo com gelo.

Largou o isqueiro e tomou a espada de vidro das mãos da menina.

Eu não posso cair, lembrou a si mesma, pensando em Ravus, Dave e nos dominós juntos em fileirinhas perfeitas. *Não posso cair nem falhar*.

Os cortesãos haviam desobstruído um tablado quadrado no meio do salão e Val entrou ali, retirando o casaco, que caiu embolado no chão. O ar frio arrepiou-lhe os pêlos dos braços. Ela respirou fundo e sentiu o cheiro do próprio suor.

Mabry adiantou-se da multidão, envolta num nevoeiro que se congelou em forma de armadura. Na mão, segurava um chicote de fumaça. Na parte de trás, a ponta arrastava gavinhas que lembraram a Val a forma como as centelhas pegavam fogo.

Val avançou um passo, separando um pouco as pernas e mantendo-as levemente flexionadas. Pensou no campo de lacrosse, na maneira apertada, mas livre, de segurar o bastão. Pensou nas mãos de Ravus, forçando-lhe o corpo na postura certa. Sentia uma fissura pelo Nunca queimando-a por dentro, enchendo-a de fogo, mas cerrou os dentes e se preparou para começar.

Mabry avançou afetadamente em direção ao centro do quadrado. Val quis perguntar se começariam naquele exato instante, mas Mabry rodopiou o chicote e encerrou o tempo das perguntas. Val aparou o golpe, tentando cortar o chicote ao meio, mas a arma tornou-se etérea como a neblina e a lâmina mergulhou no vazio.

Mabry disparou o chicote mais uma vez. Val bloqueou, fez finta e arremessou-se, mas seu alcance foi curto demais. Conseguiu, porém, esquivar-se de outro golpe sem cambalear.

Mabry girou o chicote em volta da cabeça, como se fosse um laço. Sorriu para a platéia e a multidão de seres encantados uivou. Val não teve certeza se estavam a favor de sua oponente ou apenas clamavam por sangue.

O chicote voou, serpeando em direção a Val. Ela abaixou-se e lançou-se por baixo da guarda de Mabry, tentando um daqueles movimentos precisos que pareciam sensacionais quando se conseguia dominá-los. Errou completamente.

Mais dois golpes aparados e Val percebeu que estava se cansando rápido. Ficara acordada durante dois dias e sua última refeição foi uma pálida maçã encantada. Mabry repeliu-a para trás e a Corte teve de se afastar para que Val recuasse aos tropeços.

— Você achou que era uma heroína? — perguntou Mabry, a voz cheia de falsa compaixão, aguda e alta o bastante para a multidão ouvir.

— Não — respondeu Val.

— Acho que é uma vilã.

Val mordeu o lábio e concentrou-se. Mabry não movia os ombros e pulsos com o refinado controle exigido para desferir os ataques a ela. Era a mente da criatura que fazia o trabalho. O chicote era apenas uma ilusão. Como Val poderia vencer, se a adversária comandava um chicote que mudava de direção ou se estendia além de seu comprimento?

Val ergueu a espada para bloquear outro golpe e a corda enevoadada enroscou-se em volta da lâmina. Um puxão forte arrancou-a das mãos dela. A espada voou pelo salão, obrigando vários cortesãos a recuarem emitindo gritos estridentes. Quando a lâmina atingiu o endurecido chão de terra compacta, partiu-se em três pedaços.

O chicote atirou-se mais uma vez sobre Val, açoitando para atingi-lhe o rosto. Ela se abaixou e correu para os restos da espada, o chicote zumbindo logo atrás.

— Não deixe que a idéia da morte próxima a perturbe. — Mabry soltou uma risada que convidou as outras criaturas a rirem também. — Sua vida sempre se destinou a ser tão curta que não faz a menor diferença.

— Cala a porra da boca!

Val precisava se concentrar, mas estava desorientada, em pânico. Lutava toda errada, como se quisesse matar a adversária, mas o que

precisava fazer para vencer era apenas atingi-la uma vez e, para perder, ser atingida também uma única vez.

Mabry era vaidosa. Até aí, isso era óbvio. Parecia calma e lutava com tranquilidade. Embora estivesse recorrendo ao encanto, fazia-o de tal maneira que se mostrava como a melhor combatente. Se ela conseguira fazer o chicote agarrar a lâmina da espada, não podia simplesmente tê-lo feito atingir a mão de Val? Não podia conjurar facas no pescoço de Val?

Ela deve querer um triunfo espetacular. Uma pequena marca na face da menina. Uma longa dilaceração nas costas. A corda enroscando-se no pescoço dela. Era uma apresentação teatral, afinal. A apresentação de uma mestra da atuação perante uma corte prestes a condená-la.

Val parou, ficando a apenas trinta centímetros do punho da espada de vidro, uma boa parte da lâmina parecia intacta. Virou-se.

Mabry avançava a passos largos para ela, curvando os lábios de novo num sorriso.

Val tinha de fazer alguma coisa inesperada e fez. Simplesmente continuou ali, parada.

Mabry hesitou apenas por um momento antes de arremessar o vibrante chicote de fumaça na direção dela. Val jogou-se no chão, rolou e agarrou o punho do que ainda restava da espada de vidro, erguendo-o e lançando-o no joelho da adversária, sem a menor elegância.

— Espere! — gritou a criatura de cabelos dourados.

Val baixou o punho, manchado apenas com um pouco de sangue. Bastava. Suas mãos começaram a tremer. A armadura e os braços enevoados de Mabry dissolveram-se e ela se revelava mais uma vez num longo vestido.

— Pouco importa — disse. — Sua marca ensanguentada apodrecerá enquanto seu amor fenece. Encontrará um cadáver nada adequado para um companheiro.

Val não pôde impedir o sorriso que se espalhou pelo seu rosto, um sorriso tão largo que chegava a doer.

— Ravus não está morto — disse, divertindo-se com a expressão de incompreensão que se apoderou das feições de Mabry. — Eu arranquei todas as cortinas e transformei-o em pedra. Ele vai ficar bem.

— Você não...

Mabry estendeu a mão e a fumaça fundiu-se numa cimitarra. Atirou-a de qualquer jeito para a frente. Val jogou-se para trás, desviando a cabeça do golpe. A lâmina passou de raspão por sua face, desenhando uma linha que queimava sua pele.

— Espere — repetiu a criatura de cabelos dourados, erguendo a caixa de prata.

— Pare — ordenou o Rei da Corte Indigna. — Três vezes você me desagradou, Mabry, espiã ou não. Graças a seu descuido, mortais deixaram a luz do dia entrar na Corte Noturna. Graças a sua falta de valor, uma mortal ganhou uma vantagem sobre nós. E graças a sua mesquinharia, minha promessa de que os mortais não seriam machucados em minhas terras foi desonrada. Daqui em diante, está banida.

Mabry soltou um grito estridente, um ruído inumano que soou como uma forte lufada de vento.

— Ousa banir-me? Eu, a espiã de confiança de Lady Nicnevin na Corte Digna? Eu, uma verdadeira súdita da Corte Indigna e que não possui pretensão alguma de tirá-lo do trono?

Ela transformou os dedos em facas e seu rosto alongou-se, ficando comprido e monstruoso de uma forma nada normal. Avançou para cima de Roiben.

Val mexeu o corpo automaticamente, os movimentos que exercitara centenas e centenas de vezes na ponte empoeirada tão inconscientes quanto um sorriso. Rebateu de lado o golpe de Mabry e apunhalou-a no pescoço.

O sangue derramou-se pelo vestido vermelho até os pés de Mabry e respingou em Val. Os dedos de faca se agarraram à menina, abrindo longos ferimentos em suas costas quando Mabry a puxou mais para perto de si, juntando-as como amantes. Val gritou, a dor latejava, o choque frio rastejando para cima até paralisá-la. Então Mabry tombou bruscamente, o sangue escurecia o chão de terra, as mãos deslizavam pelas costas de Val. Mabry não se mexeu mais.

Uma onda de ruído veio dos cortesãos. Luis avançou a toda, empurrando seres encantados para o lado, querendo segurar Val para que ela não cambaleasse para a frente.

Val via apenas a espada de vidro, quebrada em pedaços denteados e coberta de sangue.

— Não caia — lembrou a si mesma, mas as palavras não pareciam mais estar no contexto, sua visão estava confusa.

— Me dê o coração — gritou Luis, mas, naquele caos, ninguém o escutava.

— Basta — gritou alguém, na certa Roiben.

Ela não conseguia concentrar-se. Luis falava e depois todos se moviam, abrindo caminho por entre um borrão de corpos. Val seguia junto a ele, tropeçando. Luis a mantinha de pé enquanto atravessavam corredores subterrâneos. O barulho da Corte extinguiu-se quando os dois saíram na fria colina.

— Meu casaco — resmungou Val, mas Luis não parou.

Conduziu-a até o carro e escorou-a ali enquanto reclinava o banco do carona.

— Entre e se deite de bruços. Você está entrando em choque.

Havia alguma coisa sobre uma caixa. Uma caixa com um coração dentro, exatamente como na história da Branca de Neve.

— Você a recebeu do lenhador? — perguntou Val. — Ele enganou a rainha má. Talvez tenha nos enganado também.

Luis inspirou em arquejos e exalou o ar num suspiro forte.

— Vou levá-la ao hospital.

A frase atravessou a confusão que se instalara na mente de Val, enchendo-a de pânico.

— Não! Ravus e Dave estão nos esperando. Temos de ir jogar dominó.

— Você está me fazendo sentir muito medo, Val. Por favor, deite-se aí e iremos para a cidade.

— Mas não vá dormir ao volante. Fique acordado, porra — ela retrucou.

Entrou no carro, encostando o rosto no couro do banco. Sentiu o casaco de Luis cobri-la e retraiu-se. As costas pareciam estar em chamas.

— Eu consegui — sussurrou para si mesma quando Luis girou a chave na ignição e arrancou para a rua. — Passei de fase.

Capítulo 14

*Todos os seres humanos deveriam tentar descobrir
antes de morrer de que estão fugindo, e para quê, e por quê.*

— James Thurber

Chegaram à cidade com o sol se pondo atrás deles. O trajeto havia sido lento. Tráfego congestionado e longas filas no pedágio haviam prolongado a viagem e Val mudava constantemente de posição no banco de trás. O ar gélido das janelas que Luis se recusou a fechar congelava-a e a dor, que ficava mais aguda quando o estofado tocava suas costas, tornava impossível virar-se.

— Ainda está tudo bem com você aí atrás? — gritou Luis.

— Estou acordada — disse Val, ajoelhando-se e segurando-se no apoio de cabeça do banco do carona, sem ligar para a tontura que sentiu quando se sentou ereta. A caixa de prata estava no centro do banco da frente, as fracas luzes do exterior destacavam a escultural coroa de amoreiras que circundava uma única rosa na superfície.

— Já escureceu.

— Não podemos ir mais rápido. O trânsito está uma loucura, mesmo nessa direção.

Ela olhou para Luis e pareceu vê-lo pela primeira vez. O rosto sangrava, as tranças haviam se desfeito, os cabelos estavam embaraçados no alto da cabeça como uma auréola cinzenta, mas sua expressão era calma, até mesmo amável.

— Vamos chegar lá a tempo. — Ela tentava parecer valente e segura.

— Eu sei que vamos — respondeu Luis e Val se sentiu contente com o conforto humano proporcionado por mentiras enquanto continuavam serpenteando pelo tráfego.

Pararam na metade da calçada da passagem inferior. Luis desligou o carro e saltou, baixando o banco para que ela também pudesse sair. Val agarrou a caixa e deslizou para fora do carro, enquanto Luis batia no toco de árvore.

Val subiu correndo a escada, com a caixa junto ao peito. Já chorava quando entrou no aposento escuro.

Ravus jazia no meio do chão, não estava mais em forma de pedra, a pele parecia mármore. Ela se ajoelhou a seu lado, abriu a caixa de prata e

retirou seu tesouro ensanguentado. Sentiu-o frio e escorregadio nos dedos quando o encaixou no ferimento aberto e molhado, no peito dele. O sangue no chão tinha secado em riscas que se desfizeram em flocos onde ela pisava e aquela visão lhe embrulhou o estômago.

Ergueu os olhos para Luis e ele deve ter visto alguma coisa em seu rosto, porque derrubou com um chute uma pilha de livros, disparando uma nuvem de poeira que rodopiou no ar. Nenhum dos dois disse qualquer coisa, à medida que transcorriam os momentos sem sentido, agora que haviam chegado tarde demais.

As lágrimas de Val secaram nas faces e não brotaram mais. Pensou que devia gritar ou soluçar, mas nenhuma das duas coisas parecia expressar o crescente vazio dentro dela.

Curvou-se, deixando os dedos deslizarem pelo cabelo macio de Ravus, e retirou mechas desgarradas do rosto. Ele deve ter despertado ao retornar do estado pétreo, em um aposento vazio, sentindo uma dor terrível. Teria chamado por ela? Teria amaldiçoado-a quando percebeu que o deixara sozinho para morrer?

Curvando-se mais para baixo e ignorando o cheiro de sangue, ela colou a boca na dele. Ravus tinha os lábios quentes e não estavam tão frios como ela temera.

Ele tossiu e ela recuou num salto, caindo sentada. A pele crescia sobre o peito dele e o coração batia num constante estacado.

— Ravus? — ela sussurrou.

Ele abriu os olhos dourados.

— Sinto dor em toda parte. — Ele riu e então começou a engasgar-se.
— Só posso imaginar que isso seja bom.

Val assentiu com a cabeça, os músculos no rosto machucando-a quando tentou sorrir.

Luis atravessou a sala e ajoelhou-se do outro lado de Ravus.

O troll olhou para ele e depois desviou o olhar de novo para Val.

— Vocês dois... vocês me salvaram?

— Deixa disso — disse Luis. — Você fala como se tivesse sido difícil para Val ir até a Corte Indigna, fechar um acordo com Roiben, desafiar Mabry para um duelo, vencer, recuperar seu coração e depois conseguir voltar e chegar aqui a tempo bem na hora do rush.

Val riu, mas a risada saiu alta e frágil demais até para seus ouvidos. Ravus fixou o olhar nela e a menina se perguntou se ele odiava a idéia de tê-lo salvado, se achava que agora ficaria em dívida para com alguém que lhe repugnava.

Ravus grunhiu e tentou sentar-se, mas pareceu faltar-lhe forças e ele tornou a cair.

— Eu sou um idiota — disse.

— Fique onde está. — Val correu para pegar um cobertor e enfiou-o debaixo da cabeça dele. — Descanse.

— Eu vou ficar bem.

— Verdade? — ela perguntou.

— Verdade.

Ravus ergueu o braço para apertar o ombro dela, mas ela se contraiu quando ele roçou os dedos pelos cortes nas suas costas. Ele manteve os olhos nos dela por um longo momento, depois ergueu um chumaço do material da blusa dela. Mesmo pelo canto do olho, ela viu que o tecido endurecera devido ao sangue.

— Vire-se — disse Ravus.

Ela obedeceu, ajoelhou-se e suspendeu as costas da camiseta pela cabeça. Manteve-se nessa posição por um momento e depois baixou mais uma vez a camiseta para cobrir as costas.

— É grave?

— Luis. — A voz de Ravus era áspera. — Traga algumas coisas ali da mesa para mim.

Luis juntou os ingredientes e botou-os no chão ao lado dele. Primeiro Ravus mostrou-lhe como passar a pomada e tratar as costas de Val, depois, como curar os próprios cortes dos *piercings* arrancados e, por fim, entrelaçou amaranto, crostas de sal e longos talos de mato verde. Entregou-os a Luis.

— Amarre isso em forma de coroa e ponha na testa de David. Só espero que seja suficiente.

— Leve o carro — disse Val. — Volte para me encontrar quando puder.

— Certo. — Luis fez que sim com a cabeça, fazendo menção de levantar-se. — Trarei Ruth.

Ravus tocou-lhe o braço e ele parou.

— Estive pensando no que foi dito e no que não foi dito. Se os rumores de qualquer uma das duas Cortes incriminarem seu irmão, ele vai correr grande perigo.

Luis levantou-se, contemplando a cidade resplandecente pelas janelas.

— Apenas vou ter que pensar em alguma coisa. Farei algum tipo de acordo. Tenho protegido meu irmão até agora. Vou continuar protegendo.

— Olhou para Ravus. — Vai contar a alguém?

— Você tem meu silêncio — respondeu o troll.

— Tentarei fazer por merecê-lo. — Luis balançou a cabeça quando atravessou a cortina de plástico. Val o viu ir embora.

— O que você acha que vai acontecer com Dave? — ela perguntou em voz baixa.

— Eu não sei — disse Ravus igualmente baixo. — Mas confesso que me preocupo muito mais com o que vai acontecer com Luis. — Ele virou-se para ela. — Ou com você. Sabe, está com uma aparência terrível.

Ela sorriu, mas o sorriso se desfez um momento depois.

— Estou terrível.

— Sei que me portei pessimamente com você. — Ele olhou para um lado, as ripas de madeira do assoalho, seu próprio sangue seco, e ela pensou como era estranho o fato de, às vezes, ele parecer séculos mais velho do que ela e em outras ocasiões a situação ser completamente oposta. — O que Mabry me disse doeu mais do que eu esperava. Para mim foi fácil acreditar que seus beijos eram falsos.

— Não achou que eu realmente gostava de você? — perguntou Val, surpresa. — Acha agora que eu realmente gosto de você?

Ele virou-se para ela. A incerteza instalou-se em seu rosto.

— Você se submeteu a um esforço muito grande para chegar a ter essa conversa, mas... eu não quero ficar interpretando demais o que isso quer dizer.

Val deitou-se ao lado dele, apoiando a cabeça no ombro dele.

— O que você espera?

Ele a puxou mais para perto, cuidadoso com as mãos para não tocar os ferimentos dela ao enlaçá-la.

— Espero que sinta por mim o que sinto por você — respondeu, a voz como um suspiro na garganta dela.

— E como é isso? — ela perguntou, os lábios tão perto da mandíbula dele que sentia o gosto de sal de sua pele quando os moveu.

— Você levou meu coração em suas mãos essa noite. Mas eu me sentia como se o houvesse levado muito antes.

Ela sorriu e fechou mansamente os olhos. Ficaram ali deitados juntos, debaixo da ponte, as luzes da cidade ardendo fora das janelas como um céu cheio de estrelas cadentes, enquanto deslizavam para o sono.

* * *

Chegou um bilhete no bico de um pássaro preto com asas que emitiam brilhos roxos e azuis, como se fossem feitas de óleo empoçado. Dançou no parapeito da janela de Val e bateu de leve com as patas no vidro, os olhos brilhando como pedacinhos de ônix molhado na luz que esmorecia.

— Que coisa mais misteriosa — disse Ruth.

Ela se levantou de onde se achava deitada de bruços, com livros da biblioteca espalhados ao seu redor. As duas vinham trabalhando num relatório que iam intitular de “O papel da depressão pós-parto no infanticídio”, para um crédito extra da aula de controle de natalidade. Para compensar a terrível reprovação que as duas haviam sofrido no projeto do bebê de farinha.

Fora estranho para Val atravessar mais uma vez os corredores após desaparecer por quase um mês, o tecido macio da camiseta roçando nos cortes ao longo das costas, o cheiro limpo de xampu e detergente no nariz, a promessa de almoços de pizza e leite achocolatado. Quando Tom passou por ela, ela mal o notou. Andava ocupada demais circulando pela escola, puxando o saco dos professores, fazendo provas de segunda chamada e prometendo nunca mais faltar nem um único dia.

Foi até a janela e abriu-a. O pássaro largou o rolinho de papel no tapete e alçou vôo, gralhando.

— Ravus tem me enviado bilhetes.

— Biiilhetes? — perguntou Ruth, a voz ameaçando imaginar a coisa mais obscena se Val não lhe desse os detalhes.

Val revirou os olhos.

— Sobre Dave... ele deve sair do hospital semana que vem. E Luis mudou-se para a antiga casa de Mabry. Diz que embora seja um monte de lixo, é um monte de lixo na rica Alta Zona Oeste.

— Alguma notícia de Lolli?

Val fez que não com a cabeça.

— Nada. Ninguém a viu.

— É só sobre isso que ele tem escrito?

Val chutou alguns papéis soltos na direção de Ruth.

— E que sente saudades de mim.

Ruth rolou de costas, rindo baixinho, cheia de alegria.

— Bem, e o que diz esse aí? Ande, leia em voz alta.

— Está bem, está bem, já vou abrir. — Val desenrolou o papel. — Diz o seguinte: “Por favor, me encontre esta noite nos balanços atrás da sua escola. Tenho uma coisa para lhe dar.”

— Como é que ele sabe onde ficam os balanços da escola? — Ruth sentou-se, visivelmente intrigada.

Val deu de ombros.

— Talvez o corvo tenha dito.

— Acha que ele vai lhe dar o quê? — perguntou Ruth. — Um amasso de troll daqueles?

— Você é tão nojenta. Tão, tão, mas tão maldosa — gritou Val, atirando mais papéis na amiga e espalhando todo o trabalho delas no chão. Depois, deu um sorriso. — Bem, não importa o que seja, eu não vou apresentá-lo à minha mãe.

Foi a vez de Ruth gritar de horror.

Naquela noite, quando ia sair de casa, Val passou pela mãe, sentada diante da televisão, que exibia o lábio de uma mulher sendo injetado com colágeno.

Por um momento, a visão da agulha fez os músculos de Val se contraírem, o nariz sentir o conhecido cheiro de açúcar queimado e as veias serpearem como vermes nos braços, mas isso veio acompanhado por um nojo visceral tão forte quanto a fissura.

— Vou dar uma andada — disse. — Volto mais tarde.

A mãe se virou, o rosto cheio de pânico.

— É só uma andada — confirmou Val, mas isso não acalmou as perguntas não feitas e não respondidas que se interpunham entre elas.

A mãe parecia querer fingir que o último mês não acontecera. Referia-se a ele apenas vagamente, dizendo: “Quando você estava fora” ou “Quando você não estava aqui.” Por trás daquelas palavras, parecia haver um sombrio oceano de medo e Val não sabia como navegar nele.

— Não chegue muito tarde — disse a mãe, com a voz apagada.

A primeira neve caíra, envolvendo os galhos em gelo e tornando o céu luminoso como o dia. Val tomou o caminho para o parquinho da escola, quando recomeçaram as rajadas.

Ravus a esperava ali, uma sombra negra sentada num balanço pequeno demais para ele, curvado para a frente a fim de evitar as correntes do brinquedo. Usava um encanto que deixava seus dentes menos proeminentes, a pele menos verde. Em quase tudo, porém, parecia apenas ele mesmo, com o sobretudo longo, as mãos enluvadas segurando uma brilhante espada no colo.

Val aproximou-se, enfiando as mãos nos bolsos e vendo-se, de repente, tímida.

— Ei.

— Achei que você devia ter uma só sua — disse Ravus.

Ela estendeu a mão e correu um dedo pelo metal fosco. Era fina, a guarda em forma de hera trançada e o punho sem nenhum tipo de invólucro de couro ou tecido.

— É linda — disse Val.

— É de ferro — ele informou. — Feita artesanalmente por mãos humanas. Nenhum ser encantado poderá usá-la contra você. Nem mesmo eu.

Val pegou a lâmina e a pôs no balanço ao lado do dele e arrastou os pés na neve, tornando-a uma lama barrenta.

— É um senhor presente.

Ele sorriu, com um ar satisfeito.

— Espero que continue a me ensinar como usá-la.

Ele alargou o sorriso.

— Claro que sim. É só você me dizer quando.

— Estou pensando em ir para a Universidade de Nova York. Ruth gosta do departamento de cinema de lá e eles têm uma equipe de esgrima. Sei que é uma coisa diferente do tipo de luta que você tem me ensinado, mas não sei, estive pensando que talvez não seja completamente diferente. E sempre terá o lacrosse.

— Você iria para Nova York?

— Claro. — Val tornou a olhar os pés enlameados. — Mas preciso terminar a escola primeiro. Recebi todas as suas mensagens. — Ela sentia

as faces acaloradas e culpou o frio. — Eu gostaria de saber se tem alguma forma de mandar umas coisas de volta para você.

— Você tem algo contra pássaros?

— Não. O corvo que você enviou era lindo, embora eu ache que não gosta de mim.

— Vou mandar o meu próximo mensageiro esperar por sua resposta.

Pouco tempo atrás, ela poderia ter sido esse mensageiro.

— Você soube alguma coisa de Mabry? O que andam dizendo?

— Os rumores das Cortes dizem que ela era uma espécie de agente duplo, mas as duas cortes a desmentem. Os exilados na cidade sabem que ela era o envenenador... a Corte Luminosa parece afirmar que Mabry vinha cometendo assassinatos a mando da Corte Noturna... mas até agora não a associaram a Dave. Lamentavelmente, receio que o tempo acabará revelando o envolvimento dele.

— E aí?

— O nosso povo é inconstante, de lua, como vocês dizem. O capricho, e não alguma idéia mortal de justiça, decidirá a sorte dele.

— Então você vai voltar para a Corte Luminosa? Quer dizer, agora que sabe a verdade sobre Tamson, não tem motivo algum para ficar exilado.

Ravus abanou a cabeça.

— Não há nada para mim lá. Silarial conta as mortes de forma muito leviana. — Ele estendeu uma das mãos enluvadas e parou o balanço dela. — Vou permanecer o mais perto de você por todo tempo que tiver.

— Basta o tempo de um suspiro de fada que estarei ao seu lado.

Ele correu os dedos revestidos de couro pelos cabelos curtos dela e descansou-os em sua face.

— Vou ficar esperando ansioso.

Fim

Agradecimentos

Sou humildemente grata por ter participado da oficina Sem Nome da Filadélfia (Ann, Gail, Judith, Ricardo, Vicky, Ef, Greg), por me darem um grande começo, e ao Massachusetts All-Stars (Ellen, Delia, Kelly, Gavin, Dora, Sarah), por me fazerem alcançar a linha de chegada. Quando eu não tinha nenhuma confiança em mim, a confiança deles foi inestimável. Muitas pessoas leram este livro em diferentes estágios e ofereceram palavras de encorajamento e conselhos. Agradeço a todos vocês e tenho de agradecer em especial a Phil, Angela, Jenni e Elka, por dizerem a coisa exatamente certa na hora exatamente certa.

Obrigada ao meu incansável editor, Kevin, e ao meu inesgotável agente, Barry, por acreditarem que eu podia tirar, mais uma vez,

o coelho da cartola (e por ignorar todas as vezes em que tirei uma coisa inteiramente diferente).

Acima de tudo, tenho de agradecer a Steve, Josh e Cassie, por suportarem até o fim a infindável escrita e reescrita deste livro, e a Theo, por me suportar durante todo esse processo infindável de escrita e reescrita.



Dig./Rev./Format.

S.A.Y.

Fadas não existem, certo? Bem, pelo menos era isso que pensava Valerie Russel, uma garota de dezessete anos até então parecida com muitas outras que existem por aí. Isso até resolver fugir de casa e ir morar com alguns jovens de rua nos túneis do metrô de Nova York. Logo, Val irá perceber que seus novos amigos são alguns dos poucos humanos que sabem da existência de um universo fantástico, repleto de seres encantados e magia, onde Val terá um papel muito importante a cumprir.



Notes

[←1]

Carro de perfil esportivo fabricado pela montadora japonesa Mazda. (N. da Digitalizadora / Toca Digital)